

A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

Boécio

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

Boécio

PREFÁCIO DE
MARC FUMAROLI

TRADUZIDO DO LATIM POR
WILLIAN LI

wmf martinsfontes
SÃO PAULO 2016

Esta obra foi publicada originalmente em latim com o título
DE PHILOSOPHIAE CONSOLATIONE.
Copyright © 1998, Éditions Rivages, para o prefácio e notas.
Copyright © 1998, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição *1998*
2ª edição *2012*
4ª tiragem *2016*

Tradução do latim
WILLIAN LI

Revisão da tradução
Gilson Cesar Cardoso de Souza (texto latino)
Monica Stahel (prefácio)
Preparação do original
Vadim Valentinovitch Nikitin
Revisões gráficas
Solange Martins
Eliane Rodrigues de Abreu
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Capa
Katia Harumi Terasaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boécio
A consolação da filosofia / Boécio ; prefácio de Marc Fumaroli ; tradução do latim por Willian Li. – 2ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Clássicos WMF)

Título original: De phisolophiae consolatione.
Bibliografia.
ISBN 978-85-7827-613-3

1. Boécio, m.524 2. Deus 3. Felicidade 4. Filosofia e religião 5. Valor (Filosofia) 6. Verdade (Filosofia) I. Fumaroli, Marc. II. Título. III. Série.

12-09132 CDD-100

Índices para catálogo sistemático:
1. Boécio : Filosofia 100

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293-8150 Fax (11) 3101-1042
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Índice

Prefácio
Bibliografia
Biografia
A consolação da filosofia

Prefácio

A consolação da filosofia poderia também intitular-se *Os últimos dias de um condenado à morte*, como a famosa rapsódia humanitária de Victor Hugo. Mas não se trata aqui de uma ficção de advogado hábil brincando com a sensibilidade de seus leitores. A *Consolação* foi escrita na prisão por um condenado à morte. A admiração que essa obra latina do século VI suscitou ininterruptamente desde então não deve nada, ou deve muito pouco, às circunstâncias "trágicas" de sua composição. Trata-se de uma obra-prima da literatura e do pensamento europeu; ela se basta, e teria o mesmo valor se ignorássemos tudo a respeito daquele que a concebeu entre duas sessões de tortura, à espera de sua execução. Mas, dado que essa obra-prima não é anônima, nada perde por ter um autor e ser situada em suas circunstâncias; torna-se também, assim, o testemunho da grandeza à qual um homem pode elevar-se pelo pensamento em face da tirania e da morte. No entanto, a Igreja não fez desse cristão um mártir; não o canonizou. A diocese de Pavia adiantou-se e declarou Boécio, morto dentro dos muros de sua capital, "beato". Na igreja de San Pietro in Cielo d'Oro (século XI) podem ser vistos, superpostos, os sarcófagos de Boécio e Santo Agostinho, este na cripta e aquele no pavimento do coro. Dante, que coloca Boécio no Paraíso, no Céu do Sol, junto aos teólogos, evoca assim o "beato" e sua tumba:

Or se tu l'occhio della mente trani
di luce in luce, dietro alle mie lode,
già dell'ottava con sete rimani
Per vedere ogni ben dentro vi gode
l'anima santa, che il mondo fallace
fu manifesto a chi di lei ben ode.
Lo corpo ond'ella fu cacciata giace

giuso in Cieldauro, ed essa da martiro
e da esilio venne a questa pace.

("Se de luz em luz colocas agora, seguindo meus louvores, o olhar de teu espírito, deves já estar sedento por conhecer a oitava. A visão de todo bem extasia esta alma santa que mostra, a quem sabe bem compreender, que o mundo é enganoso/O corpo do qual ela foi expulsa jaz sobre a terra em Cielo D'oro, e ela, do martírio e do exílio, alcançou esta paz") (*Paraíso*, X, 121-129).

Mas podemos compreender a reserva da Igreja Romana: a *Consolação*, que atesta o gênio de Boécio bem como sua força de espírito, nada deve à religião cristã, mas tudo à filosofia pagã. Um Sócrates da antiguidade tardia, Anício Mânlio Severino Boécio, filho de uma das mais nobres famílias senatoriais romanas, recorreu na prova suprema, não à fé recente que ele mesmo e os seus haviam abraçado, mas à razão mais antiga e mais sábia que suas próprias obras tanto fizeram para incutir no cristianismo: as doutrinas de Platão e Aristóteles. Esse romano helenizado desde as suas raízes preferiu morrer num templo de estilo ático a morrer numa igreja moderna. Mas era um templo construído pelo pensamento, num cárcere, recurso tão *natural* para ele como a pedra da *Sabedoria* e dos *Salmos* para uma outra aristocracia perseguida: Israel. Fala-se muito hoje em dia, e com extrema leviandade, de "cultura", a *cultura animi* de Cícero. A *Consolação* de Boécio restabelece o sentido original e radical que essa palavra carrega: o de uma razão de ser que pode manter de pé, inflexível e fiel, o homem golpeado pelos carrascos.

A tragédia de Boécio e seu heroísmo, se não lhe valeram altares póstumos e a palma do martírio, deveriam ao menos ter inspirado poetas e dramaturgos. Mas nada disso aconteceu. Herói, mas também poeta e dramaturgo, pensador de seu próprio heroísmo, Boécio desencorajou os maiores: até mesmo Shakespeare, cujo platonismo no entanto está freqüentemente em consonância profunda com a *Consolação*; até mesmo Corneille, que no *Polyeucte* tratou, sob a máscara hagiográfica, do "assunto" de Boécio, construindo seu texto com empréstimos da *Consolação*. E, além disso, se a Igreja odiava Boécio por ele não ter testemunhado a seu favor, a literatura talvez não o perdoasse por ter preferido a filosofia. Com efeito, a *Consolação* começa como o relato de um sonho em que a Filosofia aparece como soberana, afastando desdenhosamente suas rivais, as Musas, essas "comediantes", do prisioneiro aflito e que procurava seu socorro. Essa preferência que Boécio assume (assim como outros autores da antiguidade tardia, como Paulino de Nola, Agostinho, Martianus Capella, sejam eles cristãos ou pagãos) pelo menos lhe valeu o favor ininterrupto dos filósofos e dos eruditos. No entanto, é espantoso saber que a rainha Isabel I, cuja ferocidade era

digna de um Teodorico, traduziu em 1593 a *Consolação*: esse luxo de carrasco real seria mais conveniente à sua vítima, Maria Stuart, executada seis anos antes.

Tal como a Filosofia de Boécio não é incompatível com a teologia cristã, sua eloqüência severa não é incompatível com a poesia lírica. Talvez seja até essa maneira singular de alcançar, além de tudo, a mais alta espiritualidade que um cristão possa pretender, e o maior esplendor poético e literário que possa reivindicar um "discípulo das Musas", e tudo isso inspirando-se apenas no *Logos* filosófico, que tenha ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado a Igreja e a Literatura em face da *Consolação*. Boécio, escritor "além de tudo", é fiel a seus mestres Platão e Aristóteles. Mas também está entre os mais raros escritores da antiguidade tardia: não se contenta, como Martianus Capella, em executar em contraponto o diálogo em prosa e o hino versificado; sua própria prosa latina, em sua elegância austera, não se priva do recurso dos chistes, dos ecos, das alusões refinadas que ornavam, com a alegria de tempos mais felizes, os "ensaios" de Aulo Gélio em suas *Noites áticas*. Muitos desses ensaios tinham como cenário um navio, avançando pela noite serena do verão, sob as estrelas, num Mediterrâneo que a estação deixava sem tempestades e o Império Romano sem piratas. As *Noites* de Boécio restringiram-se à escuridão de uma cela. Mas, justamente, a elegância, que permaneceu intacta apesar das conturbações do tempo, torna-se na *Consolação* uma virtude filosófica a mais, uma prova da estabilidade da alma que não renuncia nem mesmo à dança da voz, embora o peso do corpo entregue aos tormentos tente arrastá-la em sua queda.

Esse filósofo, portanto, também foi, até o fim, um grande aristocrata romano enfrentando uma época de barbárie. Ele o foi pelo nascimento, pelo modo de vida, pelas amizades, à frente das quais o ilustre Símaco (Aurélio Menúmio Símaco), "cabeça" do Senado Romano e também ele um letrado consumado: neto do Símaco que apareceu nas *Saturnálias* de Macróbio, tem-se dele uma edição do *Comentário sobre o sonho de Cipião*, outra obra de Macróbio. Ele o foi, enfim, por seu casamento com a filha de Símaco, Rusticiana, pela posição e pelos encargos que ele e seus filhos assumiram em Roma e Ravena. A Itália era então cristã; estava ocupada desde 493 pelo exército e pelo rei dos godos.

Teodorico governava a Itália de Ravena, que foi ampliada sob seu longo reinado com edifícios suntuosos como São Vital, Apolinário o Novo e o Mausoléu do Rei, que ainda hoje admiramos. Mas não havia mais o Império Romano, a não ser no Oriente, sob a autoridade dos Césares gregos de Constantinopla. Roma, no entanto, continuava orgulhosa e, embora despovoada, submetida e parcialmente arruinada, era ainda esplêndida. Tinha seus papas, que já podiam pretender impor sua autoridade sacerdotal e doutrinal a tudo o que havia sido o Império e que ainda não se chamava cristandade. A aristocracia

ainda tinha ali seu Senado, suas honras consulares, cujo fantasma continuava prestigioso, e muitas tradições pagãs, inseparáveis do espírito do lugar, subsistiam em meio à nova ordem religiosa. A corte de Ravena não podia passar sem os serviços da velha aristocracia romana: precisava dela para estar de bem com a corte de Bizâncio, mas também para administrar a Itália. Teodorico, iletrado, mas criado em Bizâncio, era um político suficientemente sagaz para saber que seus godos não tinham capacidade para isso. Manteve-os afastados da corte, em seus feudos, em seus acampamentos, com sua língua e seus costumes guerreiros. Por outro lado, cercou-se de altos funcionários e ministros romanos, exímios nas disciplinas do direito e preparados para fazer funcionar a máquina do Estado. E tanto maior foi seu mérito em empregá-los quanto ele próprio e seus godos pertenciam à Igreja ariana: a aristocracia romana, como toda a Itália ocupada, era católica.

Teodorico é prudente o suficiente para manter um regime de perfeita tolerância entre as duas confissões cristãs. Deixa a Igreja romana tratar de seus próprios assuntos. Essa tolerância política e religiosa (de que também os judeus desfrutam durante seu reinado) permitiu que homens como Símaco e Boécio continuassem donos de seus imensos bens fundiários e conservassem todas as dignidades tradicionais em suas famílias. Aos olhos da população italiana, eles representam, sob o domínio dos godos, a identidade intacta e a continuidade romanas. Fiadores da ordem civil, são chamados pelo rei godo a “colaborar” estreitamente com as tarefas do governo. Em 522, Boécio torna-se em Ravena “mestre de ofícios” de Teodorico, o equivalente a um ministro do Interior. Até sua desgraça em 524, gozou, sob um rei bárbaro e ariano, de uma “felicidade” muito mais completa e ininterrupta do que a conhecida, sob os imperadores romanos do século I Cláudio e Nero, por um Sêneca, que somos tentados a comparar a Boécio por suas riquezas, sua posição na corte e sua obra filosófica. Esse filho de grande família romana pôde receber, portanto, dos melhores mestres pagãos ou cristãos da época, a mais brilhante educação filosófica e literária, digna de um Cícero, seis séculos antes. Ele pôde, em Roma, em sua luxuosa biblioteca, dedicar-se por muito tempo e com toda tranqüilidade aos trabalhos do espírito que faziam parte de sua vocação, mas que ele considerava também como um dever ligado à sua alta estirpe. Em 522, no momento em que é chamado a Ravena, seus dois jovens filhos receberam de Teodorico o título, apenas honorífico havia séculos, mas tanto mais glorioso, de *consul romanus*. Essa alternância entre “vida contemplativa” e “vida ativa” na biografia de Boécio é em si mesma um traço de fidelidade às tradições de sua casta, tal como Cícero as teorizou e explicitou no século I a.C.: um nobre romano, se deve ser letrado e iniciado na filosofia grega, deve também ocupar os cargos civis que lhe

cabem e obrigar-se a exercer as virtudes próprias à vida pública. No Livro I da *Consolação*, justificando numa espécie de autobiografia sua carreira na corte do rei bárbaro, Boécio lembra as ocasiões que suas altas funções lhe ofereceram de impedir injustiças, prevenir ou reparar exações, enfim, preservar o que fosse possível do direito e da moral romanos sob o reinado de um bárbaro. Mas também sugere que para ele foram sacrifícios que culminaram, afinal, na desgraça e condenação à morte. Sua verdadeira vocação, à qual o reduz a solidão do cárcere, é o *otium studiosum*, a paz do estudo, que ele havia saboreado por longo tempo em sua bela biblioteca romana, ornada de painéis de marfim e de espelhos. Ao dever de servir Roma pela ação política e administrativa, Boécio preferiu de longe um outro dever, o de manter, preservar e "ilustrar" a língua e a cultura do Império ocupado pelos godos. Também nessa esfera, sua obra é impressionante. Sua poesia se perdeu quase toda, com exceção dos admiráveis hinos que escandem a *Consolação* e que esta preservou. Em compensação, suas obras de filósofo e as do teólogo que ele não hesitou em ser na sua maioria atravessaram os séculos. Elas alimentaram a reflexão européia durante toda a Idade Média e a Renascença. A escolha dos assuntos tratados por Boécio parece sempre ter sido determinada pelo seu amor a Roma, à latinidade e pela preocupação de se armar melhor para resistir aos tempos sombrios. Filósofo, ele retoma a obra, interrompida, ou quase, desde Cícero, de transpor para o latim a filosofia grega. Esta ainda conseguia, apesar da conversão geral do Oriente grego e do Ocidente latino ao cristianismo, manter-se fértil. Seus dois centros principais eram Atenas e Alexandria. Nessas duas cidades, uma sede da Academia, outra do Museu, os sábios intérpretes de Platão e Aristóteles tiveram sempre discípulos e ouvintes. A tendência era então, como voltará a ser na Renascença, buscar concordâncias mais do que oposições entre os dois sistemas de pensamento e suas respectivas tradições. Em vida de Boécio, os dois principais discípulos de Plutarco de Atenas, mortos em 432, Siriano e Proclo, comentam tanto o *Timeu* de Platão como a *Metafísica* e a *Lógica* de Aristóteles. Em Alexandria, onde o ensino filosófico persistiu (a despeito do linchamento em 415 da neoplatônica Hipácia por uma multidão de cristãos incitados pelos monges), os estudos aristotélicos prevaleciam, mas em constante diálogo com o pensamento de Platão e seus exegetas. Pierre Courcelle defendeu a tese de que o jovem Boécio teria podido, a exemplo de outros jovens romanos de sua casta e de seu tempo, estudar em Alexandria, onde um discípulo de Proclo, Amônio (435/45-517/26), gozava de grande prestígio. Seja como for, na própria Roma, ou em Atenas ou Alexandria, é evidente que Boécio foi muito cedo aluno e leitor dos últimos filósofos do helenismo pagão. Não se contentou com a distinção que esses estudos superiores de filosofia grega conferiam aos herdeiros romanos de

uma aristocracia cristianizada. Sentiu a falta da tradição propriamente latina, brilhante no campo do direito, da moral, da história, da eloqüência e da poesia, mas pouco dada à especulação metafísica e à sutileza dialética. Ele se empenhou portanto em prover a língua latina de tratados que aclimatassem a metafísica platônico-pitagórica, a lógica de Aristóteles e dos estóicos gregos. Com o tempo, tornou-se dessa forma um mediador entre as escolas gregas da antiguidade tardia, herdeiras de um helenismo milenar, e a Idade Média Latina. Temos dele um tratado intitulado *Aritmética*, dedicado a Símaco, que consiste numa adaptação latina de um manual de Nicômaco e era usado tanto em Atenas quanto em Alexandria; um tratado teórico de música, *De institutione musicae*, onde distingue "música cósmica", "música humana" e "música instrumental", e do qual sobreviveu somente a parte que trata da terceira espécie. Cassiodoro (que sucederá Boécio como "mestre de ofícios" na corte de Ravena) nos informa, nas suas *Institutiones*, escritas no fim de sua vida no retiro de Squillace, que Boécio também redigira em latim um tratado de astronomia e outro de geometria, cobrindo assim toda a extensão do que o ensino superior medieval chamará de *Quadrivium*. Esses dois últimos tratados se perderam quase por completo. No entanto suas obras de lógica foram conservadas: comentários sobre as *Isagogae* de Porfírio, um comentário dos *Topica* de Cícero, a tradução latina do tratado *Da interpretação*, dos *Primeiros analíticos*, e dos *Tópicos* de Aristóteles, enfim, das obras de lógica de Aristóteles às quais deve-se acrescentar um comentário sobre as *Categorias*. Não satisfeito com esse *Aristoteles Latinus*, Boécio redigiu uma série de monografias sobre questões técnicas: "Sobre a divisão", "Sobre o silogismo categórico" e "Sobre o silogismo hipotético". A tradição intelectual propriamente latina encontrava-se, afinal, graças a ele, dotada de um equipamento conceitual do qual puderam aproveitar-se os teólogos medievais antes dos humanistas da Renascença. Mas Boécio tinha preocupações mais imediatas. Esses manuais, essas obras de síntese, essas traduções deviam servir para a educação da elite latina, mesmo no caso, então ameaçador, de as escolas helênicas serem fechadas. Era preciso completar a enciclopédia em língua latina para que a educação de uma elite pudesse ser completa, permitindo-lhe assumir seu papel num jogo temível em que a superioridade da cultura ainda era seu principal trunfo. A ginástica intelectual dos dialéticos gregos era indispensável para aguçar o espírito de juristas, de diplomatas, de homens de Estado ou de Igreja que, na falta do poder militar, em mãos dos bárbaros, eram os únicos capazes de manter a tradição romana. Era também um exercício espiritual, uma técnica de conhecimento e de contemplação da ordem racional do mundo para além das vicissitudes e circunstâncias históricas: em última análise, ela dava acesso aos arcanos do *Logos* divino. O próprio Boécio fez essa experiência.

Para um aristocrata de seu nível, que se sentia responsável pela herança de Roma, aristocracia do universo, essa iniciação em latim à arte de pensar dos gregos, que misturava todas as escolas, completava o acesso dos seus pares a mais uma aristocracia, a dos filósofos. A partir disso, tornar-se indispensável ao rei godo e ser excelente na administração e na diplomacia não passavam de um jogo. Tornava-se então possível intervir no campo de batalha mais confuso e delicado que a "modernidade" da época havia aberto: a disputa que opunha teólogos do Oriente e do Ocidente sobre a definição da Trindade e da natureza de Cristo. O que estava em jogo na disputa não podia deixar indiferente um aristocrata romano mesmo de família recém-cristianizada: era o próprio princípio da unidade do Império que a nova fé deveria cimentar e que essas divisões doutrinais abalavam ainda mais. A disciplina lógica em que Boécio se fizera mestre, tanto em grego como em latim, permitiu-lhe tornar-se um dos grandes especialistas da teologia de seu tempo. Romano, Boécio era conseqüentemente católico romano, em comunhão com a autoridade doutrinal universal postulada pela Sé de São Pedro. Isso equivalia a aderir ao Símbolo de Nicéia, mas também à definição da Trindade e da natureza de Cristo, um em duas pessoas, teoria que fora adotada pelo Concílio de Calcedônia em 451 e que Roma sustentara sem reservas. Constantinopla era mais hesitante ou mais matizada. Os tratados de teologia de Boécio, que são cinco, forneciam à teologia latina os meios conceituais de dialogar com os teólogos gregos de Bizâncio e de eliminar alguns mal-entendidos de ordem técnica entre as duas sés rivais. Eles contribuíram, a longo prazo, para aproximar a interpretação das fórmulas calcedônicas de Roma e Bizâncio. Talvez a vontade de Boécio de trabalhar pela reunificação da Igreja em torno do catolicismo romano seja a outra face de um projeto mais propriamente político: o de reconstituir a unidade do Império com a ajuda de Bizâncio, o que supunha a eliminação do reino godo da Itália. Não teria sido esse projeto bruscamente interrompido pela desgraça de 524?

Em 524, em todo caso, o senador romano Albino é denunciado a Teodorico: ele mantém uma correspondência secreta com o imperador Justino e conspira com Bizâncio contra o rei godo. Boécio, o Mestre de Ofícios, assume publicamente e diante do rei a defesa de seu colega no Senado: "Os acusadores de Albino são mentirosos", teria dito. E acrescentou também, de maneira sibilina: "Mas, se Albino fez aquilo de que o acusam, eu mesmo e todo o Senado fizemos o mesmo. E isso é falso."

Essas palavras ousadas levantaram suspeitas. Os delatores de Albino tomaram-nas como pretexto para acusar também o poderoso ministro de ter participado do conluio, de também ter, em suas cartas, deplorado a perda da "liberdade romana", de ter até se dedicado a estudos de magia para suscitar os

demônios em favor de sua causa. Em 519, um cometa atravessara o céu da Itália, espalhando terrores de fim de reinado. Em 522 Teodorico perdera seu genro visigodo, Eularico, o único capaz de exercer vigorosamente a regência em caso de desaparecimento do rei. Em 523 um papa, João I, ascendera ao trono de São Pedro graças ao auxílio de Boécio: ele era partidário da conciliação com o patriarcado de Bizâncio. Teodorico, que estava ficando velho, teve então razões para acreditar que a aristocracia romana estava começando a traí-lo. Mandou prender Albino e Boécio, rompendo assim, bruscamente, sua política de tolerância geral. Albino, transferido para Verona, lá foi, decerto, imediatamente executado. Boécio foi levado para Pavia; um processo sumário, no qual ele não foi ouvido, decidiu por sua condenação à pena capital. Por um refinamento de crueldade, seus juízes foram os próprios senadores romanos, seus pares, de quem se fizera fiador em sua defesa de Albino. A sentença não foi aplicada imediatamente. Um grande personagem como Boécio podia servir de refém no jogo que se desenrolava entre Ravena e Constantinopla.

Conforme as oscilações dessa "guerra fria", a prisão de Boécio em Pavia teve que passar por diversas fases, algumas amenizadas pelo auxílio de seu sogro Símaco, que não fora atingido; outras foram atrozes. Uma crônica anônima de Ravena, confirmada pela *História secreta* de Procópio, descreve uma das torturas às quais ele foi submetido: uma correia de couro apertada em torno do crânio fazia saltar das órbitas os globos de seus olhos. Nos intervalos desses sofrimentos, ou nos momentos em que seus guardas podiam ser subornados por Símaco, Boécio conseguiu escrever a *Consolação da filosofia* e fazer com que o manuscrito chegasse aos seus. Quando a notícia da execução foi conhecida, Símaco não dissimulou sua dor e sua indignação: foi conduzido a Ravena e morto. O papa João I, que Teodorico obrigara a encabeçar uma embaixada a Constantinopla, morreu na volta, não sem suspeitas de assassinato político. O reinado pacífico de Teodorico, que morreu em 30 de agosto de 526, terminou portanto em terror. A ruptura entre o rei godo e seus súditos italianos não pôde ser reparada por seus herdeiros, a filha Amalasonta e o neto Atalarico. O terreno, portanto, estava propício para Constantinopla, que, sob o imperador Justiniano, conseguiu conquistar a Itália vencendo os godos.

*

* *

Procópio, em sua *Guerra dos godos*, retrata os últimos dias de Teodorico, que se tornou um tirano sanguinário, com características dignas de um Macbeth.

Ele nos conta que o velho rei, a quem serviam durante um banquete um enorme peixe, acreditou reconhecer na cabeça do peixe a de Símaco, que o fixava com um olhar insustentável. O rei teve de se retirar do banquete para dissimular seu desvario. E o historiador bizantino, intérprete da opinião pública romana e bizantina, atribui a esse remorso o rápido fim do tirano ariano.

Nessa tragédia complexa, onde se entrelaçam fios políticos e religiosos no pano de fundo de intrigas de corte, Boécio e Símaco, tanto para a história quanto para a lenda, aparecem no papel de heróis. Inscrevem-se naturalmente num longo desfile de mártires da "liberdade romana", vítimas da tirania: Cícero assassinado por Marco Antônio, Sêneca obrigado por Nero a suicidar-se, e todas as altas figuras de senadores estóicos, celebrados por Tácito, que foram martirizados por Tibério e Calígula. Embora godo, Teodorico, por sua feroz "injustiça", representando o tirano louco, entra também na galeria dos sombrios "quadros da história" tão característicos da crônica romana. Desta vez, no entanto, as protelações do tirano deixaram à sua vítima o tempo necessário para preparar a mais brilhante derrota que o espírito pode infligir à força: uma obra-prima escrita na prisão, a *Consolação da filosofia*.

Apesar da ajuda e do alívio que o prisioneiro de Pavia pôde, por um tempo, receber de Símaco, é bastante improvável que ele tenha tido à sua disposição, para escrever, algo além de tabuinhas e um estilete. Nenhum livro. Ora, a *Consolação da filosofia*, conforme demonstrou a "Concordância" estabelecida por Cooper (1928) entre a *Consolação* e os cinco tratados teológicos de Boécio, bem como o estudo de fontes de Gruber (1978, *Kommentar zur Boethius*), é literalmente tecida de remissões a textos poéticos e filosóficos que, por si sós, formariam uma bela biblioteca. E isso não deve nos surpreender.

Como todos os antigos letrados, Boécio tinha à sua disposição na memória, treinada desde a infância, os textos clássicos. Aprender a ler era, ao mesmo tempo, "apreender" o texto lido, fixá-lo no espírito, abrigá-lo num compartimento da memória, organizada e aumentada gradualmente, como uma vasta biblioteca invisível, mas não silenciosa: os textos lidos e aprendidos em voz alta podiam também ser evocados em voz alta ou por uma voz interior que conseguia, à sua vontade, repeti-los, compará-los, meditá-los. No livro X das *Confissões*, Santo Agostinho evoca de maneira arrebatadora os "entrepostos", os "palácios" da memória letrada em que ele pouco a pouco armazenara toda a enciclopédia das artes liberais ao longo de sua juventude aplicada e de seus estudos de adulto. Boécio, organizado segundo o mesmo modelo, era senhor em sua prisão de Pavia, não somente dessa enciclopédia de que fala Santo Agostinho, mas também dos poetas latinos de que o Padre da Igreja se nutria, embora não dissesse uma palavra sobre isso, por serem eles pagãos, e dos poetas

e filósofos gregos, bem como de seus comentadores, que Santo Agostinho só conhecia por seus intérpretes latinos. Podemos até afirmar que, em certo sentido, a situação do prisioneiro era mais favorável do que a de que gozara por muito tempo como grande senhor em sua rica biblioteca. Pois então ele se entregara a trabalhos de técnico, que exigiam a consulta de *volumina* raros e a confrontação de passagens complicadas. Trabalhara como filólogo e erudito tanto quanto como filósofo. Na prisão, reduzido à sua memória, forçado a encontrar nela recursos espirituais para enfrentar os sofrimentos, a solidão e a morte, ele deixa de ser um tradutor, comentarista, erudito; ele se torna "autor", ou diríamos hoje, com uma palavra equívoca, "criador". É uma maneira de falar que teria desagradado tanto a Boécio quanto a Santo Agostinho, que, nas *Confissões*, pela vontade de um exercício espiritual, coloca-se numa situação análoga, só, sem livros, à mercê de Deus. Então ele pede à sua memória que se faça palavra, e à sua palavra que se eleve a Deus, que lhe abra caminho até Ele. Boécio, por sua vez, joga com os dois sentidos da palavra memória: um passivo, associado à metáfora do receptáculo; outro ativo, associado à metáfora da viagem e mesmo da volta da alma a seu lugar natal. A Filosofia, interlocutora de Boécio nesse "sonho" que é mais um despertar, recrimina o prisioneiro, que ela educou em sua infância e adolescência, por ter deixado seu ensinamento cair na memória-receptáculo, onde não era mais que letra morta; sua própria aparição, despertando Boécio, recoloca-o no caminho da anamnese; com ela todas as palavras, as noções, os encadeamentos aprendidos e que se haviam "depositado" na memória tornamse novamente palavra de vida, veículo em movimento que afasta a alma da tristeza, da fraqueza, da dúvida para conduzi-la a um porto seguro. No entanto, não se deve exagerar a antítese entre memória-receptáculo e memória-movimento, memória-depósito e memória-veículo. Se a ascensão de Boécio é possível, é também porque ele dispunha de recursos interiores prontos para serem usados. Nós aprendemos, com Montaigne, que "saber de cor não é saber". Mas aprendemos isso com um letrado moderno, confortavelmente instalado em sua torre-biblioteca, cercado de livros impressos que ele folheia e relê à vontade. Para ele é fácil dar-se como exemplo de um espírito vivo e livre, passando levianamente sobre a "tábua rasa" de um gênio aliviado dos pesos livrescos. Trata-se em grande parte de uma ficção lisonjeira. Ela é característica das ilusões a que deu origem o livro impresso, que fez parecer supérflua a arte antiga e medieval da memória. De fato, nada substitui os textos clássicos aprendidos de cor muito cedo. Eles viverão em nós durante toda a nossa existência, despertando para seu sentido, de início adormecido, à medida que nossa experiência de adulto é capaz de reconhecê-los. É então que eles estão prontos para nos apoiar nas provações e, se somos escritores, a prefigurar e a

sustentar nossos próprios desafios ao silêncio. O progresso técnico em nada muda as leis da biologia literária, filosófica, espiritual. O que Boécio nos ensina, com tanta autoridade hoje como no século VI, é que a única cultura fértil, oral ou escrita, é a que trazemos intimamente em nós, são os textos clássicos inesgotáveis inseminados na memória e cujas palavras tornam-se fontes vivas, à prova da tristeza, do sofrimento, da morte. O resto, de fato, é “literatura”.

Para esse recurso aos mestres de vida, cuja voz foi gravada há muito tempo mas que os ruídos do mundo encobriram, Boécio escolheu uma forma clássica: será sua variante pessoal do diálogo platônico. Os interlocutores: a Filosofia (a Diotima de Platão, a Beatriz de Dante), e o próprio Boécio, reduzido à humildade e ardente condição de um discípulo em busca da verdade e da salvação. A encenação do diálogo e dos poemas que dão ritmo ao desenrolar libertador deve algo a outra obra-prima da antiguidade tardia, muito lida durante toda a Idade Média e Renascença: as *Núpcias de Mercúrio e da Filologia,* de Marciano Capella. Esse autor era um romano da África do Norte, como Santo Agostinho e Apuleio. Ele compôs seu livro em Cartago, sob a dominação dos vândalos, entre 460 e 470. Letrado de alto nível, escrevendo para a instrução de seu filho, resumiu, “sob o olhar dos bárbaros”, a cultura greco-romana em linguagem alegórica. As *Núpcias* são já um sonho que desperta. Vê-se ali a Virgem Filologia, sob a conduta da Sabedoria, deixando suas primeiras mestras, as Musas, e percorrendo a ordem das esferas celestes, para enfim receber a homenagem das Sete Artes (Gramática, Dialética e Retórica, o *Trivium* medieval; e em seguida a Geometria, a Aritmética, a Astronomia e a Harmonia Musical, o futuro *Quadrivium*). Ele se eleva assim, gradualmente, ao conhecimento e à contemplação da ordem divina do mundo. Como em Platão, a ascensão do conhecer em Marciano Capella é inseparável do entusiasmo poético, e a prosa dialogada desse grande sonho de libertação dá lugar regularmente à métrica. Tal como Boécio, Marciano Capella não faz alusão ao cristianismo. A salvação da alma imortal, nesses dois autores contemporâneos dos tempos bárbaros, é uma promessa que o helenismo foi o primeiro a fazer e o primeiro a saber manter. A Roma do *Sonho de Cipião* já tinha sido convertida muitos séculos antes de aderir oficialmente ao cristianismo.

Nascida de uma tragédia, a *Consolação* de Boécio é muito mais tensa que as *Núpcias*. Também tem um estilo mais nervoso, menos barroco. Assim que a situação é criada (o sonho, a entrada em cena da Filosofia, seu retrato, a expulsão das Musas), tudo se resume a um diálogo severo e cerrado (entremeado de admiráveis vôos poéticos) entre ela e o prisioneiro, transfigurado em discípulo. Há tão pouco enternecimento quanto nos *Pensamentos* de Pascal: a urgência é muito premente. A direção de consciência da Filosofia é proporcional

ao que está em jogo: muito dura no início, sempre firme, nunca fria. Ela começa por obrigar seu discípulo a tornar-se realmente um discípulo. Isso supõe que ele expulse de si mesmo a dor de homem político e de cortesão caído em desgraça, a revolta contra a injustiça, a angústia de prisioneiro separado dos seus, privado de seus bens e que logo estará privado também da vida. Essa expulsão do passivo biográfico dá lugar a um belo trecho de *Memórias*, que ocupa o capítulo 4 do Livro I. Texto germinal, em que se deve ver o "incunábulo" de um gênio literário votado, após uma incubação de dez séculos, a uma espantosa floração na França, de Commynes a Retz, de Saint-Simon a Chateaubriand.

Essa operação purgativa culmina num poema inspirado diretamente nos coros dos Trágicos gregos e de Sêneca. Boécio conclui de seu destino pessoal a questão geral e central que vai, a partir de então, servir-lhe de viático:

Nihil antiqua lege solutum
Linquit propriae stationis opus.
"Nada, ó Deus, escapa à ordem de tua antiga lei,
Nada deixa de realizar o ofício que fixaste."

Omnia certo fine gubernans
Hominum solos respuis actus
Merito rector cohibere modo.
"Governando todas as coisas segundo um fim que te é conhecido,

Os atos só dos homens,
Tu não os obrigas embora o possas de pleno direito."

Por que esse contraste entre a ordem do mundo e a desordem que sua própria liberdade introduz entre os homens, entre a justiça do céu e as injustiças que triunfam na terra? A esse problema, já levantado por Sófocles, Boécio, ainda amargo e abatido, só pode responder no momento por uma súplica:

Rapidos rector comprimere fluctus
Et quo caelum regis immensum
Firma stabiles foedere terras.
"Mestre do universo, retém o crescimento dessas torrentes
E restabelece a ordem sobre a terra pelo mesmo pacto estável
Que regula o movimento do imenso céu."

É então que começa verdadeiramente a maiêutica da Filosofia. O tempo urge. Embora Boécio não se inquiete com o desprendimento do grande senhor,

com a realidade de sua situação, um símbolo informa indiretamente o leitor. Sobre as vestes da Filosofia, tecidas com suas próprias mãos, tal como o *peplos* de Atena na *Ilíada*, mas que foram rasgados, podem-se ver, bordadas ou pintadas, uma sobre a outra, as duas letras gregas Pi e Theta, ligadas pelos degraus de uma escada. Como mostrou Henry Chadwicck, o Theta era então a marca infamante impressa na carne dos condenados à morte, para distingui-los dos outros prisioneiros. Boécio sofreu essa queimadura. No símbolo que orna as vestes rasgadas da Visitante, como não ver a ligação entre a condenação à morte e a ascensão espiritual de que ela é o ponto de partida? Com ele, em sua prisão da alma, agora simplesmente prisão, somente resta a Boécio a Filosofia para partilhar a prova suprema e para carregar com ele o Theta infamante com que todos os homens estão marcados sem saber; o equivalente filosófico da Cruz. Na "Paixão" de Boécio, a alta figura da Filosofia toma o lugar das "mulheres santas". E o socorro que ela veio lhe trazer é o da conversão que antecipa, prepara a morte e lhe dá um sentido libertador. A "conversão", para nós, é um raio que repentinamente afasta dos erros do mundo e revela a realidade de Deus, "caminho, verdade e vida". A *Consolação* de Boécio nos torna testemunhas de uma conversão menos misteriosa, embora igualmente completa. Aquilo que, na rapidez intuitiva das conversões religiosas, fica implícito, alusivo, indizível, é, nesta conversão filosófica, metodicamente revelado, ponto por ponto, em plena luz da razão. Nada que a Filosofia ensina a Boécio é novidade para ele. Formado desde a adolescência pela escola de filósofos gregos, todos os argumentos que a Visitante opõe à tristeza do condenado à morte lhe são familiares há muito tempo. Eram até então raciocínios armazenados na memória. Na prisão, às vésperas de sua execução, Boécio, pela voz da Filosofia, ouve despertar em si todo esse encadeamento esquecido de razões, e agora estas se tornam eficazes, provocam enfim a transformação do olhar interior e de todo o ser que postulavam desde o início, mas apenas em teoria. "Eu vejo, eu sei, eu creio, eu sou desabusada", exclamará a Pauline de Corneille sob o efeito precipitado da graça cristã. A *Consolação* de Boécio é uma vasta amplificação desse alexandrino que resume admiravelmente toda conversão. Mas é uma amplificação que se atém aos recursos da filosofia; ela lhes atribui o mesmo poder de iluminação que a graça teológica.

Se Boécio, respondendo ao desafio da condenação capital, deve tornar-se filósofo, é porque havia cessado de sê-lo, ou melhor, porque sempre o fora apenas como doutor em filosofia. Ao longo de sua carreira de homem de corte e de Estado, mesmo que esta tenha sido irrepreensível, deixou crescer em si uma *persona* ilusória, cuja óptica sobre os seres e sobre as coisas superou o ensinamento de seus mestres: é essa máscara, que deforma a realidade, que foi

removida fisicamente pelo infortúnio. É ela que a Visitante deve antes de tudo fazer cair: a Teodorico, só deixará isso.

Não nos esqueçamos de que a sua maiêutica age no interior de um sonho. E esse sonho já é o início de uma conversação. Ele supõe, com efeito, que a alma de Boécio já seja capaz de se desligar do lugar empírico em que o homem de Estado foi encerrado, de reconhecer nele a metáfora da caverna platônica, de se preparar para a viagem da reminiscência, à verdadeira pátria. O sonho inaugura essa completa mudança de óptica e a Filosofia aparece para completar seu movimento. Nessa inversão da adesão do ilusório ao real, é todo um pensamento clássico e helenístico que se resume e se mobiliza, mas numa situação tal que essa "repetição", que tem o sentido do ensaio para o ator de teatro, deixa de ser um discurso escolar e se torna ato regenerador e libertador. Vemos Boécio, sonhando na sua prisão, elevar-se, de degrau em degrau, à mesma liberdade que Polieucto na sua, e o leitor francês não terá nenhuma dificuldade em reconhecer nessa espiral ascensional em direção ao Sumo Bem o modelo das célebres *Estâncias* do ato IV cena 3:

Saintes douceurs du Ciel, admirables Idées,
Vous remplissez un coeur qui vous peut recevoir
De vos sacrés attraits les âmes possédées
Ne conçoivent plus rien qui les puisse émouvoir.
Vous promettez beaucoup et donnez davantage.

Vos biens ne sont point inconstants,
Et l'hereux trépas que j'attends
ne vous sert que d'un doux passage
Pour nous introduire au partage
Qui nous rends à jamais contents…

"Santas doçuras do Céu, admiráveis Idéias,
Vós preencheis um coração que vos pode receber,
De vossos sagrados atrativos as almas possuídas
Não concebem mais nada que as possa comover.
Prometeis muito e dais ainda mais.

Vossos bens não são inconstantes,
E a feliz morte que espero
Vos serve apenas como doce passagem
Para nos introduzir à partilha
Que nos torna contentes para sempre."

O Livro II e o início do Livro III da *Consolação* descrevem com efeito como um coração pode se esvaziar de tudo o que o ocupava indevidamente, e que fazia as vezes "dessa felicidade garantida, sem medida e sem fim/Acima da inveja e acima do destino", de que Polieucto descreve para Pauline a força de atração vitoriosa no Ato IV, cena 4 da tragédia de Corneille. A Filosofia se empenha em curar, recorrendo a uma estratégia espiritual de origem estóica, o sentimento da infelicidade que pesava no coração de Boécio antes de ela aparecer. Boécio perdeu as riquezas, as honras, o poder, os prazeres, que constituem a felicidade dos homens? O que são esses bens que, se possuem o "brilho do vidro", também têm sua "fragilidade"? Bens perturbadores e perturbados, parciais, fugazes, mais ilusões do que bens. Sua perda, longe de ser uma desgraça, é antes a maior oportunidade que pode ser dada a uma alma para que se renda à evidência: sua verdadeira inclinação, sua vocação última não se alinha com essas "felicidades" que comprazem apenas às paixões do corpo, cegando-o quanto à sua irrealidade. Mesmo a amizade, o sumo bem conhecido pelo homem antigo, não deve padecer essa desgraça, que isolou os verdadeiros amigos, raros, da multidão dos amigos interesseiros. Ao fim dessa crítica impiedosa, Boécio, que perdeu tudo, convenceu-se de que não perdeu nada que valha lamentar. O véu de ilusões em que acabara vivendo dissipou-se duplamente: sob os golpes da desgraça e da condenação à morte, e depois sob o aguilhão da Visitante, que expulsara até as últimas formas de fascinação pelos bens terrestres perdidos, dor e luto. Boécio está nu, marcado para a morte, e é nesse estado que ele pode, enfim, nascer. A essa fase negativa, à qual se entregaram os mais profundos e mais graves dos modernos (pensemos em Samuel Beckett), sucede-se, na *Consolação*, um hino de libertação. A outra fase da conversão começa, e ela é inaugurada por um grande hino de celebração de ordem divina:

> *O qui perpetua mundum ratione gubernas*
> "Ó tu que governas o universo segundo uma ordem eterna…"

Não é Boécio que o entoa, mas a Visitante, que, com esse poema, escancara-lhe a porta que leva à harmonia eterna. O clima filosófico muda: da protréptica moral de tipo estóico, apropriada à cura pessoal e afetiva, passamos a um registro aparentemente mais abstrato, o da teodicéia de inspiração platônica. No entanto, de um registro a outro, a mestra e seu discípulo não cessam de recorrer, em sua ardente conversação, ao rigor dialético comum, à Academia, ao Liceu, ao Pórtico. Por mais exaltada que esteja pela visão da pátria divina e pelo desejo da verdadeira felicidade, a alma de Boécio insiste em não deixar sua razão

insatisfeita, e em eliminar todas as sombras que o impeçam ainda de se abandonar a esse anseio de Deus. O prisioneiro, voltando a tornar-se filósofo, já se libertou da opressão subjetiva da infelicidade que pesava sobre seus sentidos e seu coração. É preciso agora libertar-se do peso de uma dúvida, de gravidade diferente, que atormenta sua razão: o problema da desgraça *imerecida*, em toda a sua generalidade, independente de qualquer aplicação pessoal e biográfica. E é respondendo a essa questão que a Filosofia vai começar verdadeiramente a fazer o olhar interior de Boécio mudar de rumo, a demovê-lo da mistura das aparências e da realidade que confunde a própria razão neste mundo sublunar, a ensiná-lo a reconhecer a verdade de Deus. Como pode Deus, a própria Bondade, a Idéia do Bem, permitir em alguma parte de seu universo uma desordem tal que os inocentes sejam oprimidos e os criminosos recompensados? É a pergunta que Boécio já fazia no fim de sua "autobiografia", mas desta vez isenta de qualquer marca subjetiva e particular. A essa objeção da razão, a Visitante responde levando ao extremo a inversão das aparências iniciada no Livro I. A desgraça terrestre dos inocentes é na realidade a prova de sua inocência e da sua inclusão na ordem eterna que preside ao universo. O triunfo dos maus é, à imagem destes, "talhada no tecido dos sonhos", do não-Ser; consagração ilusória do erro a que os levou a escolha do mal, ou seja, do nada.

Vendo as coisas do ponto de vista de Deus, essas aparentes desordens e injustiças são os paradoxos semânticos resultantes, na terra, do entrelaçamento da ordem desejada por Deus e da liberdade humana, abrindo seu caminho na matéria sujeita à geração e à corrupção. Esses paradoxos terríveis, ao mesmo tempo que respeitam a liberdade humana, não afetam em nada a arquitetura e a música do universo, nem seu princípio divino. Na luz do Ser eterno e incorruptível, o bem sobre a terra é recompensado apenas pelo fato de ser bem, participando da Bondade de Deus. O mal é castigado apenas pelo fato de ser mal, privando-se voluntariamente da bondade de Deus. E, quanto mais os maus exercem vitoriosamente o mal, mais o poder de que acreditam usufruir os mergulha na miséria e rebaixa suas almas ao horror dos animais selvagens. A própria impunidade, na visão humana, da qual imaginam prevalecer, é o pior dos castigos que lhes são reservados: sua ruína e sua perda os aliviariam de parte de seus crimes e lhes ofereceriam uma oportunidade para despertarem para sua verdadeira condição. Para ver dessa forma, ao contrário das aparências e da interpretação que a humanidade, iludida, dela nos dá, é preciso ter-se elevado firmemente ao ponto de vista sob o qual não há Ser, não há realidade a não ser em Deus, e no Bem que faz do universo um *cosmos*. É preciso ter abandonado o ponto de vista limitado que, abrangendo apenas o teatro terrestre, percebe nele apenas o império da Fortuna, cujos fluxo e refluxo, patéticos e absurdos,

desafiam a Justiça eterna que ordena todo o universo. É preciso ter deixado de estar cego à luz do Ser, que abandona a maldade ao horror invisível, vertiginoso, do Não-Ser. Numa fórmula de admirável densidade, a Filosofia declara: *Malorum possibilitatem non esse potentiam*: a capacidade de fazer o mal deixada aos maus não é um poder. Ela não se enraíza na única realidade viva, que é o Bem, que é Deus, que é a ordem desejada por Deus. Ela não pode atentar contra a alma humana, que, vinda de Deus, caminha para Deus. Carrascos e vítimas só o são num teatro de sombras que é preciso ver do outro lado: então, os carrascos o são de si próprios e as vítimas são os vencedores do grande jogo cósmico. A luz divina os envolve. E a Visitante traça para Boécio um retrato, ou melhor, uma radiografia divina dos tiranos, que deveria bastar para curá-lo de todo ressentimento contra Teodorico:

> *Quos vides sedere celsos solii culmine reges*
> *Purpura claros nitente saeptos tristibus armis*
> *Ore torvo comminantes rabie cordis anhelos*
> *Detrahat si quis superbis vani tegmina cultus*
> *Jam videbit intus artas dominos ferre caternas.*

> Esses reis altivos que vês assentados no alto em seus tronos
> Brilhantes de púrpura, cercados de severos homens de armas,
> Proferindo ameaças com o semblante turvo, gritando no frenesi de seu coração,
> Se esses soberbos se virem despojados de seu esplendor vazio
> Deixarão aparecer, esses senhores, as correntes que os prendem
> E que eles trazem dentro de si…

Mas resta ainda uma objeção a ser eliminada para que a derrubada das aparências se realize e a razão acabe por se render. Neste teatro do mundo, como conciliar a liberdade humana e a onipotência providencial de Deus? Os dois últimos livros da *Consolação* são dedicados a desenredar essa dificuldade. A Filosofia faz Boécio reconhecer que a presciência divina não é um determinismo, mas que, por isso mesmo, ela não abandona a alma que escolheu o Bem aos caprichos cegos da Fortuna. O ato livre não é uma ilusão, mesmo que a escolha do mal busque para si álibis na Fortuna e na Fatalidade. A escolha do Bem, em compensação, superando o peso do corpo e o horizonte ilusório do tempo, é o próprio exercício da liberdade, a participação do homem na ordem divina, seu concurso para a harmonia transcendente do universo. Sobre esta terra de ilusões e provas, o herói e o santo, previstos mas não predeterminados por Deus, fazem pressentir por sua liberdade a plenitude feliz, total, definitiva da ordem cósmica, de quem eles foram aliados e testemunhas no interior do tempo

terrestre.

Superata tellus/Sidera donat: A terra superada/Dá as estrelas.

Resta compreender ainda essa derrubada das aparências nela mesma, a possibilidade da conversão, que reorienta o desejo para a verdadeira felicidade, o conhecimento apenas para a realidade, a liberdade para sua verdadeira fonte e seu único fim. A Filosofia, nas últimas páginas da *Consolação*, desvela a hierarquia dos modos do conhecimento: um mesmo fato, aqui na terra, pode ser compreendido pelo direito e pelo avesso. O conhecimento pelos sentidos e pela imaginação só mostrou os fatos em sua singularidade, privados de seu sentido universal, prontos a fazer com que se conclua que a injustiça se abate sobre os inocentes e que o determinismo escarnece das vontades humanas. O conhecimento racional, superando essas visões distorcidas pelo corpo e pelos meios terrestres, é capaz de se elevar à visão do universal e de compreender a ordem cósmica velada. O conhecimento prisioneiro do tempo, enganado pela sucessão fragmentada do passado, do presente e do futuro imediato, é de uma ordem inferior e ilusória; há um outro conhecimento que adota sobre o tempo o ponto de vista da eternidade, e substitui a fragmentação dos instantes por uma visão espacial e unificadora, em que tudo se junta para encontrar a plenitude de seu sentido. Nesse grau, a razão, partilhando de antemão a visão divina, pode contemplar a unidade do Bem onde se acumulavam os paradoxos da inocência oprimida, da maldade triunfante, da liberdade escrava do determinismo. Boécio segue assim Tamíris de Bálanco (*Orfeu*, IX): “Os modos do tempo e dos corpos só têm realidade para nossos sentidos frágeis e fugidios, mas nós mesmos só sabemos por nossos pensamentos e nossos sentimentos. Quando a cegueira me ensinava as maravilhas do mundo em que não temos mais necessidade dos sentidos para conhecer, eu compreendia como, para a inteligência libertada dos órgãos, o passado, o presente e o futuro são contemporâneos: assim, finalmente, começava a se levantar diante de mim a cortina brilhante dos seres, dos elementos, da natureza variada e infinita em sua admirável variedade.”

Essa conversação ardente e abstrata é ao mesmo tempo conversão e teodicéia. Ela termina bruscamente, sem conclusão. O silêncio súbito é a maneira mais elegante de despedir as testemunhas; todos se separam, o homem Boécio se retira para se entregar a uma ação indecente e muito pessoal: seu último suplício; a alma de Boécio não tem mais necessidade de palavras para entrar na paisagem estelar que o diálogo sonhado com a Filosofia lhe abriu e entregou; cumpre aos leitores meditar esses dois acontecimentos, invisíveis por

motivos bem diferentes. Esse pudor, que contrasta com a expressão da agonia à qual a arte religiosa desde então cedeu com tanta freqüência, faz-nos compreender uma das regras da tragédia clássica francesa: evitar mostrar a morte, violenta ou não, em cena. Ele nos faz compreender também por que o maior pintor francês, o mais clássico de todos, evita pintar, tanto quanto possível, as ascensões das almas ao Céu. O desastre fisiológico da morte está aquém da arte, a felicidade da alma, filosófica ou religiosa, está além. A *Consolação* de Boécio indica e respeita os limites no interior dos quais a linguagem pode sustentar e seguir o homem em face dos seus últimos fins.

A consolação da filosofia é um dos grandes clássicos que nutriram o pensamento e a literatura europeus. Lêla é ouvir uma voz familiar que obras-primas mais recentes trouxeram até nós. Já citei Corneille, é preciso também citar Shakespeare, o de *Medida por medida* e de *Ricardo II*. Um dos textos fundadores da Renascença, o *De remediis utriusque fortunae* de Petrarca, livro de cabeceira dos humanistas dos séculos XV e XVI, é uma paráfrase da *Consolação*. Mas como deixar de citar o Pascal dos *Pensamentos*, que retoma a ambição filosófica de Boécio sem contudo poder levá-la a termo: confundir a razão humana por seus próprios poderes e fazê-la voltar a Deus? É o método, é a própria voz de Boécio que reconhecemos nestas famosas linhas: “Em verdade, não estareis nos prazeres pestilentos, nem na glória nem nas delícias; mas acaso não teríeis outros? Digo-vos que ganhareis com isso nesta vida e que, a cada passo que derdes neste caminho, vereis tanta certeza do ganho, e tanto do nada que arriscais, que sabereis no final que apostastes por uma coisa certa, infinita, pela qual não destes nada.” Ler Boécio é também reler a obra-prima da língua francesa, as *Memórias de além-túmulo*. Sob o véu de Maia que o Encantador estende, suas paisagens e quadros históricos, seus retratos e seus diálogos, é o mesmo aparato da alma desvencilhada da terra, já iluminada, mas ainda presa, e que se dirige à pátria divina que, sozinha, introduz amor, verdade e beleza no fluxo ilusório do tempo. Que dizer da “atualidade” de Boécio no nosso século, em que a ferocidade dos tiranos, os sofrimentos dos mártires estão mais espalhados e são mais insolentes ainda que no século V de Teodorico?

O sofrimento dos inocentes, selo de crueldade dos maus, é mais “visível” do que então, mais obsedante em certos sentidos, mas também mais “banalizado”. Porém, entre as quatro paredes de um universo sem pano de fundo, ele não coloca mais as questões da justiça divina ou da liberdade humana. Ele nos coloca diante de nossos sentimentos de vingança impotente, de nossa boa vontade limitada, de nosso hedonismo privado de alegria, de nossos álibis ideológicos. As obras mais importantes deste meio século, Beckett, Giacometti, Soljenitsyn nos instam a levar essa frouxa consciência pesada à consciência trágica. Boécio,

com toda a tradição que traz consigo, nos convida a fazer dessa consciência trágica o início de uma *conversão*. Se continuamos sendo prisioneiros da caverna, se o pano de fundo do espetáculo não mudou, apesar de uma euforia de encomenda, o caminho do conhecimento e da libertação não continua sendo o mesmo? É estranho que a história da filosofia, das sociedades, das técnicas, que fizeram tudo "evoluir", deixem-nos ainda ler a *Consolação*, depois de quatorze séculos, como se ela fosse dirigida a nós, como se hoje ela fosse até de uma intensa novidade.

Marc Fumaroli

Bibliografia

BIELER, L. (ed.) “Philosophiae Consolatio”, em *Corpus Christianorum*, 94, Turnhout, 1957.

BRUYNE, E. de, *Études d’esthétique médiévale*, Bruges, 1946.

CHADWICK, H., *Boethius, the Consolations of Music, Logic, Theology, and Philosophy*, Clarendon Press, Oxford, 1981.

COOPER, L., *A Concordance of Boethius: the Five Theological Tractares and the Consolation of Philosophy*, Cambridge, Mass., 1935.

COURCELLE, P., “Boèce et l’École d’Alexandrie”, *Mélanges de l’École Française de Rome*, 52, 1948, 284-7.

_____, *La consolation de la philosophie dans la tradition littéraire: antécédents et postérité de Boèce*, Paris, 1967.

GRUBER, J., *Kommentar zu Boethius De Consolatione Philosophiae*, *Texte und Kommentare*, 9, Berlim, 1978.

HADOT, P., “*Forma essendi*: interprétation philologique et interprétation philosophique d’une formule de Boèce”, *Les Études classiques*, 38, 1970, 143-56.

_____, “Dieu comme acte de l’Être dans le néo-platonisme”, *Dieu et l’Être*, Paris, Études augustiniennes, 1978.

SULOWSKI, J., “Les sources du *De Consolatione Philosophiae* de Boèce”, *Sophia*, 25, 1957, 76-85 e *ibid.*, 29, 1961, 67-94.

Biografia

BOÉCIO (Anicius Manlius Torquatus Severinus Boetius)

Homem de Estado, filósofo e poeta latino. Nasceu em Roma por volta de 480 d.C. e morreu em 524. Ele mesmo nos forneceu um breve resumo de sua vida no primeiro livro de sua obra mais célebre, *A consolação da filosofia*. Descendia da antiga família Anicius: cristã havia mais de um século, ela prestara importantes serviços ao Império. Seu pai, que fora cônsul em 487, morreu muito cedo, e o jovem Boécio encontrou um mestre e amigo na pessoa de Quinto Aurélio Símaco, por quem durante toda a vida teve profunda veneração e com cuja filha, Rusticiana, mais tarde ele se casou. Dono de ampla cultura – conhecia perfeitamente o grego –, dedicou-se primeiro ao estudo e concebeu o grandioso projeto – que só realizou parcialmente – de traduzir para o latim toda a obra de Platão e a de Aristóteles, com o objetivo de mostrar que as diferenças de seus sistemas filosóficos são apenas aparentes. Depois entrou na carreira de magistratura, em que teve sucesso raro e singular: foi questor, depois cônsul em várias ocasiões (510, 511), com apenas trinta anos. Até então, como ele mesmo diz, sua felicidade foi perfeita. Tido em grande consideração por Teodorico, estimado e amado pelos homens mais ilustres de sua época, entre os quais Cassiodoro e Enódio, cumulado de afeto por uma família ideal, invejado por sua cultura e sua força, parecia não ter nada mais a desejar. Mas, em pouco tempo, sua sorte muda. A queda foi mais rápida do que a ascensão. Depois de defender em Verona, na presença do próprio Teodorico, o senador Albino, acusado de traição em favor do imperador de Bizâncio, Justiniano I, viu-se implicado na

acusação. Foi preso em Pavia, condenado à morte e executado em meio aos mais atrozes suplícios, em 524. Foi evidentemente uma condenação política; mas logo ela assumiu significado religioso. O condenado foi considerado santo e recebeu as honras de mártir. Enquanto homem político, Boécio merece um lugar na história da Itália, por ter tentado de todas a maneiras um acordo e uma união entre romanos e godos. Um brusco despertar de barbárie no espírito de Teodorico fez fracasssar sua generosa tentativa, a qual pagou com a vida. Mas Boécio ocupa um lugar ainda maior na história da cultura e da civilização européias: na história da cultura, por ter tornado acessíveis ao mundo ocidental as fontes gregas do saber graças a suas traduções de certos tratados fundamentais de filosofia (*Categorias*, *Sobre a interpretação* e outros escritos sobre a lógica de Aristóteles, o *Isagoge* de Porfírio) e das artes do quadrívio, fornecendo assim aos eruditos instrumentos de pesquisa indispensáveis; na história da civilização por ter levado as gerações futuras a meditarem sobre *A consolação da filosofia*, escrito na prisão, que foi, depois da *Bíblia* e de *A regra monástica* de São Bento, a obra mais lida na Idade Média. Mesmo despojado dos elementos lendários que logo se sobrepuseram a ela, a figura de Boécio continua sendo uma das mais significativas do fim da latinidade. Foi escolhida com razão como símbolo do declínio de uma civilização e do início de uma nova era, aquela da qual nasceu – após uma laboriosa e fecunda fusão de elementos antigos e recentes – a civilização moderna.

Ezio Franceschini

A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

Livro I

I. 1

Eu, que outrora compunha poemas plenos de alegria,
Ai, sou agora forçado a usar de tristes metros!
E eis que as Musas me ditam versos de dor,
E as elegias enchem meu rosto de verdadeiras lágrimas.
Pelo menos elas não foram tomadas de medo
Nem deixaram de ser companheiras neste amargo caminho.
Glória de uma juventude outrora feliz e promissora,
Consolam agora o destino infeliz de minha velhice.
Pois repentinamente veio a inesperada velhice,
E com ela todos os seus sofrimentos.
De repente minha cabeça encheu-se de cabelos brancos,
E o meu corpo cobriu-se de rugas.
A morte do homem é feliz quando, sem atacar os doces anos,
Nos acolhe no momento propício, e atende ao chamado dos doentes.
Mas ah!, como ela sabe se fazer surda aos miseráveis,
E, cruel, ignorar os olhos em prantos!
Quando a malévola Fortuna me favorecia com bens perecíveis,
Quase me arrastou para a queda fatal.
Mas agora, tendo revelado seu vulto enganoso,
Eu imploro, e a morte se nega a vir a mim.
Por que proclamastes muitas vezes minha felicidade, amigos?
Quem se desvia é porque não estava no caminho certo.

I. 2

Enquanto meditava silenciosamente essas coisas comigo e confiava aos meus manuscritos minhas queixas lacrimosas, vi aparecer acima de mim uma mulher que inspirava respeito pelo seu porte: seus olhos estavam em flamas e revelavam uma clarividência sobre-humana, suas feições tinham cores vívidas e delas emanava uma força inexaurível. Ela parecia ter vivido tantos anos que não era possível que fosse do nosso tempo. Sua estatura era indiscernível: por vezes tinha o tamanho humano, outras parecia atingir o céu e, quando levantava a cabeça mais alto ainda, alcançava o vértice dos céus e desaparecia dos olhares humanos. Suas vestes eram tecidas de delicadíssimos fios, trabalhados minuciosamente e feitos de um material perfeito; ela revelou mais tarde ter sido ela própria quem teceu a veste. A poeira dos tempos, assim como acontece com o brilho das antigas pinturas, obscurecia um pouco seu esplendor. Embaixo de sua imagem estava escrito um Pi e em cima um Theta[1]. E, entre essas duas letras, via-se uma escada cujos degraus ligavam o elemento inferior ao superior. No entanto, mãos violentas rasgaram sua veste e cada uma tomou um pedaço dela. Mas ela tinha livros na mão direita e um cetro na esquerda. Quando viu as Musas da poesia junto a mim, cantando versos de dor, ficou muito perturbada e, lançando-lhes olhares inflamados de cólera, disse: “Quem permitiu a estas impuras amantes do teatro aproximarem-se deste doente? Elas não só não podem remediar a sua dor como vão ainda acrescentar-lhe doces venenos.

“São elas que por lamentos estéreis das paixões matam a acuidade da Razão, fazem com que a alma humana se acostume à dor e não a deixam mais sossegada. Se pelo menos importunásseis um neófito com vossas insídias habituais, eu não daria grande importância, não estaríeis importunando um de meus discípulos. Mas justamente a este, versado nos estudos eleáticos e acadêmicos? Afastai-vos, Sereias de cantos mortais, e deixai que eu e minhas próprias Musas curemos o doente.”

Com essas palavras, o coro harmonioso baixou os olhos com tristeza e atirou-se piedosamente ao solo com o rosto rubro de vergonha. Quanto a mim, estava com os olhos tão cheios de lágrimas que não podia discernir essa mulher que tinha tanta autoridade; calado, atirei-me ao solo e esperei em silêncio o que ela iria fazer. Então ela se aproximou e se sentou ao pé da minha cama e, vendo minha grande tristeza e terrível aflição, deplorou nestes versos a perturbação da minha alma:

I. 3

Oh, quão fundo mergulhou sua mente e,
Abandonando sua própria razão,
Dirigiu-se às trevas exteriores
Quando as delícias da Terra
Alimentam e fazem crescer sua maléfica angústia!
Este homem, outrora livre, estava acostumado
A percorrer os etéreos caminhos a céu aberto.
Ele discernia a luz rósea do Sol
E as constelações da gélida Lua.
Perscrutava a órbita de todas as estrelas mutantes
E, vitorioso, subjugava-as em fórmulas matemáticas.
Ele sabia de onde vinham os ventos violentos
Que elevam as águas do Oceano;
O espírito que anima o curso imóvel dos astros

E por que as águas vespertinas acolhem o astro do levante.
Que lei rege as horas amenas da primavera
Que permite que a Terra se encha de flores
E faz com que, no fim do ano,
O fecundo outono amadureça as grossas uvas.
Tudo isso o enchia de curiosidade, e ele encontrava
As explicações nos mistérios da Natureza.
Mas ei-lo aqui, prostrado,
Desprovido de sua inteligência,
Com a nuca curvada sob o jugo
E vergado ao peso do corpo.
E, infeliz, é obrigado a fixar os olhos no chão.

I. 4

E exclamou: “Agora é o tempo da emenda, não da lamentação!”

E, fixando-me com toda a intensidade de seus olhos, ela me disse:

“Mas és tu que outrora foste nutrido com nosso leite, com nosso alimento, que se exercia com uma força viril? E, no entanto, tínhamos te fornecido todas as

armas necessárias para venceres, perdeste-as por tua culpa, e com elas vencerias! Tu me reconheces? Por que te calas? É a vergonha ou o abatimento? Oxalá fosse a vergonha! Mas não, é o abatimento que te oprime.”

Vendo-me totalmente calado, incapaz de pronunciar qualquer palavra, ela pôs a mão ternamente sobre meu peito e disse: “Não temas nada, é apenas uma letargia, doença comum aos espíritos lograd os. Ele se esqueceu por um momento de si mesmo, facilmente recobrará a razão, no entanto somente se recordar quem eu sou. Ajudemo-lo. Comecemos por abrir seus olhos, que se cegaram pelas coisas humanas.” Tendo dito isso, ela enxugou com um pedaço de suas vestes os meus olhos inundados de lágrimas.

I. 5

Então se dissiparam as trevas noturnas, e a meus olhos foi dada a capacidade de discernir novamente a luz. Quando os céus estão prontos a adensar-se sob a ação dos ventos carregados de nuvens chuvosas, o sol se esconde e não mais se vêem as estrelas, e a terra é coberta pela noite. Mas eis que o vento boreal escapa de sua morada na Trácia e devolve ao dia sua luz. E de repente Febo, rodeado de esplendor, desce à terra e atinge com seus raios os olhos ofuscados.

I. 6

E dessa forma foram dissipadas as nuvens da tristeza; fui iluminado pela luz celeste e recebi o discernimento para contemplar aquela face.

E, mal dirigi o olhar a ela, reconheci minha antiga nutriz, que desde a adolescência freqüentava a minha mente: era a Filosofia.

E eu lhe perguntei: “Mas que fazes aqui, na solidão de meu exílio, ó mestra de todas as virtudes, tendo descido do alto do céu? Ou também tu, culpada, queres partilhar as acusações caluniosas?” E ela disse: “Haveria eu de abandonar meu discípulo e não tomar também do fardo que suportas e da calúnia que te impuseram? Mas à Filosofia não é lícito deixar caminhando sozinho um discípulo seu. Temeria eu a censura, como se isso jamais tivesse acontecido comigo, e ficaria em pânico? Achas que esta é a primeira vez que a Sabedoria se confronta com os perigos e as más ações dos homens? E também não foi assim

aos antigos, antes da época de nosso caro Platão, quando tivemos grandes embates com o perigo da estultícia? E na sua época não estava lá Sócrates, que, vencendo uma morte injusta, foi levado por mim à imortalidade? Mais tarde, a turba do popular Epicuro, os estóicos e muitos outros ainda disputavam sua herança. Nem reclamando nem resistindo, escapei de ser eu mesma parte da presa. A veste, que eu havia tecido com minhas próprias mãos, foi rasgada e arrancada, e os que fizeram isso partiram com os farrapos pensando tê-la inteira. E, como reconheciam nesses farrapos vestígios de minha túnica, algumas pessoas desavisadas tomaram aqueles malfeitores por discípulos meus e foram levados por eles ao erro e ao engano. Pois, se nem do exílio de Anaxágoras, do veneno dado a Sócrates ou dos tormentos de Zenão ouviste falar, pelo menos de Cânio, Sêneca e Sorano, cuja fama não é por demais antiga, e da qual ainda se conserva a memória, podes facilmente estudar a doutrina. O que os levou a serem malvistos foi que, imbuídos de meus princípios morais, eles eram totalmente distintos da turba. Portanto não é de surpreender se neste oceano da vida somos perturbados por muitas tempestades, principalmente se desejamos afastar-nos dos homens maus. E seu número, embora grande, deve no entanto ser desprezado, pois eles não têm guia algum que os dirija e ficam na ignorância, que os deixa ao capricho da Fortuna. E, quando se preparam para nos atacar com maior violência, nosso chefe nos defende com suas tropas e forma uma barreira, e eles só se apoderam das coisas sem valor. E nós, de cima, nos rimos com a inutilidade do que roubaram, pois estamos ao abrigo de todo tumulto furioso e protegidos por fortificações imbatíveis de qualquer assalto da ignorância.”

I. 7

Todo o que é sereno e tem a vida regrada,
Que calca aos pés o Destino
E que vê retamente os dois lados da Fortuna
Pode ter o vulto imperturbável.
Tal homem ficará impassível perante a fúria ameaçadora do mar,
Cujas vagas se alçam das profundezas;
E do Vesúvio, quando explode, e espalha turbilhões de fogos e vapores
E também na passagem do raio que mata;
Em tudo é impassível.
Por que os tiranos cruéis impressionam tanto os infelizes?

Eles se afligem em vão.
Não esperes nada, não temas nada,
e desarmarás teu adversário.
Quando estás agitado de temor ou esperança,
É preciso seres calmo e controlado,
Sem o escudo e sem o antigo jugo,
E tomar a sina que te cabe.

I. 8

"Percebes essas coisas e as pões em teu coração? Ou és como o 'asno diante da lira'[2]? Por que choras? Donde vêm essas lágrimas? 'Fala francamente e do fundo de tua alma.'[3] Se esperas a cura do médico, deves mostrar-lhe a doença." Recuperei então a coragem e disse: "Por acaso é necessário que venhas com tuas admoestações contemplar a crueldade com que a Fortuna me tratou? O aspecto deste lugar já não te diz tudo? Por acaso vês aqui a biblioteca que me deste tu mesma para que fosse uma prova certíssima de tua sabedoria? Nela muitas vezes, junto a mim, discorrias sobre a ciência das coisas humanas e divinas. Tinha eu as mesmas feições e a mesma expressão quando desvendava contigo os segredos da Natureza, quando tu me traçavas o curso dos astros, e dirigias minha conduta e todos os meus princípios de vida segundo a órbita dos astros? É essa a recompensa que tenho por ter aderido a ti? E no entanto foste tu que ditaste pela voz de Platão que seriam felizes os estados governados pelos sábios ou que se consagrassem à sabedoria. Tu, pela boca do mesmo filósofo, me persuadiste de que os sábios deveriam governar os estados, para impedir que o governo caísse nas mãos de pessoas sem escrúpulos e sem palavra, e que fosse uma praga para os bons. Então eu, inflado por essa supremacia e com os ensinamentos que foram dados no início e longe da multidão, decidi aplicá-los na vida política. Tu sabes, e também Deus, que te fez penetrar no coração dos sábios, que apenas o desejo de realizar o bem geral me arrastou à política. Daí nasceu a discórdia com os ímprobos, e, tendo eu a reta consciência, em prol do direito desprezava sempre a ofensa dos poderosos. Quantas vezes não impedi o ataque de Conigasto, barrando-o quando ele avançava sobre as riquezas dos mais fracos! Quantas vezes não impedi Triguila, preposto do palácio real, de perpetrar crimes ou ações proibidas! Quantas vezes não protegi com minha autoridade os pobres que eram caluniados e perseguidos pela avareza dos bárbaros! Nunca alguém me

fez preferir a injustiça à justiça. Quando eram tomadas as riquezas dos habitantes da província ou estavam eles sobrecarregados de impostos, sofri tal como qualquer cidadão comum. Então, num tempo de grande penúria, um inexplicável e inesperado edito de coempção foi proclamado, e sem dúvida iria arrasar a Campânia. Discuti pessoalmente com o prefeito do pretório, preocupado com o interesse da comunidade, submeti o caso ao arbítrio do rei e consegui a revogação do edito. A Paulino, de estirpe consular, as riquezas que aqueles que agora ocupam o Capitólio estavam dilapidando, consegui restituir arrebatando-as das garras dos ladrões. E também pelo velho cônsul Albino, que havia sido condenado à revelia, intercedi e opus minha autoridade às falácias de Cipriano. Achas que fui alvo de grande antipatia? Pelo contrário, fiquei mais seguro ainda junto aos outros que os oficiais de Justiça. Ora, quem foram os que me denunciaram e arruinaram? Um certo Basílio, que havia sido servidor do rei e expulso, declarou que eu roubara dinheiro público. Além disso, Opílio e Gaudêncio, que por causa de seus inúmeros e variados crimes o conselho real havia condenado ao exílio, recusaram-se a obedecer e buscaram abrigo junto à Igreja. Quando o rei foi informado disso, promulgou um edito ordenando que, se não deixassem Ravena na data fixada, teriam a fronte marcada a fogo antes de serem expulsos. Seria possível imaginar castigo maior? Mas no mesmo dia esses homens me denunciaram, e a acusação foi acolhida. Mas que aconteceu? Nossas boas obras mereceram tal coisa? A pena a que foram condenados tornou-os acusadores dignos de fé?

Então a Fortuna não se importou tanto com as acusações a um inocente, mas se mancomunou com a malevolência dos acusadores? E queres saber de que crime fui acusado? Acusaram-me de tentar esconder documentos do Senado que continham acusações de lesa-majestade. Que conselho dás a teu discípulo, ó mestra? Negar o fato, para ser digno de ti? Foi exatamente o que eu fiz repetidas vezes. Reconhecer o crime? Mas isso seria libertar os meus delatores. Então preservar o Senado é um crime? Então é ilegal acolher os decretos do Senado? Dessa forma meu acusador, com os decretos que tinha contra mim, fez uma acusação única, reunindo-os todos. Mas é verdade que a ignorância não pode mudar o mérito das coisas e não penso ser possível, tal como diz o preceito socrático, esconder a verdade e recorrer ao engano. Em verdade, seja como for, deixo a questão ao teu arbítrio e ao dos homens mais sábios. E, a fim de que esse processo e as verdades não sejam perdidas, mas registradas para a posteridade, escrevi-os escrupulosamente para que sejam meu testemunho. Pois, das falsas cartas forjadas nas quais se supunha que eu defendia a antiga liberdade de Roma, que posso eu dizer? Elas seriam visivelmente mais falsas se eu pudesse mostrar a concórdia de meus delatores, procedimento este dos mais eficazes num processo.

E agora, que liberdade poderia esperar, caso houvesse alguma? Responderia com as palavras de Cânio, que, acusado por Caio César, filho de Germânico*, de aderir a uma conjuração movida contra César, disse: ‘Se eu soubesse de algo, tu nada saberias.’ Nesse caso não ficaria muito triste nem abalaria meus princípios a ponto de lamentar que os ímpios que houvessem atentado contra a virtude estivessem em prantos. Mas me admiro do fato de suas súplicas terem sido atendidas. Pois querer o mal pode ser uma fraqueza da natureza humana, mas que um criminoso possa prejudicar um inocente com ciladas engendradas sob os olhos de Deus é de espantar. Por isso é que um familiar meu exclamou naquela hora: ‘Se Deus existe, de onde provêm os males? E se não existe, de onde vêm os bens?’ Seja, pois: que haja homens maus que roubem os inocentes e os honestos senadores, e queiram a minha ruína por ter eu convictamente defendido os senadores. Mas merecíamos ter tido o mesmo tratamento por parte dos próprios senadores? Oh! pais da Pátria! Merecíamos ter o mesmo tratamento de vossa parte? Tu te lembras, creio eu, pois me inspiravas tudo o que eu deveria fazer, do que aconteceu em Verona quando o rei decidiu abolir a ordem senatorial por achar que ela estava implicada no caso de Albino e de como, com o risco de minha própria vida, defendi a inocência do Senado. Tu bem compreendes, ó Sabedoria, que digo a verdade e não tenho por hábito jactar-me na frente dos outros. Com efeito, uma consciência, quando se vangloria muito de si mesma, diminui cada vez mais o seu mérito e recebe em troca só o prêmio da fama. Mas viste para onde levou a minha inocência? Em lugar de receber os verdadeiros prêmios da justiça, sofremos o castigo por um crime não cometido. E quando foi que, mesmo tendo sido reconhecida a culpa de um acusado, os juízes foram unânimes de tal forma que nenhum deles levou em consideração a fraqueza da natureza humana ou os caprichos da Fortuna, igual para todos os homens? Se me tivessem acusado de querer incendiar templos, ou degolar sacerdotes com uma espada assassina, ou ainda planejar a morte de homens de bem, eu só seria condenado se admitisse os crimes ou houvesse provas irrefutáveis contra mim. Ora, foi a quinhentos mil passos de distância, sem que eu pudesse me defender, que me condenaram à morte e ao confisco de meus bens, pelo crime de ter favorecido em demasia o Senado. Oh! Dignos são eles de mérito por ninguém ter podido acusá-los. Mas mesmo os delatores reconheciam o mérito de quem estavam acusando e, para obscurecer o processo junto aos juízes, inventando uma nova calúnia, acusaram-me de ter cometido sacrilégio em meu próprio interesse. E também tu, de quem eu estava imbuído, repelias do fundo de minha alma o desejo de lidar com todas as coisas humanas, e a teus olhos eu não tinha cometido sacrilégio algum, pois repetias cotidianamente em meus ouvidos e em minha mente o dito pitagórico: ‘Toma Deus por guia.’ Como

poderia imaginar que espíritos dos mais vis preparavam a minha prisão, a mim que tu elevavas ao mais alto ponto, tornando-me semelhante a Deus? Além disso, a boa ordenação da minha casa, as relações de amizade que tinha com os homens mais íntegros, o parentesco com meu sogro Símaco, cujo nome era quase tão venerado quanto o teu, todas essas coisas me defendiam da suspeita de tal crime. Mas, ah, infelicidade! Eles acolheram a acusação de tamanho crime e fui acusado de praticar magia negra, somente porque cultivava tuas disciplinas e agia segundo teus preceitos. Dessa forma, não bastou que o exercício da filosofia não tenha sido de nenhuma utilidade para mim, mas que também tu fosses vilipendiada. E acontece que, para cúmulo de meu infortúnio, os homens julgam não o mérito de tantas ações passadas, mas os caprichos da Fortuna e acreditam que esse é o desejo natural. E, dessa forma, a primeira coisa que perdem esses infelizes é a sua reputação. E o que se passa na cabeça dos outros, as histórias que contam a meu respeito, os juízos contraditórios e diversos, tudo isso eu desprezo. Mas gostaria apenas de dizer que o fardo mais pesado com que a Fortuna possa afligir alguém é este: que aos olhos do povo esteja sendo justamente castigado quem na verdade é inocente. Mas, quanto a mim, privado de todas as honras e de todos os cargos, fui jogado na lama devido às minhas boas ações. E já prevejo as abomináveis oficinas de criminosos exultarem de prazer e alegria; os monstros mais perversos prepararem às escuras suas acusações; os homens de bem consternados, ameaçados pelo medo de uma desgraça semelhante à minha e todos os homens maus incitados pela audácia e recompensas daqueles. Vi também os inocentes totalmente à sua mercê e sem defesa. E, assim, tive vontade de exclamar nestes versos:

I. 9

Ó fundador dos orbes plenos de estrelas,
Tu que, apoiado em eterno trono,
Cortas o céu com o célere relâmpago
E obrigas os astros a seguirem tua lei:
Às vezes, opondo inteiramente seu disco
Aos fogos brilhantes de seu irmão,
A lua ofusca as estrelas menores,
Mas às vezes pálida, quando obscurece seu crescente,
Junto a Febo ela perde sua luz.

E Vésper, à primeira hora da noite,
Faz aparecer as estrelas no frio.
A aurora, por sua vez, dissipando as brumas,
Diante do sol afugenta Lúcifer.
No frio inverno que faz cair as folhas,
Tornas mais breve a luz do dia.
És tu que, quando se instala o tórrido verão,
Amenizas as noites com leves brisas.
Teu poder atenua as variações sazonais:
As folhas levadas pelo sopro boreal,
Toma-as o Zéfiro, essas tenras folhas,
E todos os férteis grãos semeados por Arcturus,
O ardente Sirius os transforma em farinha.
Nada escapa à tua antiga lei:
Tudo permanece em seu devido lugar,
E tu governas tudo com um fim certo.
Desprezas apenas as ações dos homens
Quando te fora preciso dirigi-las.
Por que a Fortuna nos toma
Por joguetes de seu capricho?
Os inocentes dobram-se ao castigo,
Os perversos postam-se no alto
E pisam as nucas dos santos.
A virtude, oculta, esconde-se nas trevas,
E o justo paga pelo crime do injusto.
Nenhum perjúrio, nenhuma fraude os atinge,
Tingidos que estão com suas cores enganosas.
Mas, quando os retos querem mostrar suas forças,
Podem até derrubar os maiores reis,
Que temem as multidões quando são injustos.
Lança teu olhar sobre esta pobre terra,
Tu, que entrelaças as regras do universo:
Nós, os homens, que somos parte não desprezível
De tua grande obra, fomos vítimas dos caprichos da Fortuna.
Governa e detém teu rápido estridor,
E, do mesmo modo com que reges o imenso céu,
Firma estatutos estáveis sobre a terra.”

I. 10

Quando acabei de gemer minhas mágoas, ela, com seu semblante tranqüilo e sem se deixar comover por minhas palavras, disse: “Bastou-me ver tua tristeza e tuas lágrimas para compreender que sofrias no exílio. Mas não poderia saber quão distante é o exílio a menos que me narrasses. No entanto, não foste expulso de tua pátria, mas te desviaste dela.

Ou, se preferes ser considerado como banido, foste tu mesmo que te baniste. De fato, não podias ser banido por ninguém. Se te lembrasses de tua verdadeira pátria, saberias então que ela não era, como a Atenas de outros tempos, governada pela opinião da maioria, mas ‘por um só mestre e um só rei’[4], que se alegra com o crescimento de seu povo, e não com o banimento. De fato, deixar-se guiar e frear por ele e obedecer à sua justiça: nisso consiste a verdadeira liberdade. Por acaso ignoras uma antiqüíssima lei de tua cidade, que proíbe serem expulsos os que a escolheram como pátria? Com efeito, estando ao abrigo de seus muros e fortificações, não se deve temer o risco de ser exilado. Mas, se te extravias de seus limites, corres tal risco. Por isso, não é o aspecto deste lugar ou a tua tristeza que me comovem. Tampouco lamento as esplêndidas estantes ornadas de cristal e marfim de tua biblioteca, mas o que recolheste, não dos livros, mas do que dá vida aos livros: os antigos pensamentos a eles confiados. Disseste a verdade a respeito dos serviços que prestaste à comunidade, mas, considerando a multiplicidade de teus serviços, foste muito modesto. E, sobre a honestidade ou a falsidade dos que te acusavam, disseste o que todos já sabiam. Quanto aos crimes e às mentiras dos delatores, achaste que bastaria mencionar os fatos para que o povo se colocasse ao teu lado, em suas conversas e debates. Recriminaste também com severidade a ingratidão do Senado. Queixaste-te também das acusações feitas a mim. Enfim, inflamado, atacaste violentamente a Fortuna e, queixando-se de que não foste justamente recompensado pelos teus méritos, fizeste votos para que a terra fosse governada como o céu. Mas eis que tua alma foi grandemente perturbada por sofrimentos e sentimentos de cólera e desespero que te puxam por todos os lados e te fazem ter disposições de espírito tais que não é possível ainda tratar-te com um remédio eficaz. Dessa forma, por um tempo usaremos de alguns remédios paliativos: assim, a espessa casca que a desordem de tuas emoções acabou por transformar num tumor será removida, primeiro por uma leve massagem que a preparará para ser tratada mais tarde por um medicamento eficaz.

I. 11

Quando, sob os raios inflamados de Febo,
A constelação de Câncer tudo estiola,
Então, se guardaste abundantes
Sementes em silos indóceis
E foste enganado pelas promessas de Ceres,
Volta-te aos carvalhos.
Jamais te dirijas ao avermelhado bosque
Para colher violetas,
Quando o Aquilão se solta
E agita as plantas do campo.
Nem procures fervorosamente
Cortar na primavera as vides
Se tens vontade de ter as uvas.
É no outono que Baco
Prefere oferecer suas dádivas.
Deus distingue as estações
E as torna aptas a uma coisa
E não permite nenhum entrave
A uma alternância que Ele ordenou.
Dessa forma, o que por precipitação
Desdenhou a ordem estabelecida
Nunca pode ser bem-sucedido.

I. 12

De início, permites-me fazer algumas perguntas para examinar e testar o estado de tua mente, para que possa saber que tipo de cura devo aplicar?" E eu respondi: "Interroga-me como quiseres, pergunta-me tudo o que quiseres e eu te responderei." E ela disse: "Achas que este mundo é conduzido por fatos acidentais e governado pela Fortuna, ou achas que é governado por uma Razão?" Eu respondi: "Seria impossível crer que um universo tão bem ordenado fosse movido pelo cego acaso: sei que Deus preside aos destinados à Sua obra, e nunca me desapegarei dessa verdade." "Pois bem", disse ela, "em verdade ainda há pouco exprimiste em versos tua convicção. Deploravas que os homens fossem

excluídos da solicitude divina, mas não punhas em dúvida que o resto da criação era governado por uma inteligência divina. Mas pelos céus! Acho muito surpreendente que estejas doente da alma tendo pensamentos tão elevados. Mas continuemos nosso exame. Suponho que te falta alguma coisa, mas não sei bem o quê. Dize-me: já que afirmas que o mundo é dirigido por Deus, distingues também por que meios ele é dirigido?" "Mal compreendo o significado da pergunta; como, então, poderia responder a ela?" Ela então disse: "Dessa forma, eu não me enganava quando dizia que te faltava algo, e foi por essa falha, tal como uma brecha numa sólida muralha, que se infiltrou em ti a doença causada por tua desordem emocional. Mas dize-me, tu te recordas da finalidade do universo e para onde tende toda a Natureza?" "Certa vez eu a aprendi", afirmei, "mas minhas misérias enfraqueceram minha memória." "Então sabes donde provêm todas as coisas?" "Sim", respondi, e eu lhe disse que provinham de Deus. "E como podes conhecer o princípio de tudo e ignorar o fim? Na verdade, as características dos males que te afetam e sua força são tais que elas podem deslocar um ser humano longe de sua morada, mas não lhe tirar o juízo nem o arrancar por inteiro de si próprio. Mas eu gostaria que respondesses também à seguinte pergunta: tu te lembras de que és um homem?" "Como", disse eu, "haveria de não me lembrar?" "Então", replicou ela, "o que é afinal um homem? Poderias me explicar?" "Tu me perguntas se sou um animal racional e mortal? Sim, eu o sei, e é isso que digo que sou." E ela me perguntou: "Não sabes que és mais alguma coisa?" "Não", respondi. Disse então ela: "Agora reconheço uma outra causa de tua doença, e talvez esta seja a causa principal: deixaste de saber o que tu és. Assim, desvendei completamente a causa de tua doença, bem como a maneira de te curar. De fato, é devido ao esquecimento que estás perdido, que te lamentas de ter sido exilado e privado de teus bens. É porque desconheces qual é a finalidade do universo que tu imaginas serem felizes e poderosos os que te acusaram. É porque esqueceste as leis que regem o universo que julgas que a Fortuna segue seu curso arbitrário e que ela é deixada livre e soberana. Tais são as causas temíveis, não digo apenas da doença, mas até da morte. Mas agradeço ao dispensador de toda saúde pelo fato de que tua natureza ainda não te abandonou completamente. Consideramos que tua maior chance de cura reside na verdade de que acreditas num governo do mundo, quando dizes que ele não é sujeito aos acidentes mas à Razão Divina. Não temas nada: a partir de agora, desta faísca arderá em ti a chama da vida. Mas, dado que é prematuro submeter-te a um remédio forte e que, com certeza, os espíritos são de tal forma que, cada vez que eles abandonam as idéias verdadeiras, revestem-se das falsas, o que provoca uma turba de sensações desordenadas, que embaraça a verdadeira percepção, vou então tentar por um tempo dissipar por atividades sutis e

mesuradas as trevas de tuas impressões enganosas, para que possas reconhecer o brilho da verdadeira luz.

I.13

Escondidas por negras
Nuvens, as estrelas
Não podem emitir
Nenhuma luz.
Se, na superfície do mar,
O virulento Austro
Sacode as ondas
Cuja transparência
Tem o aspecto do brilho do céu,
Sob uma negra fusão
De areia e lama
Extinguem-se seus fogos.
A torrente que vai
Desbastando os cumes
Das altas montanhas
Freqüentemente se choca contra um rochedo.
Tu também, se queres
Com uma luz límpida
Discernir a verdade,
Renuncia à alegria,
Afasta os prazeres
E também a dor.
O espírito fica nebuloso
E aprisionado
Quando está sob seu jugo.

---

1. Pi (π) e Theta (θ), abreviaturas das palavras “Prática” (πράξις) e “Teoria” (θεωρία) em grego.
2. Provérbio grego.
3. Homero, *Ilíada*.

* Calígula. (N. do T.)

4. Homero, *Ilíada*.

Livro II

II. 1

Após essas palavras, ela se calou por alguns instantes e, quando recapturou minha atenção após esse curto tempo de silêncio, prosseguiu nestes termos: “Se eu compreendi perfeitamente as causas e a natureza de tua doença, creio que é por sentires profundamente a perda de tua fortuna anterior que desfaleces. É apenas o que tomas por uma reviravolta da Fortuna que agita teu espírito. Conheço todos os multiformes embustes que ela usa para enganar os homens até torná-los loucos e desesperados, abandonando-os em seguida a qualquer momento. Se tu te lembrasses de sua natureza, suas práticas e o que ela vale, reconhecerias que nada poderias ter perdido de bom graças a ela, e, na minha opinião, seria de grande proveito ter isso sempre na memória. Tinhas por hábito, mesmo quando ela te brindava com seus favores, invectivá-la em alta voz, e para isso usavas de máximas saídas do meu santuário. Mas toda mudança brusca de situação provoca também uma perturbação no espírito, e é dessa forma que tu, por algum tempo, abandonaste a tranqüilidade. Mas já é hora de tomares um medicamento doce e suave que, uma vez penetrando teu organismo, irá preparar-te para te submeteres a remédios mais fortes. Que venha então a Retórica, com seus persuasivos encantos, mas que só não se desvia do caminho quando segue minhas instruções, e com a Música, essa encantadora servidora de minha casa, alternando os modos maior e menor. O que houve, homem, para que mergulhasses na melancolia e no desespero? Sem dúvida viste algo de novo e extraordinário. Pensas que a Fortuna mudou a teu respeito? Enganas-te. Ela sempre tem os mesmos procedimentos e o mesmo caráter. E, quanto a ti, ela

permanece fiel em sua inconstância. Ela era a mesma quando te lisonjeava, ou quando fazia de ti seu joguete prometendo-te miragens. Descobriste a dupla visão desse poder cego. Enquanto ela ainda dissimula seu verdadeiro semblante aos outros, diante de ti ela se desmascarou completamente. Se a aprecias, recorre às suas práticas, cessa de chorar. Mas, se sua duplicidade te horroriza, despreza-a, afasta-a de ti: seus jogos são funestos. Em vez de provocar em ti todo esse desespero, ela te deixaria com tua tranqüilidade. Pois ao menos ela te deixou, enquanto ninguém está certo se ela o está inclinando para um lado ou outro, ao acaso. Atribuis grande valor a uma felicidade que deves perder? E aprecias a companhia momentânea de uma Fortuna que ao partir te deixará desesperado? E ninguém pode domar seus caprichos, ela semeia catástrofes atrás de si, a inconstante Fortuna nada mais é que o sinal que anuncia a ruína. Não basta ver a situação em que estás; a Sabedoria consiste em avaliar a finalidade de todas as coisas, e é precisamente essa faculdade de passar de um extremo ao outro que caracteriza a Fortuna que deve fazer com que a desprezemos, sem temê-la ou desejá-la. Enfim, deves tolerar, sem queixas, tudo o que acontece no âmbito da Fortuna, já que aceitaste seu jugo. Pretendes frear ou atiçar a teu gosto o tirano que deste a ti mesmo? Isso não só seria exceder tuas possibilidades como tornar ainda pior o estado em que te encontras. Se confiasses teu barco ao sabor dos ventos, não navegarias para a direção desejada, mas para onde eles te levassem; se jogasses tuas sementes nos campos, haveria a alternância entre os anos bons e ruins. Tu te abandonaste ao domínio da Fortuna: deves submeter-te aos caprichos de tua mestra. Pretendes sustar a rápida revolução de sua roda? Oh, insensato! Então a Fortuna não seria mais a Fortuna.”*

II. 2

Quando, orgulhosa, ela modifica o curso das coisas,
E como o Euripo tempestuoso ela gira seu fuso,
Pressiona impiedosamente os reis outrora temíveis.
Enganosa, ela mostra a face do vencido arrastada no pó;
Ela não ouve o lamento dos infelizes ou não lhes dá atenção,
Até se ri, cruel, dos gemidos que provoca.
Assim ela brinca, assim ela dá prova de seu poder
E oferece aos seus súditos um grande espetáculo: o de um homem
Que em uma hora passa da desgraça à glória.

II. 3

Mas gostaria de discutir um pouco contigo colocando-me no lugar da Fortuna. Vê se sua causa não é justa. “Por que, ó homem, te obstinas em me acusar e me perseguir com tuas inumeráveis queixas? Que mal te fiz? Acaso me apossei de algo que era teu? Debate comigo diante de qualquer tribunal a propriedade de quaisquer bens ou honrarias e, se conseguires demonstrar que aquilo é próprio de algum mortal, eu admitirei que aquilo que reivindicas é mesmo teu. Quando a Natureza te fez sair do ventre de tua mãe, estavas totalmente nu e não tinhas nada. Fui eu quem te acolheu, tratou com o maior cuidado e, se não me suportas mais, é porque te elevei muito, dedicando-me muito à tua causa, e fui excessivamente pródiga em relação a ti. Mas agora decidi retirar minha mão de teu ombro. Tu deverias agradecer-me o usufruto de bens que não te pertencem e não tens o direito de te queixares como se tivesses perdido os teus próprios. Por que então essas lamentações? Não foste agredido de nenhum modo por mim! A riqueza, as honras e os outros bens da sorte são minha propriedade. Esses bens estão sob as minhas ordens e me reconhecem como rainha; eles chegam ao mesmo tempo que eu e partem quando me vou. Chego mesmo a afirmar com certeza que, se tu fosses proprietário daquilo que reclamas, tu não o terias perdido. Seria eu a única a declinar de meus direitos? O Céu tem o direito de oferecer dias plenos de luz e depois fazê-los desaparecer nas trevas da noite. O Ano tem o direito de cobrir por um período a terra de flores e frutas, e depois torná-la irreconhecível enviando chuvas e geadas. O Mar tem o direito de um dia ser amável, apresentando uma superfície calma, e noutro de agitar as ondas sublevadas pela tempestade. E, quanto a mim, é o desejo sempre insatisfeito dos homens que pretende me obrigar a fazer prova de uma constância incompatível com minha própria natureza! Minha natureza, o jogo interminável que jogo é este: virar a Roda (da Fortuna) incessantemente, ter prazer em fazer descer o que está no alto e erguer o que está embaixo. Sobe se tiveres vontade, mas com uma condição: que não consideres injusto descer, quando assim ditarem as regras do jogo. Ignoravas mesmo minha maneira de agir? Acaso não sabias que o rei dos lídios, Creso, temido por Ciro mas logo caído sob seu jugo, foi condenado a ser queimado vivo, quando uma repentina chuva caiu do céu para protegê-lo? Esqueceste por acaso que Paulo verteu lágrimas de piedade pelos infortúnios do rei dos persas, que acabava de fazer prisioneiro? E quanto aos gritos das tragédias? Não deploram eles os golpes cegos da Fortuna que se abatem também sobre os reinos prósperos? Não aprendeste, na tua infância, ‘sobre as duas ânforas, uma cheia de males e outra

de bens’[5], colocadas na entrada da morada de Júpiter? Quem diz que já não te saciaste de teu lote de bens? E que eu já te abandonei completamente? E que essa inconstância, que é precisamente minha principal característica, não te dá a esperança de uma nova reviravolta na Fortuna? Seja como for, não te deixes ficar completamente tomado pela tristeza e, já que vives num reino cujas leis são as mesmas para todos, não desejes viver sob tua própria jurisdição.”

II. 4

Se a Abundância, com sua cornucópia repleta, derramasse infinitamente as riquezas,
E o Ponto carregasse os grãos de areia agitado por ventos incontroláveis,
Ou se o Céu visse brilhar astros engendrados por noites estreladas,
O gênero humano ainda assim não cessaria
De lamentar suas tristezas.
Mesmo se os votos fossem colhidos favoravelmente por um deus pródigo,
E se ele cobrisse de honrarias os que as almejam,
O que recebem parecer-lhes-ia ser nada.
Devorando tudo o que ela recebe, sua rapacidade selvagem
Abre ainda mais a goela.
Que freios poderiam conter sua paixão, que não conhece limite algum?
Coberto de vasta opulência, aquele deseja coisas ainda mais altas.
Vai, assim, o rico na indigência; se se julga pobre, assim o é.

II. 5

“Se a Fortuna se defendesse com tais argumentos, não terias com que responder, mas, se por acaso existe algum argumento para justificar tuas queixas, deves apresentá-lo.” Então eu disse: “Sim, essas são brilhantes palavras impregnadas do mel da retórica e da música, mas elas encantam apenas no momento em que se as ouve. As pessoas que sofrem sentem mais profundamente sua tristeza e, quando seus ouvidos cessam de escutar essas doces consolações, a melancolia enraizada toma seu lugar.” E ela: “Admito que é verdade. Tais palavras não são ainda o remédio que vai curar tua doença, mas pelo menos

acalmarão tua dor rebelde a qualquer tratamento. Eu te darei os remédios capazes de agir em profundidade quando chegar o momento oportuno. Entrementes, para que não te lastimes de novo, vou recordar tua importância e a magnitude de tua felicidade. Não lembro apenas que, quando da morte de teu pai, foste elevado junto aos homens de maior projeção, freqüentaste as casas das pessoas mais distintas do Estado e começaste a ganhar estima para por fim tornar-te um deles. Quem não te felicitou pelo fato inaudito de te tornares membro de uma família tão distinta, tomar para ti uma esposa tão respeitável e mesmo ter a sorte de nascer um primogênito masculino? Não mencionarei – ou melhor, prefiro não mencionar – os privilégios que foram reservados somente a ti: cargos honoríficos que assumiste mesmo quando jovem, quando eles eram negados a pessoas mais velhas, mas eu me alegro sobremaneira em recordar aquilo que foi o apogeu de tua glória. Se os sucessos humanos concorrem para a definição da felicidade, como é que algumas adversidades, mesmo consideráveis, poderiam apagar de tua memória o extraordinário dia em que viste teus dois filhos, cônsules na mesma legislatura, fazerem-se escoltar desde a tua casa até o Fórum pelos senadores e todo o povo e quando, tomando eles seu lugar na Cúria e assentando-se sobre a cadeira curul, tu pronunciavas o panegírico do rei que tornou célebres tua inteligência e tua eloqüência e quando, no Circo, entre os dois cônsules, tu, com a generosidade de um triunfador, cumulavas de bens a multidão que vinha atrás de ti? Suponho que na ocasião não encontravas palavras para agradecer a Fortuna, durante aquele tempo em que ela te acariciava e te tratava como seu predileto. Pois ela te deu um presente que nenhum mortal jamais teve. Queres fazer com ela um balanço? É somente agora que ela vem pela primeira vez lançar-te um olhar malévolo. Mas se levasses em consideração a quantidade e a extensão de tuas alegrias e dores, não poderias dizer que o saldo não foi positivo até o momento. E, se pensas que não tens oportunidades porque tuas pretensas alegrias passadas se foram para sempre, não tens motivo para te considerares infeliz, uma vez que tuas pretensas penas presentes apenas passam. Ou por acaso é agora que chegas como neófito ao teatro da vida? Pensas encontrar alguma constância nos negócios humanos, enquanto o próprio homem extingue-se de um momento para o outro? Mesmo quando se pode contar com a estabilidade de uma situação fortuita – o que é excepcional –, de qualquer forma o último dia da vida é o encontro certo com a morte, mesmo para quem a Fortuna favorece. Dessa forma, eu te pergunto: qual é a diferença entre abandoná-la com a morte ou ser abandonado por ela?

II. 6

Quando Febo no céu começa a enviar a rósea luz em sua quadriga,
A humilde estrela fecha as suas pálpebras, ofuscada pelos poderosos raios do sol.
Quando o bosque, ao sopro caloroso do Zéfiro, se cobre das primeiras flores,
Se cai uma tempestade enviada pelo Austro, acaba-se a beleza e ficam apenas os espinhos.
Muitas vezes o mar é um espelho sereno e calmo, com suas ondas imóveis.
Mas freqüentemente o Aquilão desencadeia seus furacões, que agitam sua superfície.
A beleza raramente permanece sobre a terra: constantemente ela varia.
Crer em Fortunas efêmeras é crer em alegrias fugazes.
Um decreto eterno foi estabelecido: nada do que o dia vê é definitivo.”

II. 7

Então eu disse: “Tens razão, ó mãe nutriz de todas as virtudes, e não posso negar a rapidez da minha ascensão. Mas é precisamente essa lembrança que me fere mais. Com efeito, em toda reviravolta da Fortuna, não há maior desgraça do que ter conhecido a suprema glória.” E ela: “Mas não é porque expias um erro do teu julgamento que tens o direito de imputá-lo às coisas. Com efeito, se a expressão sem sentido ‘alegria fortuita’ significa algo para ti, podes contar os bens deleitáveis que usufruis comigo. Por conseguinte, se preservaste até aqui, intacto e não violado, tudo o que possuías de mais precioso no inventário de tua fortuna graças à vontade divina, podes queixar-te de algum infortúnio contra ti? Ora, teu sogro Símaco, honra do gênero humano, goza de boa saúde e está perfeitamente lúcido e, o que pagarias ao preço de tua própria vida, mostra-se calmo e não se inquieta muito com tua atual situação. Tua esposa está viva, ela que é um modelo de humildade, castidade e honradez, enfim, um retrato das qualidades de seu pai. Ela está viva, repito, mas por tua causa suporta uma vida para ela horrenda – e te digo que apenas isso pode justificar um decréscimo de tua situação – e, de saudades de ti, ela se precipita em lágrimas e dores. E o que haveria de dizer de teus filhos, que já foram cônsules e, como é natural nas pessoas dessa idade, já se forma neles um caráter semelhante ao do pai e do avô? Portanto, já que a preocupação maior dos mortais é estarem vivos, como serias feliz se tivesses consciência de tua felicidade, tu, que possuis coisas que aos

olhos dos outros valem mais que a vida! Seca portanto estas lágrimas. A Fortuna não foi cruel com toda a tua família, e a tempestade que se abateu sobre ti não foi demasiado violenta, pois tuas âncoras são firmes, e não te deixa partir à deriva quem te consola no presente e te permite nutrir esperanças no futuro.” Eu então respondi: “Sim, e peço que elas me sejam de valia; enquanto os meus familiares estiverem em segurança, aconteça o que acontecer, nadarei contra a corrente. Mas podes ver quanto caiu o meu prestígio.” E ela: “Já ganhei um ponto se não estás mais inteiramente insatisfeito com a situação atual. Não posso suportar esse comportamento fraco, essa maneira de exaltar teu desespero com o pretexto de que algo falta à tua felicidade. Acaso existe algum homem que possua uma felicidade tão perfeita que não se queixe de algo? A felicidade terrestre traz sempre consigo preocupações e, além de nunca ser completa, sempre tem um termo. Um possui imensas riquezas, mas se envergonha da sua origem humilde; outro é de linhagem nobre e ilustre, mas preferiria não sê-lo devido à sua insegurança e pobreza. Outro possui ambos os bens, mas não se conforma com seu celibato; há ainda o que é feliz no casamento mas não possui filhos, e acumula riquezas para uma pessoa que não será de seu sangue. Tal outro sentiu a alegria de ter filhos, mas a conduta deles deixa-o desolado. Em suma: ninguém está contente com a sua situação, e cada situação comporta um aspecto que não se nota a menos que seja experimentado, e quem o experimenta sabe quão ruim ele é. Acrescento ainda o caso das pessoas mais favorecidas pela Fortuna, cuja sensibilidade aumenta na medida de sua felicidade; a menor adversidade as abate: é preciso muito pouco para tirar os afortunados de sua felicidade.

Quantos não se sentem desgraçados ao mais leve golpe da Fortuna? Considera quantos não se sentiriam muito afortunados se tivessem uma pequena parte daquilo que a Fortuna te deixou! Este mesmo lugar que chamas de exílio é a pátria de muitos, de tal forma que te digo que a desgraça é apenas o que é tido como tal, e a felicidade pode entrar em toda parte se suportamos tudo sem queixas. Mas que homem pode haver que seja afortunado o suficiente para não querer sempre mais, impelido pela ambição? Quantas vezes sua felicidade não é afastada por causa da amargura da condição humana! Mesmo aquele que desfruta sua felicidade com contentamento não poderá impedi-la de partir quando a Fortuna quiser. Pode-se ver então verdadeiramente como é digna de lástima a condição humana, uma vez que, naqueles que se satisfazem facilmente, ela não dura para sempre, e aqueles que se beneficiam muito dela estão sempre descontentes. Por que então, ó mortais, buscais fora de vós mesmos o que se encontra dentro de vós? O erro e a ignorância vos cegam. Vou te mostrar rapidamente no que consiste a suprema felicidade. A teu ver há algum bem mais

precioso do que tua própria vida? ‘Não’, responderás. Então, se consegues ser senhor de ti mesmo, possuirás algo que jamais poderás perder nem a Fortuna te arrebatar. E, para que aprendas melhor que a felicidade independe da Fortuna, segue meu raciocínio. Se é verdade que a felicidade é o supremo bem de uma natureza guiada pela razão, fica claro que a instabilidade da Fortuna não tem nenhum conhecimento da natureza da felicidade. Além disso, aquele que se abandona a essa efêmera felicidade pode saber ou não se ela é volúvel. Se não sabe, como poderíamos chamar de feliz alguém tão cego pela ignorância? Se sabe, não deixará de temer perder algo que se pode perder num instante, e esse medo incessante não lhe permitirá ser feliz. Pode ser que ele julgue sem valor o que vai perder. Então facilmente suportará a perda de algo dispensável, sem se importar. E esse bem não passará de uma ninharia. E, uma vez que sei que tu permaneces uma pessoa que adquiriu a firme certeza, provada em diversas demonstrações, de que as almas dos homens não são mortais e além disso que o sucesso material dado pela Fortuna cessa com a morte, podes ter certeza de que, se a morte não é capaz de arrancar tua felicidade, muito menos o pode a morte violenta, e para a maior parte dos homens seus males terminam somente com a morte. Além disso sabemos que muitas pessoas encontraram a felicidade não apenas com a morte mas também em meio a dores e suplícios. Então pergunto: como a vida na Terra poderia tornar os homens felizes, se muitos só encontram a felicidade em seu termo?

II. 8

Se és prudente e desejas
Estabelecer-te duradouramente em algum lugar;
Se estás decidido a não te dobrar
Às rajadas ensurdecedoras
Do Euro, e a desprezar as ameaças
Das vagas do Oceano,
Não construas tua casa
Em cimos montanhosos
Ou nas areias instáveis.
Lá em cima, o Austro impetuoso
Se manifesta com todas as suas forças;
Embaixo, as areias resvalam

E não fornecem alicerce seguro.
Foge dos perigos dissimulados
Em locais deslumbrantes.
Não te esqueças de construir tua casa
Sobre a pedra sólida.
O vento poderá soprar a qualquer hora
E agitar a superfície do mar;
Feliz de estar ao abrigo
Dentro de tuas quatro paredes,
Tu usufruirás de dias amenos
E zombarás da fúria dos climas.

II. 9

Mas, uma vez que meus raciocínios já começaram a aplacar tua miséria, gostaria de passar a usar de remédios mais fortes. Vamos em frente. Mesmo se os dons da Fortuna não fossem frágeis e passageiros, haveria um bem ao menos que fosse inteiramente teu e que resistiria a um exame atento e minucioso? As riquezas têm valor por si mesmas ou porque pertencem a ti? Qual delas tem maior valor? O ouro? Ou uma profusão de objetos? Ora, as riquezas parecem ter mais valor quando se vão do que quando são adquiridas. É por isso que a avareza é causa de antipatia, e a generosidade, de louvores. Uma vez que não é possível manter algo que só tem valor se for trocado, o dinheiro só tem valor quando muda de mãos e deixamos de possuí-lo. Por outro lado, se todo o dinheiro do mundo estivesse concentrado nas mãos de uma só pessoa, ninguém mais o teria. Muita gente no mundo se empenha em obter riquezas a todo custo, mas elas devem ir necessariamente para as mãos de outros, e portanto diminuem. E, assim, os que as possuíam devem necessariamente ficar mais pobres. Portanto, como são limitadas e lastimáveis essas riquezas que não podem ser possuídas em sua totalidade por muitos ao mesmo tempo, nem se tornar propriedade de um sem deixar outro mais pobre! Ou será o brilho das pedras preciosas que chama a tua atenção? Mas o que há de característico nesse brilho é que se trata apenas de uma luz própria das pedras, não dos homens, e considero extremamente surpreendente que elas suscitem neles tanta admiração. De fato, que objeto desprovido de movimento e sopro vital seria interessante para um ser dotado de vida e razão? Mesmo que elas se distingam das outras coisas graças ao trabalho

do Criador, elas têm em si mesmas apenas uma centelha de beleza e estão muito abaixo da tua constituição para merecer tanta atenção de tua parte. Ou será a beleza da Natureza que te deslumbra? Mas como não haveria de ser assim? Ela é, na realidade, parte de uma grande obra. Dessa forma, às vezes temos prazer em contemplar o mar calmo, em admirar o céu, as estrelas, a lua e o sol. Mas essas coisas têm algo em comum contigo? Acaso ousas parecer mais perfeito que o seu esplendor? É teu corpo que se cobre de flores na primavera? És tu que dás os frutos do verão? Por que te deixas levar por esses fúteis pensamentos? Por que preferes te apegar a bens exteriores a cultivar os teus próprios? A Fortuna jamais conseguirá te oferecer bens que a Natureza não quis te dar. É verdade que os frutos da terra são destinados a nutrir os seres vivos. Mas se quisesses apenas satisfazer tuas necessidades pessoais – aquilo que é suficiente à tua natureza – não terias o direito de aspirar a uma Natureza mais generosa. Pois a Natureza se contenta com o mínimo, e, se queres acrescentar o supérfluo ao que satisfaz as tuas necessidades, esse acréscimo será desagradável ou prejudicial. Se pensas, por exemplo, em te distinguires por tuas roupas, ao examiná-las serão a natureza do tecido ou a habilidade do costureiro que admirarei. Ou será uma multidão de criados que te torna feliz? Mas, se eles se portam mal, serão um fardo para a casa e muito prejudiciais ao próprio senhor; se, pelo contrário, eles são honestos, como a honestidade, sendo deles, poderia acrescentar algo às tuas riquezas? Tudo isso te mostra claramente que nada do que julgas ser teus próprios bens te pertence na realidade. E, se eles não têm nenhuma qualidade digna de ser procurada, por que te lamentas quando os perdes ou te alegras quando os conservas? E, se essas coisas são belas por si mesmas, que tem isso a ver contigo? Com efeito, esses bens te agradariam naturalmente e por si mesmos, independentemente da Fortuna. Pois não é pelo fato de eles terem sido acrescidos à tua fortuna que têm valor, é apenas porque a teus olhos eles eram valiosos que tu quiseste acrescentá-los aos teus bens. Mas por que todo esse alarde com relação à Fortuna? Creio que é por temeres a carência e desejares a abundância.

Ora, isso te leva ao resultado inverso. Na verdade, é motivo de grande preocupação ter de zelar por seus objetos preciosos, quando se os tem em grande quantidade, e também é verdade que as preocupações aumentam à medida que aumentam as riquezas, enquanto a preocupação diminui quando não damos grande importância a essas coisas, nos contentamos com o que nos dá a Natureza e não temos uma ambição muito grande. Acaso não tens verdadeiramente nenhum bem que seja teu próprio e inerente à tua natureza, para que seja preciso procurares bens em objetos externos e estranhos a ti? A ordem das coisas se inverte a tal ponto que um ser vivo, racional e feito à imagem de Deus, crê poder

distinguir-se apenas pela posse de objetos sem vida! E outros seres vivos se contentam em ser o que são, mas vós, que sois dotados de alma e feitos à semelhança de Deus, vós empregais vossa natureza na busca de objetos sem importância, sem noção da desigualdade da troca e da ofensa que fazeis ao Criador. Ele, o Criador, quis que os homens estivessem acima de todas as criaturas terrestres, e vós vos aviltais colocando-vos abaixo do que é mais vil. Com efeito, se é evidente que todo bem pertencente a outro vos parece mais valioso do que para aquele que o possui, quando considerais que os objetos mais insignificantes são bens para vós, então vos colocais a vós mesmos como inferiores a esses objetos. E, de fato, esse raciocínio é exato; pois assim é a natureza humana: superior a todo o resto da criação quando usa de suas faculdades racionais, mas da mais baixa condição quando cessa de ser o que realmente é. Nos animais, essa ignorância de si mesmos é inerente à sua natureza; no homem, é uma degradação. Como é grande o vosso erro, quando pensais em vos exaltar com coisas externas! É algo inconcebível! E ademais, quando alguém se distingue pelos ornamentos que ostenta, são os ornamentos que são admirados, e não quem os traz. E afirmo ainda: não há bem material que não cause algum mal a quem o possui. Dirás que minto? Tu não o negarias. Ora, as riquezas muitas vezes lesaram quem as possuía, principalmente porque os ladrões e perversos, ávidos dos bens dos outros, acreditam ser seu direito possuir todo o ouro e coisas preciosas do mundo. Assim, se tu temes encontrar um agressor armado de uma espada e um punhal, se tivesses entrado na estrada da vida sem fortuna, poderias viver cantando ao lado do ladrão. Estranha felicidade esta, proporcionada pelos bens terrestres: só se pode possuíla ao custo da própria tranqüilidade!

II. 10

Felizes os homens de outras eras!
Eles se contentavam com os frutos que a Terra lhes dava:
Não se perdiam a troco de um luxo dispensável
E eram pacientes em seu apetite
Até que a Natureza os satisfizesse.
Eles não sabiam ainda misturar
Os dons de Baco com o puro mel
Nem impregnar os tecidos da Índia

De corantes tírios.
O campo fornecia um sono reparador.
As águas límpidas forneciam a bebida,
E o enorme pinheiro, a fresca sombra.
Eles não atravessavam os mares profundos
Nem vendiam por todo o lado mercadorias.
Não desembarcavam como estrangeiros em costas inexploradas.
Naquele tempo, a trompa guerreira era muda,
Não havia nenhum violento que semeasse
Sangue e medo nos campos.
Nenhum inimigo era louco
A ponto de provocar combates
Nem ameaças de feridas cruéis
Sem recompensa pelo sangue vertido.
Ah! Se nosso tempo ao menos
Voltasse aos antigos costumes!
Mas não! Mais ávido que o Etna
Ferve o desejo feroz de possuir!
Maldito seja o primeiro
Que desenterrou os tesouros escondidos
E as pedrarias que gostariam de continuar
Ocultas – cúmplices do crime.

II. 11

Mas que dizer das honras e do poder, que na vossa ignorância da verdadeira honra e do verdadeiro poder levam vossas cabeças a delirar nos céus? Se eles caem nas más mãos de pessoas sem escrúpulos, que Etna em erupção, que inundações poderiam ser piores do que eles? Em todo o caso – e creio que te lembras –, teus ancestrais decidiram abolir o poder consular por causa da antiga arrogância dos cônsules, poder que antes era o fundamento de sua liberdade, e por causa disso mesmo eles tinham banido do Estado toda realeza. Mas se por acaso – e isso acontece raramente – os poderes caem nas mãos de homens honestos, o que neles agrada além da esperada honestidade com que exercem suas funções? Donde se conclui que a virtude não se adquire por causa das honrarias, apenas as honrarias são acrescentadas a ela. E de que se trata afinal

esse poder que achais tão desejável e vos comove tanto? Pobres mortais! Não vedes quem sois e a quem acreditais comandar? Se vísseis numa assembléia de ratos um deles reivindicar e querer exercer sua autoridade sobre todos os outros ratos, com que gargalhadas não seria recebida essa sua pretensão? Dize-me, poderias tu, com relação a teu corpo, encontrar algo mais frágil que o ser humano, que freqüentemente morre apenas pela picada de um inseto ou por ter pegado vermes? E que poder tem um homem sobre outro, excetuando-se o seu corpo e aquilo que é menos até que o corpo, isto é, seus bens? É possível dar ordens a um espírito livre? É possível abalar a resolução de um espírito firme e perturbar sua tranqüilidade? Um tirano que pensasse poder fazer, por meio da tortura, um homem livre denunciar os pretensos cúmplices de uma rebelião contra ele veria o seguinte procedimento: o homem livre e honesto morderia a própria língua, parti-la-ia e a cuspiria no rosto do tirano. Assim, as torturas que o tirano considerasse instrumentos de crueldade e pavor tornar-se-iam para o sábio uma oportunidade de mostrar sua virtude.

E o que poderia ser feito a um outro sem o risco de receber de volta o mesmo troco? Segundo a tradição, Busíris, que tinha o costume de assassinar seus hóspedes, foi assassinado quando era hóspede de Hércules. Régulo meteu a ferros um grande número de prisioneiros de guerra cartagineses, mas depois ele próprio teve de estender suas mãos aos ferros dos que tinha vencido. Podemos então chamar de potente um ser que é incapaz de impedir alguém de dar o mesmo troco às coisas que ele faz? E além disso: se estas honras e este poder fossem inatos e inerentes a si mesmos, eles jamais poderiam ser exercidos pelos perversos. Pois, por princípio, os opostos não se associam; à Natureza repugna toda união de contrários. Dessa forma, como é incontestável que pessoas más freqüentemente ocupam cargos públicos, fica evidente que esses cargos não são intrinsecamente bons, já que toleram pessoas de má índole. Essa é portanto a opinião mais racional que devemos ter de todos os presentes da Fortuna, que privilegia também com tanta abundância as pessoas más. Quanto a esse assunto, eis o modo correto de abordá-lo: todos reconhecem a coragem naquele que mostra coragem, e a velocidade em quem dá mostras de ser veloz. Do mesmo modo acontece com a música e os músicos, a medicina e os médicos, a retórica e os oradores. Na verdade, a natureza de cada coisa produz o que lhe é próprio, não se mistura às coisas que lhe são contrárias e evita espontaneamente o que lhe é oposto. Ora, as riquezas não podem satisfazer uma avareza insaciável, nem o poder tornar senhor de si aquele que se entrega a todo tipo de paixões, e, quando se concede um cargo público a uma pessoa sem escrúpulos, nem ela se torna mais digna por causa disso, pelo contrário, coloca em evidência sua natureza perversa. E por que é assim? O fato é o seguinte: é que vós costumais dar às

coisas, independentemente do que elas são, denominações falsas, cujo caráter enganador se revela facilmente quando passam pelo crivo da verdade, que elas costumam esconder. E é por esse motivo que não podemos verdadeiramente falar delas como sendo riquezas, poder ou honrarias. Enfim, podemos dizer o mesmo a respeito da fortuna: não há nada nela que mereça ser procurado, não há nada nela que seja intrinsecamente bom, uma vez que ela também beneficia pessoas más e não é capaz de tornar bom aquele que a ela se associa.

II. 12

Conheces bem a história daquele
Que nos causou tantas ruínas,
Assassinou senadores, incendiou Roma,
Envenenou seu irmão
E matou a mãe sem escrúpulo algum.
Aproximando-se de seu cadáver gelado
Não cobriu seu rosto de lágrimas; pelo contrário,
Fez-se juiz de seus antigos encantos.
E no entanto era ele quem reinava sobre diversos povos
Que o sol ilumina em seu curso
Ou quando se levanta nos mais remotos lugares.
Mesmo esse poder pôde apaziguar da ferocidade de Nero?
Pobres dos homens que são oprimidos
Quando ao punhal aguçado pelo crime
Se associa o veneno cruel.”

II. 13

Então eu disse: “Tu bem sabes que a ambição de sucesso neste mundo jamais foi para mim a busca fundamental. Mas eu quis aproveitar a ocasião de seguir a carreira política para evitar que minhas habilidades ficassem inativas.” Então ela respondeu: “Há apenas uma coisa que move os espíritos dotados de grandes qualidades, mas que não chegaram ainda à total posse de seu valor: é a paixão pela glória e a fama que se busca pelos bons serviços prestados ao

Estado. Mas pensa na pequenez e na futilidade de uma tal motivação! Toda a extensão da Terra, como bem o sabes graças às demonstrações dos astrônomos, comparada à extensão do Céu, não passa de um pequeno ponto: isso quer dizer que, comparada à extensão dos céus, a magnitude da Terra não é quase nada. E, dessa região tão ínfima, apenas um quarto, segundo os cálculos de Ptolomeu, é habitado por seres vivos. E, se desse quarto tu tirares toda a superfície ocupada por oceanos, lagos, desertos, etc., restará uma ínfima parte onde habitam os homens. Ora, vós que estais cercados e presos no interior deste ínfimo ponto de um ponto, como podeis sonhar seriamente em estender a vossa fama e alargar os limites de vossa notoriedade? E o que tem de grandioso e magnífico a glória humana, restrita a limites tão estreitos? E isso sem esquecer que essa pequena parte do mundo é povoada e habitada por inúmeras nações, que diferem umas das outras pela língua, costumes e modo de vida; e tal é a dificuldade das viagens, tamanha a diversidade de idiomas e tão pouca a freqüência das trocas comerciais que é enorme o obstáculo para a expansão da fama, não somente entre os homens, mas mais ainda entre as nações. Mesmo na época de Cícero, tal como ele mesmo reconhece num de seus escritos, a fama do Império Romano não havia ainda atravessado o Cáucaso, e no entanto naquela época Roma estava no seu apogeu, e fazia tremer os partos e os povos daquelas regiões. Vês agora quão restrita era a fama que buscavas aumentar e propagar? Como poderia um cidadão de Roma ter fama para além de seus limites? E ainda mais: os costumes e as instituições dos outros povos são tão diferentes que algo que é muito considerado por uns é, segundo outros, um crime digno do maior suplício. Segue-se daí que o homem que busca a fama não tira o menor proveito de ter seu nome espalhado pela multidão dos povos. Cada um, portanto, se satisfará em ver sua fama propagar-se entre os seus, e a sua tão falada imortalidade se restringirá às fronteiras de uma só nação. E quantos homens que foram célebres em seu tempo não caíram no esquecimento por não terem deixado nenhum escrito! No entanto, qual a utilidade de tais escritos, que desaparecem junto com seus autores na escuridão do tempo? Quanto a vós, credes assegurar vossa imortalidade ao pensar na fama de que gozareis no futuro. Mas se consideras seriamente o infinito da eternidade, por que razão te alegras da longevidade de tua fama? Com efeito, a duração de um só instante comparada à de dez mil anos, por serem ambas limitadas, têm uma curta dimensão, mas de qualquer forma não é uma diferença desprezível. Mas esse número de anos, bem como qualquer um de seus múltiplos, não podem ser comparados a uma duração infinita. Na verdade, podemos comparar duas coisas finitas mas jamais comparar o finito com o infinito. Segue-se que a fama de alguém, seja qual for sua extensão, se comparada à eternidade, cujo fim jamais se atinge, mostra-se não apenas de

pouco impacto, mas, na realidade, quase inexistente. E ainda por cima vós, para obtê-la, deveis granjear o favor do povo e dos vagos boatos para saber como agir de maneira conveniente, desprezando a superioridade da consciência e do mérito: vós buscais vossa recompensa na miserável ralé. Aprendei como certo homem divertiu-se um dia ridicularizando esse gênero de arrogância. Esse homem cobriu de injúrias um indíviduo que, sem sê-lo de fato, intitulava-se filósofo, não para praticar a verdadeira virtude, mas por vaidade e desejo de glória vã. Pois bem, esse homem disse ao outro que reconheceria sua qualidade de filósofo se ele se mostrasse capaz de agüentar, sem se desesperar nem se enervar, uma torrente de injúrias. O pretenso filósofo conseguiu por algum tempo ter paciência, mas, após ter-se contido diante dos insultos, descarregou ele próprio sua ira: ‘E então, reconheces agora que sou filósofo?’ E o outro lhe respondeu: ‘Estava prestes a reconhecê-lo, se não tivesses dito coisa alguma.’ Além disso, qual o lucro que as pessoas de mérito têm – pois é delas que eu falo – em buscar a glória com suas virtudes, uma vez que tudo acaba com a morte e a destruição do corpo? Isso, se é verdade o que dizem (coisa com a qual não posso absolutamente concordar): que extintos os homens, sua fama cessa com eles, pois ela se atribui a alguém que já não existe. Mas se pelo contrário a alma, consciente de si mesma, ganha os céus depois de se libertar desta prisão terrestre, não irá ela desprezar todas as suas antigas preocupações, uma vez que, tendo ganhado o Céu, pouco se importará com tudo o que é terrestre?

II. 14

Todo aquele que persegue a todo custo
Somente a glória e a estima mais que tudo,
Deveria observar a imensidão dos espaços celestes
E a relativa pequenez da Terra.
Incapaz de vencer uma curta distância,
Seu nome glorificado lhe causará vexames.
Por que, seres orgulhosos, essa insistência em remover
Em vão de vossos ombros o jugo da mortalidade?
Mesmo se uma fama atinge povos distantes,
Ali se espalha e se ouve falar dela,
Mesmo se uma família se honra com vários títulos,
A morte despreza como a tudo os píncaros da glória.

Ela acolhe do mesmo modo o humilde e o honroso
E aplana toda diferença.
Onde estão hoje os ossos do leal Fabrício?
Que foi feito de Bruto? Ou do inflexível Catão?
Um eco de seu nome sobrevive e marca
Num punhado de escritos sua vã reputação.
Mas o conhecimento de nomes famosos
Faz-nos compreender pessoas que já desapareceram?
Vós estais portanto condenados a um total anonimato:
Vossa efêmera fama não vos torna conhecidos.
E, se pensais em prolongar a vossa vida
Pelo brilho de vossos nomes mortais,
Quando a reputação cair no esquecimento
Tereis morrido por uma segunda vez.

II. 15

Mas não quero que penses que estou a travar um combate impiedoso contra a Fortuna; por vezes acontece de ela não enganar os homens, mas esclarecê-los. Tal é o caso quando ela se desmascara e mostra seus métodos de ação. Talvez não compreendas ainda o sentido de minhas palavras. Há um motivo para ficares surpreso com minha impaciência de contar-te tudo, e a razão é que encontro dificuldade em achar as palavras adequadas para exprimir meu pensamento. Eis o que penso: a Fortuna é mais benéfica aos seres humanos quando se mostra adversa do que quando se mostra favorável. Quando se mostra sedutora e atraente, está sempre mentindo com sua aparência de felicidade; a adversa, porém, é sempre sincera quando revela por suas reviravoltas seu caráter instável. Uma engana, a outra instrui. Uma, ludibriando os homens com uma falsa felicidade, captura a alma daqueles que desfrutam de seus dons; a outra, pelo contrário, libera a alma fazendo-a ver a precariedade da sorte.

Assim, podes ver que uma é caprichosa, flutuante e sempre ignora o que faz, enquanto a outra é comedida, pronta para tudo e experiente devido aos seus contatos com a adversidade. Enfim, a Fortuna favorável usa de todos os seus encantos para desviar as pessoas do verdadeiro bem, enquanto a Fortuna desfavorável trava-lhes o caminho para levá-las novamente aos verdadeiros valores. Acaso achas de pouca importância o fato de esta severa e temível

Fortuna te revelar quem são teus verdadeiros amigos, distinguir a franqueza e a hipocrisia de teus companheiros e levar o que te foi dado por ela para deixar apenas o que é teu? Por que preço buscarias adquirir esse discernimento quando não estavas abalado pela Fortuna e te acreditavas feliz? Agora, tu te queixas da ruína; contudo, encontraste por isso mesmo tua mais preciosa riqueza: teus verdadeiros amigos.

II. 16

Oxalá o Universo, numa perfeita concórdia,
Conheça variações harmoniosas,
E os elementos em disputa
Observem um pacto perpétuo.
Oxalá Febo conduza a rósea luz
Do dia em seu carro de ouro
Para que Febe domine as noites
Trazidas por Vésper.
Tudo isso, para que o mar insaciável contenha
Suas ondas num limite determinado;
Para que os solos movediços não possam
Se estender por vastas regiões.
Eis a série de fenômenos controlados
Por aquele que rege a Terra e o Mar
E que comanda o Céu: o Amor.
Se por acaso ele afrouxar suas rédeas
Lá onde hoje ele reina,
Logo se instalará a guerra,
E o mecanismo que agora é movido
Com coerência e beleza
Não poderá resistir às forças destruidoras.
Pois é também o Amor que sustenta os povos
Unidos por um pacto inviolável,
É ele quem reforça os laços sagrados
Do casamento por relações virtuosas;
É ele também quem dita as leis
Aos seus fiéis companheiros.

Bem-aventurado será o gênero humano
Se seu coração obedecer ao Amor,
O mesmo a quem o próprio Céu estrelado obedece.”

---

* O autor faz aqui um jogo entre as palavras latinas *Fors* e *Fortuna*. (N. do T.)

5. Homero, *Ilíada*.

Livro III

III. 1

Mal havia ela acabado de cantar e eu já estava ávido por ouvi-la novamente; fiquei mudo, com os ouvidos bem abertos à beleza de suas melodias. Passaram-se alguns instantes. Depois eu disse: “Ninguém melhor que tu sabe reconfortar os espíritos abalados. Isso se deve à força de tua persuasão ou ao prazer de te ouvir cantar? Não sei, mas graças a ti recobrei minhas forças. Agora que já te ouvi dizer tantas verdades, não creio ser incapaz de resistir aos golpes da Fortuna. Dessa forma, os remédios que julgavas serem fortes demais para mim não me metem mais medo e, já que estou impaciente por ouvir-te novamente, peço-te com insistência que os administres.” Então ela respondeu: “Estou bem certa de te ter visto acolher e beber minhas palavras, e esperava agora encontrar-te nesta disposição de espírito, mas seria mais justo dizer que fui eu quem a provocou. É verdade que os medicamentos que ainda deves tomar vão primeiramente soltar tua língua, mas, quando tiveres engolido as palavras, esses efeitos se atenuarão. Mas, já que declaras desejar ouvir-me mais, como ficarias impaciente se soubesses para onde estou te conduzindo!” “E para onde?”, perguntei. Ela respondeu: “Para a verdadeira felicidade, a felicidade que teu coração vê em sonhos, mas que não podes contemplar tal como ela é porque tua vista se desvia para as aparências.” Aí eu disse: “Ah, sim! Eu te suplico! Mostra-me sem demora o que é a verdadeira felicidade!” E ela: “De bom grado farei o que me pedes, mas primeiramente tentarei definir com palavras e delimitar um tema para reflexão do que te é mais familiar no conceito de felicidade a fim de que, quando o tiveres examinado bem, voltes os olhos para a direção oposta e

reconheças a verdadeira imagem da felicidade.

III. 2

Quando queremos preparar um terreno virgem,
Livramo-nos primeiro das plantas que o atulham;
Em seguida, ceifamos o mato e a sarça
Para que Ceres e seu trigo novo possam vir.
Saboreamos melhor o mel das abelhas
Se ele se segue ao amargo absinto.
Os astros brilham mais quando o Noto
Cessa de enviar torrentes de chuva.
Assim que a estrela Lúcifer afasta as trevas,
Febo, seguindo os passos da noite,
Lança seu carro nos purpúreos céus.
Começa tu também a tirar da tua cerviz
O jugo e examina os falsos bens:
Assim teu espírito se abrirá aos bens verdadeiros.”

III. 3

Então ela ficou imóvel, o olhar estático; e, como que mergulhando nas profundezas de seu pensamento, começou a falar desta maneira: “Os mortais têm todos uma única preocupação pela qual não medem esforços; seja qual for o caminho tomado, o objetivo é sempre o mesmo: a felicidade. Ora, trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. E é realmente o bem supremo, que contém em si mesmo todos os bens: se apenas um lhe faltasse, ele não poderia ser o bem supremo, pois fora dele haveria algo ainda a ser desejado. É claro, portanto, que a felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens. É para aí, como dissemos anteriormente, que todos os mortais se dirigem pelos mais diversos caminhos. Com efeito, todos os homens têm em si o desejo inato do bem verdadeiro, mas os erros de sua ignorância desviam-nos para falsos bens. Alguns homens, acreditando que o bem supremo consiste em não lhes faltar nada, trabalham sem

cessar para amealhar riquezas; outros, acreditando que o bem supremo consiste em serem tidos em alta conta pelos concidadãos, esforçam-se por se fazer respeitar por todos ocupando cargos honoríficos. Outros há que estão persuadidos de que o supremo bem reside no poder supremo; assim, desejam o poder para si ou tentam se imiscuir na corte dos governantes. Quanto àqueles que acreditam não haver nada melhor que a celebridade, tratam de tornar seu nome glorioso na paz ou na guerra. Contudo, a maioria acredita ter obtido o soberano bem quando estão alegres e contentes: a seus olhos a suprema felicidade consiste em se embriagar no prazer. Para alguns, esses bens se transformam indiferentemente em meio ou fim. Dessa forma, vemos homens desejar a riqueza para adquirir o poder, enquanto outros buscam o poder tendo em vista a glória ou a riqueza. É portanto para a aquisição desses bens e outros semelhantes que tendem as ações e os esforços humanos. É o que ocorre quando se buscam os altos cargos e a popularidade, porque se acredita que daí se obtém uma certa celebridade: e também com o casamento e a paternidade, que se buscam pela satisfação que deles se extrai. Quanto aos amigos, são o tesouro mais sagrado que temos, pois eles nos foram dados pela virtude e não pela Fortuna, enquanto todos os outros bens são adquiridos em vista do prazer ou do poder que proporcionam. Ademais, certas condições físicas estão também associadas aos bens que acabei de enumerar. Assim, uma constituição robusta e um grande porte parecem reforçar a autoridade; e a beleza e a rapidez, a celebridade, bem como a saúde, o prazer; mas, percorrendo todas essas vantagens, essas pessoas crêem estar buscando manifestamente a felicidade. Com efeito, cada um considera que aquilo que busca acima de tudo é nada mais que o bem supremo. Mas nós tínhamos definido bem supremo como sendo a felicidade; dessa forma, cada um considera que a felicidade reside naquilo que deseja mais do que qualquer outra coisa. Assim, tens sob teus olhos as diversas formas de felicidade que os homens concebem: riquezas, honras, poder, glória, prazeres. É sem dúvida alguma pelo fato de tomar apenas tais coisas em consideração que Epicuro, seguindo a lógica, foi persuadido de que o soberano bem fosse o prazer, uma vez que todos os outros bens tendem para o prazer. Mas volto a considerar os esforços daqueles cuja alma não cessa de procurar o que é bom para si, mesmo se sua escolha o induz ao erro; tal como o ébrio, sua alma não encontra o caminho de casa. De fato, os que se esforçam para que não lhes falte nada não dão a impressão de estarem se enganando? Ora, para experimentar a perfeição da felicidade pensam que não há nada melhor que uma grande profusão de bens, sem nada invejar de ninguém e tendo o suficiente para si mesmos. E também não se enganam aqueles que pensam que o que há de melhor no mundo são os sinais de respeito prestados pelos outros? É claro que não! Pois

não pode ser sem valor nem desprezível aquilo que quase a totalidade dos mortais procura obter por meio de imensos esforços. Não se encontra no número desses bens também o poder? Por que não? Deve-se considerar como um estado de fraqueza e fragilidade aquele que obviamente é superior ao resto? É verdadeiramente real que a celebridade deve ser tida por nada? Pois não devemos ficar indiferentes quanto a tudo o que se destaque e que pareça também ser o mais ilustre. Com efeito, nem é preciso dizer que a felicidade não conhece nem tormentos nem tristezas e tampouco é vítima de alguma dor ou vergonha, uma vez que, mesmo quando se trata de coisas sem importância, buscamos algo cuja posse ou usufruto nos forneça o prazer. Ora, o que os homens querem obter são as riquezas, as honras, o poder, a glória e os prazeres; e se eles desejam esses bens é porque acreditam que eles os preenchem, tornam-nos dignos de respeito, fazem-nos exercer o poder, usufruir da celebridade ou levar uma vida agradável. É evidentemente a felicidade que os homens buscam por caminhos tão diferentes, e isso serve para mostrar manifestamente a energia inesgotável da Natureza, já que, por contraditórios e diversos que sejam seus caminhos, todos eles reconhecem estar perseguindo um mesmo fim: a felicidade.

III. 4

Que rédeas tem em suas mãos a Natureza Soberana,
Por que leis ela preserva,
Em sua sabedoria, a imensidão do mundo
E retém cada coisa por seus liames
Indestrutíveis: eis o que decidi te mostrar
Num claro canto e com minhas tênues cordas.
Os leões cartagineses podem sempre estar presos
Por exuberantes correntes, comer diretamente
Das mãos do homem e temer, pelo hábito,
Receber seus golpes, ameaças de seu mestre;
Mas se o sangue vem tingir sua temível goela
Eles, antes tão passivos, retomam seu caráter
E em brados sonoros reencontram sua natureza.
Libertando-se e rompendo suas cadeias,
A primeira vítima de suas presas sangüinárias
E de seus arroubos furiosos será o próprio domador.

O pássaro que saltitava entre os galhos
No alto da árvore é pego numa gaiola;
Mesmo se bebidas adocicadas com mel
E farto alimento lhe são oferecidos
Pela mão amigável e traiçoeira do homem,
Ele vem saltitando em sua gaiola
E, ao ver a sombra deliciosa das árvores,
Dispersa com suas patas o alimento
E não cessa de chorar desejando os bosques
E de cantá-los com sua doce voz.
O caniço, submetido a uma forte pressão,
Curva até o solo a extremidade de sua ponta;
Mas se o braço que o curva faz menos força
Sua ponta leva-o diretamente para o céu.
Febo diariamente desaparece nas águas da Hespérida
Mas, por um secreto caminho, reconduz seu carro
Ao habitual ponto de partida.
Todas as coisas procuram buscar suas origens
E, ao reencontrá-las, contentam-se;
Elas não suportam um percurso durável
Senão aquele que liga o fim à origem
No processo de um ciclo inquebrantável.

III. 5

Vós também, criaturas terrestres, mesmo se a concebeis de maneira imprecisa, podeis ver em sonhos vossa origem e entrever o verdadeiro fim que é a felicidade através de uma percepção que, embora não seja clara, tem ao menos o mérito de existir; e é por essa razão que, de um lado, vossa inclinação natural vos leva ao verdadeiro bem, mas, de outro, vossa cegueira quanto aos seus inumeráveis aspectos afasta-vos dele. Considerai por exemplo se os meios pelos quais as pessoas pensam em adquirir a felicidade são apropriados para se atingir aquilo que fixaram como meta. Pois se o dinheiro, as honrarias e o restante das coisas desse tipo levam a algo que pareça incluir todos os bens existentes, então eu seria a primeira a admitir que sua aquisição torna as pessoas felizes. Mas se esses bens não oferecem o que realmente foi prometido e se muitos outros são

excluídos, não é evidente que a aparência de felicidade que têm é enganosa? Vou começar propondo uma questão a ti precisamente, que há pouco tempo nadavas na opulência: quando vivias no meio de todas aquelas riquezas, teu espírito acaso foi perturbado por alguma inquietação provinda de um mal que tivesses sofrido?" Eu então respondi: "Sim, não posso me lembrar de ter tido o espírito tão tranqüilo para estar a todo momento isento de preocupações." "Não seria por causa de algo que querias que estivesse presente ou por causa da presença de algo indesejável?" "Sim, é isso", respondi. E ela: "Mas se te falta algo é porque o que tens não te basta em absoluto." "Tens razão", disse eu. "Reconheces então que não estavas satisfeito no meio daquele monte de riquezas?" "Não posso negar", respondi. "Portanto, a riqueza não pode fazer com que um homem não tenha necessidade de algo, que é o que ela promete. Outro ponto importante a ser considerado é que o dinheiro não tem a propriedade de não poder ser roubado por outros." "É verdade", repliquei. "E como não reconhecer essa evidência, uma vez que todo dia algum homem, por ter maior poder que outro, rouba-o sem que a vítima possa oferecer resistência? Por que há tantos processos na justiça de pessoas que pleiteiam o reembolso do dinheiro que lhes foi tirado pela força ou por fraude, contra a sua vontade?" "É o que ocorre", respondi. E ela continuou: "Portanto, é sempre necessária uma ajuda externa para proteger o dinheiro." "E quem diria o contrário?", respondi. "Ora, não teríamos necessidade de proteção se não corrêssemos o risco de perder o dinheiro que temos." "Certamente é assim." "Por conseqüência, chegamos a uma conclusão que contradiz a hipótese inicial: com efeito, as riquezas, que eram buscadas para se atingir a independência, tornaram na verdade seu possuidor dependente de ajuda alheia. Ora, de que maneira as riquezas podem nos libertar de certas dependências? É verdade que os ricos não passam fome nem sede. Seu corpo também não sente o frio invernal. Sim, dir-me-ás, os ricos têm sempre com o que matar a fome, a sede, o frio. Dessa forma, as riquezas podem sempre tornar mais suportável a dependência, mas elas não a suprimem. Com efeito, se a necessidade, esta eterna boca escancarada ao fluxo das coisas, encontra a sua satisfação nas riquezas, resta sempre uma nova necessidade a ser satisfeita. Isso sem dizer que é preciso muito pouco para satisfazer a Natureza, enquanto nada é o bastante para a voracidade. Assim, se as riquezas, longe de evitarem a necessidade, criam sua própria necessidade, como poderíeis crer que elas podem oferecer uma garantia de independência?"

III. 6

O rico, mesmo em meio a um turbilhão de ouro,
Ajunta bens incapazes de apaziguar sua avareza;
Mesmo se cobre o pescoço com pérolas do Mar Vermelho
E faz uma centena de bois lavrar seus campos férteis,
A angústia não cessará enquanto ele viver,
E com sua morte seus bens inconstantes o abandonarão.

III. 7

Mas tu me dirias: “As honrarias e os altos cargos proporcionam àqueles que os exercem honra e dignidade.” O quê? Acaso as magistraturas possuem a propriedade de dotar de virtude as pessoas que as exercem e livrá-las dos seus defeitos? Ocorre o contrário! Longe de fazer desaparecer a corrupção, elas a põem à mostra; é o que explica nossa indignação ao vê-las cair nas mãos dos criminosos: eis por que Catulo, sem levar em conta a cadeira curul onde se assentava Nório, deu-lhe o apelido de “Estruma” (chaga horrenda). Queres ver como os cargos honoríficos exercidos pelos celerados cobrem-se de desonra? Sua ignomínia seria menos percebida se suas funções honoríficas não os distinguissem dos outros. E, quanto a ti mesmo, não é verdade que todo tipo de perigo ao qual estavas exposto fazia-te reconhecer que partilhavas o consulado juntamente com Decorato, que sabias ser um tolo e bufão metido a delator? É com efeito impossível adivinharmos por que as funções honoríficas dignas de respeito são ocupadas precisamente por pessoas que estimamos indignas. Mas, se tu visses um homem sábio, poderias por acaso considerá-lo indigno de respeito ou da sabedoria que ele possui? Claro que não! Na verdade, o mérito possui efetivamente uma dignidade que lhe é própria e que se comunica imediatamente às pessoas de bem. Mas, como as honras prestadas pelo povo não podem ter o mesmo efeito, fica claro que as honrarias não contêm em si mesmas nenhuma dignidade e beleza. Ainda quanto a esse assunto, é preciso acrescentar que, se a baixa condição de um homem não é medida pelas pessoas que o desprezam, as honras, além de não tornarem respeitosas aquelas pessoas a quem são conferidas quando estas se expõem à multidão, tornam ainda mais grave a situação dos desprezados. Mas isso também tem suas conseqüências, pois as pessoas más também empanam as honras com sua infâmia. E para que reconheças que essas honras, que não têm valor em si mesmas, não proporcionam o verdadeiro respeito, faço-te a seguinte pergunta: se um homem

que já exerceu por várias vezes a função de cônsul encontra-se de passagem entre os povos bárbaros, essas distinções honoríficas torná-lo-ão mais respeitável aos olhos daqueles povos? Ora, se as honrarias possuíssem algum poder por si mesmas, elas sempre se distinguiriam onde quer que fosse, tal como o fogo que aquece da mesma maneira por toda a Terra; mas uma vez que essas distinções não possuem tal propriedade, ao contrário da falsa opinião dos homens, mostram-se insignificantes assim que se apresentam a pessoas que não as consideram honrarias. Mas isso acontece nos próprios lugares onde foram criadas. A pretura, magistratura que outrora conferia grande poder, é hoje em dia um título sem valor e um grande fardo para o Senado. Quem cuidava do abastecimento da cidade era tido outrora por um personagem de grande importância; hoje, nada é considerado mais aviltante que a pretura. O motivo é que, como já dissemos pouco acima, aquilo que não tem em si próprio nenhum mérito é avaliado pelas opiniões da multidão, que o exaltam ou o rebaixam. Se, de um lado, as honrarias não proporcionam a consideração e, de outro, poluem-se ao contato com pessoas desonestas, se com o tempo elas vão perdendo seu antigo resplendor assim como seu valor junto à estima do povo, como acreditar que possuem algo de bom em si mesmas para que mereçam ser desejadas e, ainda por cima, transmitidas aos outros homens?

III. 8

Revestia-se insolentemente da púrpura
De Tiro e de pérolas preciosas.
Todos, no entanto, indignados, detestavam
Nero e seus excessos devastadores.
Às vezes esse desavergonhado oferecia aos
Veneráveis senadores cadeiras curuis sem prestígio;
Pois quem consideraria uma coisa boa ver
Conferidas a si honrarias das mãos de um crápula?

III. 9

A realeza e a familiaridade com os reis podem tornar alguém poderoso? Não

posso negá-lo, se sua felicidade dura até o fim de sua vida; mas a Antiguidade e nosso século mesmo oferecem centenas de exemplos de reis cuja felicidade se transformou em catástrofe. Ó raro poder que não consegue nem conservar-se a si mesmo! Pois, se o poder real proporciona a felicidade, não é necessário admitir que, assim que ele diminui, a felicidade também diminui e o infortúnio começa? Com efeito, seja qual for a extensão de um império sobre a Terra, ainda resta obrigatoriamente um grande número de povos que escapam ao domínio desse rei. De outro lado, onde acaba o poder que torna o soberano feliz começa a impotência que o torna infeliz; assim, os reis conhecem mais tristezas que alegrias. Um tirano que fez a experiência dos perigos ligados à sua situação representou seus temores de soberano pela terrível imagem de uma espada suspensa sobre sua cabeça. Qual é afinal o poder que não pode deixar de se subtrair às preocupações nem evitar as angústias do medo? Ora, os próprios reis gostariam de levar uma vida sem preocupações, mas é impossível; portanto, eles se vangloriam de seu poder. Acreditas ser poderoso o homem que quer mais do que pode, que só anda cercado de guardas, que teme mais do que é temido e cujo poder se manifesta apenas com o consentimento de seus subordinados? Por que deveria eu evocar os casos de familiares dos reis uma vez que já mostrei a que ponto é vulnerável a própria função de rei? São eles, sem dúvida, as vítimas preferidas dos soberanos, sobre as quais estes exercem todo o seu poder e, desenfreados, chegam às piores conseqüências. Nero obrigou seu amigo e preceptor Sêneca a não ter outra liberdade senão a de escolher a morte. Quanto a Papiniano, por muito tempo influente na corte, foi levado por ordem de Antonino para ser morto pela espada de seus soldados. E, além disso, ambos queriam renunciar ao seu poder: Sêneca chegou mesmo a tentar devolver suas riquezas a Nero e retirar-se da vida pública. Mas, como seu fardo era muito grande, eles caíram em desgraça e nenhum escapou à sua sorte. Que espécie de poder então é esse que amedronta os que o têm, que é exercido com risco e do qual não podemos nos desfazer quando desejamos? Podemos verdadeiramente contar com as amizades que conquistamos não com o mérito, mas com a Fortuna? Aquele a quem a felicidade faz amigo, o infortúnio o faz inimigo.

III. 10

Quem quer ser poderoso
Que domine suas ávidas paixões

E não se abandone ao prazer,
Companheiro tão vergonhoso.
Mesmo se nos confins da Terra
O Indo obedece às tuas leis
E Tule mesmo treme à tua voz,
Afasta teus negros desejos,
Cessa de ter complacência contigo
Senão, não serás poderoso.

III. 11

Quanto à glória, quantas vezes ela nos engana! Como ela é vergonhosa! Assim, o trágico estava com a razão ao exclamar: “Ó glória, ó glória! quantos vis mortais, Graças a ti, desonraram a história com seus nomes!”[6]

Muitas pessoas, com efeito, devem seu renome às opiniões errôneas da multidão: o que pode ser mais vergonhoso que isso? Aqueles que são festejados injustamente devem certamente enrubescer ao ouvir os elogios que lhe são feitos. E, mesmo quando o mérito está na origem da glória, o que pode ela acrescentar à consciência do sábio, que avalia o que é bom ou não em si, e não se apega ao rumor do público, mas à verdade de sua consciência? E, se é tido por belo ouvir a fama, então é necessariamente vergonhoso não ouvi-la. Ademais, como disse ainda agora, há um grande número de povos aos quais a fama de um homem não chega, e, por esse motivo, aquele que tu cobres de glória aqui é tido como um homem comum na maior parte da Terra.

Ademais, não levo em conta minimamente o reconhecimento público, pois ele não procede de um juízo sóbrio nem perdura por muito tempo. Quanto à vaidade e à futilidade de um nome ilustre, quem não reconheceria sua vacuidade? Se há uma relação entre o nascimento e a celebridade, isso é devido a outra pessoa. O que é afinal a nobreza senão uma distinção que tem por origem as belas ações feitas pelos ancestrais? E, se a celebridade se adquire pelos elogios dos outros, então é forçoso reconhecer que os que elogiam é que são célebres. Conseqüentemente, se a celebridade não é aquisição própria, não é a de um outro que tornará alguém célebre. E, se há algo de bom na nobreza hereditária, a meu ver isso se resume ao fato de os herdeiros poderem ser dignos dos méritos de seus ancestrais.

III. 12

Todo o gênero humano tem uma mesma origem,
Um só é o Pai do Universo, Ele só o dirige,
Foi Ele quem deu a Febo seus raios, e à Lua seu crescente,
E também os homens à Terra e as estrelas ao Céu,
Foi Ele quem fez descer as almas do Céu e penetrar nos corpos.
Dessa forma, todos os seres nasceram de uma nobre semente.
Por que vangloriar-vos de vossa linhagem e dos vossos ancestrais?
Considerai vossa origem e Deus, vosso Criador: todos são igualmente nobres
A menos que reneguem sua origem divina, entregando-se aos piores vícios.

III. 13

E o que eu poderia dizer dos prazeres sensuais, cuja busca é sempre acompanhada de tormentos, e a satisfação, de remorsos? Quantas doenças, quantos sofrimentos freqüentemente trazem como conseqüência de seus exageros àqueles que os desfrutam? Confesso ignorar que tipo de atrativo pode-se encontrar aí. Mas basta que lembremos as antigas paixões para reconhecermos que elas sempre acabavam em sofrimento. E, se os prazeres podem conduzir à felicidade, por que então não afirmaríamos que também os animais conhecem a felicidade, uma vez que todos os seus esforços tendem à satisfação de uma necessidade física? É verdade que a satisfação de ter uma mulher e uma família poderia ser fonte de um prazer perfeitamente honrado, mas alguém de quem não me lembro agora dizia, com toda a razão, que descobriu seus carrascos nas figuras de seus filhos; e não é preciso dizer que, qualquer que seja sua índole, será causa de preocupações: fizeste já a experiência em outros tempos e ainda hoje vives com essa inquietude. A esse respeito, partilho o conselho de meu caro Eurípides, que diz que, quando não se tem filhos, então há a possibilidade de libertar-se do infortúnio.

III. 14

Tudo isso tem o prazer:

Ele excita os que o desfrutam
E, como um enxame de abelhas,
Uma vez propiciado o doce mel,
Desaparece, e fere os corações
Com as picadas deixadas na doçura.

III. 15

Portanto, está fora de dúvida que esses caminhos para a felicidade levam a um beco sem saída e não ao lugar aonde prometeram levar. Mostrar-te-ei como essas metas são mal conduzidas desde o princípio. Vejamos: tu queres te esforçar para ficar rico? Mas para isso terás de tornar alguém pobre. Pretendes alcançar o brilho das honrarias? Mas para isso será necessário suplicar àqueles que as conferem, e tu, que pretendes eclipsar os outros, deverás humilhar-te com tuas súplicas. Ambicionas o poder? Lembra-te de que sempre correrás o risco de uma traição por parte de teus subordinados e estarás sujeito a muitos perigos. Procuras então a glória? O caminho é árduo, difícil e cheio de perigos. Desejas levar uma vida de prazeres? Ora, quem não desprezaria e rejeitaria o escravo de uma coisa tão banal e vulnerável como o teu corpo? Quanto aos que se destacam por suas qualidades físicas, considera como é tênue e frágil esse bem com o qual contam. Tendes acaso a menor esperança de ultrapassar o porte dos elefantes, a força dos touros ou a velocidade dos tigres? Observai a extensão do Céu, sua permanência e o ritmo de seus deslocamentos, e cessai por um momento de considerar o que não tem valor algum. O que torna o Céu admirável não são tanto suas propriedades quanto a Razão que o move. Já o esplendor da beleza, como desaparece rápido! Como é fugaz! As flores da primavera são menos efêmeras. E se, como diz Aristóteles, os seres humanos tivessem olhos de lince para ultrapassar a superfície das aparências, à vista das vísceras de Alcibíades não achariam eles seu corpo medonho, que no entanto era tão belo na superfície? Por conseguinte, se te acham belo, não é esse um atributo da Natureza, mas do juízo dos olhos que te vêem. Podeis vangloriar-vos quanto quiserdes de vossas qualidades físicas; bem sabeis que o objeto de vossa admiração pode ser levado por uma simples febre em três dias. De tudo o que foi dito pode-se concluir como fato essencial que os atrativos incapazes de garantir os bens que prometem e que não reúnem em si a totalidade dos bens existentes não são caminhos que levam à felicidade, e portanto não são suficientes para levar o homem à

verdadeira felicidade.

III. 16

Pobres dos mortais! Por que falsos caminhos
Vos leva a vossa ignorância!
Com efeito, não buscais ouro sobre a verdejante árvore
Nem pedras preciosas numa vinha;
Vós não estendeis vossas redes no cimo das montanhas
Para ter peixes em vossa refeição;
E se quisésseis caçar um cabrito montês
Não exploraríeis os fossos abissais do Tirreno.
Os homens conhecem os pélagos marinhos
Dissimulados pelas vagas,
Sabem onde pescar pérolas transparentes
E onde encontrar a brilhante púrpura,
Que litoral fornece os melhores peixes,
E mais frescos, e o espinhoso ouriço do mar,
Mas onde se encontra o bem que eles cobiçam mais,
Pouco lhes importa ignorá-lo;
Ao invés de procurar para além do céu estrelado
Eles o procuram mergulhados na Terra.
Que insulto há que seja da mesma medida?
Que seja! Busquem eles riquezas e honras.
Quando reconhecerem a vacuidade de tudo isso,
Aí aprenderão a distinguir os verdadeiros bens.

III. 17

“Até agora eu te mostrei as falsas formas de felicidade, e que isso baste. Chegou o momento de te mostrar a verdadeira.” E eu disse: “Vejo claramente que não se pode encontrar a independência nas riquezas, nem o poder no exercício das magistraturas, nem o reconhecimento público nas funções honoríficas, nem a celebridade na glória e tampouco o contentamento nos

prazeres.” “Descobriste por que isso ocorre?” “Creio poder entrever como através de uma pequena fenda; gostaria que me esclarecesses mais a esse respeito.” “Pois bem! É uma coisa muito fácil de ser compreendida. É porque o erro humano divide o que é por natureza simples e indivisível, e transforma o verdadeiro no falso e o perfeito no imperfeito. Acaso achas que onde nada falta o poder também não falta?” “Claro que não”, respondi. “De fato, tens razão; pois, se se provasse haver sinal de fraqueza em alguma parte, ter-se-ia necessidade de uma ajuda externa.” “Certamente”, respondi. “Dessa forma, a independência e o poder são por natureza uma só e mesma coisa.” “Sim, é o que eu penso”, disse. “Por outro lado, um tal estado te parece desprezível ou, pelo contrário, digno de consideração mais que qualquer outro?” “A segunda hipótese é a preferível, sem dúvida”, respondi. “Acrescentemos ainda a consideração social à independência e ao poder, e veremos que esses três bens formam um só.” “Eu consinto, se queremos realmente conhecer a verdade.” Então ela continuou: “Pois bem, consideras que esse novo estado será deixado no desprezo e na obscuridade ou será fonte de uma grande celebridade? Pergunta-te se um estado no qual admitimos não faltar nada, que é poderoso e merece sinceramente a estima, pode passar sem a celebridade, cuja ausência o tornaria desprezível em certa medida.” Eu disse: “Não posso, nessas condições, deixar de conceder-lhe uma brilhante celebridade.” “Segue-se então que reconhecemos que a celebridade não difere em nada dos três bens citados previamente.” “Sim”, respondi. “E um estado que não necessita de nenhuma ajuda externa, que pode fazer tudo contando com suas próprias forças, que é ilustre e digno de respeito, não é igualmente e com toda evidência particularmente feliz?” “Não posso sequer imaginar como poderia aí se insinuar a menor tristeza.” “Ora, esse fato mesmo nos leva a admitir que a independência, o poder, a celebridade, a consideração social e a alegria certamente têm nomes diferentes, mas são iguais em tudo quanto à sua substância.” “Certamente”, respondi. “Portanto, aquilo que é por natureza uno e simples é dividido pela ignorância dos homens, e, ao esforçarem-se por obter uma parte de um todo que não comporta partes, não obtêm nem a parte almejada, visto que ela não existe, nem a totalidade, que nem sonham obter.” “Como isso acontece?”, perguntei. Ela respondeu: “Aquele que enriquece para evitar a penúria não se preocupa com o poder; prefere ficar à sombra e escondido no anonimato e nega a si mesmo muitos prazeres, mesmo os mais inocentes, por medo de perder o dinheiro que ajuntou. Mas, dessa forma, não consegue estar livre de todas as necessidades, uma vez que lhe falta o poder e que a menor contrariedade o afeta profundamente; seu anonimato o rebaixa e sua vida escondida deixa-o na obscuridade. Quanto àquele que deseja somente o poder, este esbanja fortunas, despreza os prazeres e não faz caso algum de qualquer

consideração social que não traga o poder. Mas considera também quanta coisa lhe falta. Acontece que às vezes lhe falta o mínimo necessário, as preocupações não lhe dão repouso e, como ele não consegue escapar a esses inconvenientes, acaba por perder aquilo que mais queria: o poder. A mesma observação se aplica às honrarias, à glória, aos prazeres. Pois, dado que cada um destes bens é idêntico a todos os outros, se procurarmos apenas um deles excluindo todos os outros não conseguiremos obter nem mesmo o único desejado." "Sim", disse eu, "mas, se desejássemos adquirir todos estes bens de uma só vez, isso não significaria que desejamos a totalidade da felicidade?" "Ora, então achas realmente que encontraríamos a felicidade nesses bens, que provamos não poder proporcionar aquilo que prometem?" "De forma alguma", respondi. "Então é preciso não procurar de forma alguma a felicidade nas coisas que, tomadas isoladamente, aparentam reunir todos os bens." "Estou de acordo", disse, "e não há nada mais verdadeiro." "Aprendes agora perfeitamente como se dissimula a falsa felicidade e quais são suas causas. Dirige agora teu espírito na direção oposta e verás imediatamente a verdadeira felicidade que te foi prometida." E eu respondi: "Mas mesmo um cego poderia fazer essa distinção, e tu mesma me fizeste ver agora mesmo quando te aplicavas em me desvendar as causas da falsa felicidade. Na realidade, se eu não estou enganado, a verdadeira e perfeita felicidade é aquela que torna um homem completamente independente, poderoso, respeitável, ilustre e feliz. E a prova que dou de ter compreendido tudo é que reconheço sem hesitação que é absolutamente feliz aquele que pode realizar apenas um dos bens citados previamente, já que eles são todos o único e mesmo bem." Ela respondeu: "Meu caro discípulo! Essa maneira de pensar fará a tua felicidade se lhe acrescentares o que se segue." "E o que é?", perguntei. "Esses bens mortais e perecíveis têm, segundo pensas, a menor possibilidade de te proporcionar um tal estado de felicidade?" Respondi: "De forma alguma, tu me convenceste inteiramente desse fato." "Assim, os mortais obtêm apenas aparentes felicidades ou bens imperfeitos e não o verdadeiro e perfeito bem." "Estou convencido disso", disse eu. "Nessas condições, já que sabes distinguir a verdadeira felicidade de suas cópias, resta-te apenas descobrir onde podes encontrar a verdadeira felicidade." "É isso mesmo que há muito tempo ansiosamente procuro saber." E ela disse: "Mas já que, como diz nosso caro Platão no *Timeu*, é preciso, mesmo em ocasiões sem grande importância, implorar o auxílio divino, que achas que devemos fazer agora, para merecermos saber onde reside o bem supremo?" "Invocar o Pai de todas as coisas, pois esse é o ritual com que se começam todas as coisas", respondi. "Tens razão", disse ela, e imediatamente começou a entoar este canto:

III. 18

Ó tu que governas o universo segundo uma ordem eterna,
Criador da terra e do céu, que num momento da eternidade
Por tua ordem fizeste o tempo marchar pela primeira vez,
O universo gira em torno de teu trono inabalável;
Estranha à inveja egoísta e estéril,
Foi tua bondade apenas, e não algo exterior,
Que te inspirou a ordenar a matéria informe.
Tu te inspiras em todas as coisas no bem supremo que habita em ti.
Do modelo celeste, trazes mentalmente em ti um mundo belo,
Tu, que és pura beleza, lhe dás forma segundo tua imagem
E descobres de sua perfeição formas perfeitas.
Os elementos, submissos, entram em concórdia por tua lei:
O úmido e o seco, o quente e o frio;
O fogo não retorna à abóbada etérea,
E a terra, equilibrada por seu próprio peso,
Repousa sem perigo sobre o abismo.
Tu dispões no meio os elementos de tríplice natureza
Do espírito que move o universo, e tu o dispersas harmoniosamente.
E o espírito, dividindo-se em duas partes, traça
Um duplo circuito de enorme extensão.
Depois, voltando-se sobre si mesmo, retorna sempre
A seu ponto de partida e no seu dúplice curso,
Explorando todos os cantos do espaço,
Ele dispõe os sóis e os planetas na perfeição celeste.
Tu também cuidas das almas dos seres vivos da mesma forma.
Aos menores, dás asas para que voem nos céus como ligeiros carros,
Tu os fixas no céu e na terra e, segundo tua benevolente lei,
Tu os fazes voltar a ti uma vez purificados.
Dá ao meu espírito, ó Pai, o consentimento de aproximar-se de teu augusto trono;
Concede-lhe visitar a fonte do bem, onde se encontra a luz,
E não mais olhar para mais nada além de tua alma.
Afasta as nuvens e o peso da massa terrestre,
E que resplandeçam todas as luzes! Pois tu és a serenidade,
Tu és o repouso e a paz dos justos:
E contemplar-te é o seu fim;

Tu, origem, condutor e guia, eis que vieram ao mesmo tempo o caminho e a chegada.

III. 19

“Desse modo, uma vez que já viste as formas que reveste o bem imperfeito assim como as que reveste o bem perfeito, creio agora ser preciso te mostrar onde se encontra a perfeita felicidade. A esse respeito julgo ser necessário antes de tudo perguntarmos se um bem tal como o que acabas de definir pode existir na realidade deste mundo; caso contrário, poderíamos passar ao lado da verdade sem vê-la e deixarmo-nos enganar por uma representação ilusória de nossa imaginação. No entanto, sabemos que esse bem existe e é a fonte de todos os bens, o que é inegável. Com efeito, tudo o que é tido por imperfeito o é devido a uma degradação da perfeição. Segue-se que se, em qualquer campo que seja, algo parece imperfeito, é porque existe também necessariamente nesse campo algo que seja perfeito. Pois, se não admitimos que a perfeição existe, não poderíamos sequer imaginar como aquilo que é tido por imperfeito possa existir. O universo não foi, no momento de sua criação, constituído de elementos degradados e incompletos, mas teve sua origem a partir de elementos intactos e acabados; no entanto, vencido pelo esgotamento, acabou caindo na imperfeição. Mas se, como acabamos de demonstrar, há uma felicidade imperfeita que é um bem perecível, não se pode duvidar de que haja também uma felicidade durável e perfeita.”

“Eis uma conclusão absolutamente irrefutável e verdadeira”, respondi. “Agora, se queres saber onde ela se encontra, eis como deves raciocinar. Todos os homens concordam em afirmar que Deus, princípio de todas as coisas, é bom. E, como não podemos conceber nada melhor do que Deus, quem poderia duvidar de que aquilo que é melhor que todo o resto seja bom? Portanto, nossos raciocínios mostram que Deus é bom a tal ponto que está fora de dúvida que o bem perfeito também está presente nele. Caso contrário, Deus não poderia ser o princípio de todas as coisas. Pois, se houvesse algo que possuísse o bem perfeito e parecesse ser anterior a Deus e mais velho que ele, isso teria preeminência sobre Deus, pois tudo o que é perfeito parece evidentemente ser o primeiro quanto a algo que é de certa forma derivado. Eis por que, para evitar prolongar o raciocínio infinitamente, é preciso admitir que o Deus soberano contém o perfeito e soberano bem. Mas nós tínhamos estabelecido que o bem perfeito é a

verdadeira felicidade, portanto a verdadeira felicidade reside necessariamente no Deus soberano.” “Eu o admito e afirmo que é totalmente impossível contradizer-te”, respondi. E ela: “Mas peço-te que tomes perfeita consciência do caráter sagrado e inviolável de tua adesão à afirmação de que o Deus soberano contém o soberano bem.” “Como assim?”, perguntei. “Não vás supor que o Pai de todas as coisas tenha recebido do exterior o soberano bem, que está contido nele ou que ele o possua devido à Natureza, de tal forma que Deus e a felicidade, isto é, o possuidor e a coisa possuída, fossem substâncias distintas. Se acaso pensasses que o soberano bem foi recebido do exterior, poderias julgar que quem o tivesse dado fosse superior a quem o recebeu. Mas nós afirmamos com absoluta certeza que Deus está infinitamente acima de todas as coisas existentes. E se o soberano bem se encontra em Deus por sua Natureza, mas em essência dele difere, dado que estamos a falar de um Deus que é princípio de todas as coisas, quem teria feito tal combinação? Quem puder que o imagine! Enfim, aquilo que é diferente de uma coisa, seja esta o que for, não pode ser justamente aquilo que reconhecemos como diferente. Dessa forma, aquilo que é por natureza diferente do soberano bem não pode ser o soberano bem; no entanto, não se pode dizer o mesmo de Deus, já que constatamos que não há nada acima de Deus. Assim, não pode existir absolutamente nada cuja natureza seja melhor que seu princípio; podemos, pois, concluir com certeza que aquilo que é o princípio de todas as coisas também é, por sua substância, o soberano bem.” “Assim é”, disse eu. “Mas nós não tínhamos estabelecido que o soberano bem é a felicidade?” “Sim”, respondi. “Dessa forma”, disse ela, “é preciso admitir que Deus é a suprema felicidade.” Eu respondi: “Não tenho como refutar tuas proposições anteriores e vejo que elas levam a essa conclusão.” “Examinemos agora”, disse ela, “se podemos provar tal afirmação de maneira mais sólida partindo da seguinte proposição: não podem existir dois soberanos bens que difiram um do outro. Pois, quando dois bens são diferentes um do outro, fica claro que um não é o que o outro é, e dessa forma nenhum dos dois pode ser considerado perfeito dado que um falta ao outro. Mas o que não é perfeito evidentemente não é o soberano, portanto é absolutamente impossível que os bens soberanos possam diferir entre si. Ora, havíamos concluído que a felicidade e Deus são o soberano bem, portanto é precisamente a divindade soberana que é a felicidade suprema.” “Não se pode concluir nada de mais verdadeiro, irrefutável e digno de Deus”, respondi. “Continuemos”, disse ela. “Do mesmo modo que os geômetras que deduzem os teoremas que eles demostraram chamam-nos de *porismata*, eu também vou te demonstrar uma espécie de corolário. Se de um lado é pela aquisição da felicidade que as pessoas ficam felizes e, de outro, a felicidade é por natureza divina, conclui-se que é pela aquisição do divino que eles podem se

tornar felizes. E assim, da mesma forma, é pela aquisição da justiça que as pessoas ficam justas, e pela aquisição da sabedoria, sábias. Se seguirmos a mesma lógica, quando alguém adquirir a felicidade, tornar-se-á um deus. Por conseguinte, todo homem feliz seria um deus. Mas, embora seja evidente que não há senão um único Deus por sua própria Natureza, como partícipe do divino nada impede que um homem o seja." "Eis", disse eu, "uma proposição tão bela quanto preciosa, que tu chamas de *porisma*."[7] "No entanto nada é mais belo do que esta outra proposição que a razão me obriga a deduzir das proposições precedentes." "E qual é?", perguntei. "Uma vez que a felicidade parece incluir uma multiplicidade de coisas, achas que todas essas coisas se reuniriam de alguma forma para constituir um só corpo heterogêneo, que seria o da felicidade, ou que dentre essas coisas todas haveria uma só que constituísse a substância da felicidade e à qual tudo se voltaria?" "Gostaria que me esclarecesses tua pergunta explicando ponto por ponto", respondi. "Não havíamos considerado a felicidade um bem?", perguntou ela. "Sim, e até mesmo como sendo o bem supremo", respondi. Então ela: "Podes com efeito aplicar essa qualificação a todos os bens. Com efeito, a felicidade pode ser considerada a suprema independência, o poder supremo, a mais alta consideração social, a celebridade e o prazer supremo. E então? Todas essas coisas – a independência, o poder, a glória, etc. – são partes da felicidade ou se inclinam em direção a um bem que está acima de todos?" E eu respondi: "Compreendo o problema que me apresentas, mas desejo saber qual é a conclusão." "Aprende, pois, como se pode resolver esse problema. De fato, se todas essas coisas fossem partes da felicidade, elas difeririam umas das outras. Com efeito, a natureza das partes é tal que é por suas diferenças que constituem um só e mesmo corpo. Ora, foi demonstrado que todas essas coisas são uma única e mesma substância, portanto não podemos de forma alguma falar em partes. Caso contrário a felicidade pareceria resultar da reunião de vários membros, o que não é possível." "Até aqui não tenho objeção alguma a fazer, mas aguardo a continuação", disse eu. "Por outro lado, vemos claramente que todas as outras coisas referem-se ao bem. Com efeito, se buscamos a independência é porque a consideramos um bem, e se buscamos o poder é porque ele também é tido como um bem; da mesma maneira podemos raciocinar com relação à consideração social, à celebridade e ao prazer. Por conseguinte, a essência e a causa de tudo o que é desejável é o bem. Pois aquilo que não contém em si nenhum bem verdadeiro ou aparente não pode de forma alguma ser desejado. Por outro lado, as coisas que não são boas por natureza, mas dão a impressão de sê-lo, são buscadas como se fossem verdadeiramente boas. Disso resulta que temos razão em acreditar que a

essência, a motivação e a causa de todas as coisas desejáveis são o bem que reside nelas. Por outro lado, aquilo em vista de que algo se procura é que é, afinal de contas, o que é verdadeiramente procurado, como no caso de alguém que precisa cavalgar por motivo de saúde e não almeja tanto a equitação, mas a saúde que ela lhe proporciona. Assim sendo, dado que por meio de todas aquelas coisas o que é procurado é na verdade o bem, não são tanto aquelas coisas, mas em realidade o bem em si que desejamos. Mas havíamos também admitido que quando se deseja alguma coisa é em vista da felicidade que ela propicia, e também que todas as pessoas buscam apenas a felicidade. Do que foi dito, conclui-se claramente que o bem e a felicidade propriamente ditos têm uma só substância." "Não vejo como negar", disse eu. "Mas havíamos também demonstrado que Deus e a verdadeira felicidade são uma só e mesma coisa." "Sim", respondi. "Podemos então concluir, sem medo de estar enganados, que o soberano bem reside apenas em Deus, excluindo-se tudo o mais."

III. 20

Vinde para cá, vós todos igualmente cativos
E acorrentados detestavelmente à paixão enganosa
Que habita nos espíritos de todos os mortais.
Aqui encontrareis o repouso na hora da tribulação,
A placidez tranqüila de um porto sereno,
O único refúgio acessível aos desafortunados.
Não, nem todos os dons do Tejo de areias douradas,
Ou do Hermo, com suas margens resplandecentes,
Ou do Indo, que, próximo ao sol em chamas,
Faz correr consigo diamantes e esmeraldas,
Poderiam esclarecer vossas vistas:
Eles cegam vossos corações e os mergulham nas trevas.
Tudo o que suscita prazeres e contentamentos
Não faz senão aumentar a obscuridade dos antros da Terra;
O brilho que rege e dá vida ao Céu
Evita a obscura decadência da alma;
Quem quer que observasse essa luz
Recusaria todo o brilho aos raios de Febo.

III. 21

“Estou de acordo”, disse eu, “pois teus raciocínios são perfeitos e todas as tuas proposições encadeiam-se perfeitamente.” E ela: “Qual seria o preço, na tua opinião, para se conhecer o que é o verdadeiro bem?” “O preço seria infinito, se chegássemos também a conhecer ao mesmo tempo Deus, que é o bem supremo”, respondi. Então ela disse: “Pois bem, revelar-te-ei ao final de um raciocínio irrefutável o que afirmei, com a condição de que já tenhas aceitado nossas últimas conclusões como definitivas.” “Compreendo perfeitamente”, disse eu. “Não havíamos demonstrado que as coisas que muitas pessoas buscam não são bens verdadeiros nem perfeitos, pela simples razão de que eles diferem entre si e que, como um falta ao outro, eles não podem proporcionar bem absoluto em sua plenitude? Ora, não havíamos também demonstrado que o verdadeiro bem somente existe quando todos os bens se reúnem para produzir uma só forma e um só efeito; e também que a independência, o poder, a posição social, a celebridade e mesmo o prazer também são bens mas que, se não estão todos reunidos numa só coisa, por si mesmos não possuem nada que lhes permita ser considerados bens desejáveis?” “Sim”, respondi, “e quanto a isso não resta mais dúvida.” “Por conseguinte, as coisas não são bens verdadeiros quando diferem entre si, mas somente quando tendem a formar uma unidade é que começam a sê-lo. Não acontece de elas se tornarem bens quando realizam plenamente sua unidade?” “Parece que sim”, respondi. E ela: “Mas dize-me sim ou não: concordas que tudo o que é um bem o é pela sua participação no bem supremo?” “Sim.” “Tu deves então admitir, devido ao mesmo raciocínio, que o uno e o bem são a mesma coisa: com efeito, as coisas que por natureza não provocam efeitos diferentes têm a mesma substância.” “É impossível negá-lo”, disse eu. E ela acrescentou: “Sabes então que tudo o que existe subsiste tal qual é durante o tempo em que é uno, e que morre e se desagrega quando deixa de ser uno?” “Como assim?”, perguntei. E ela: “Entre os seres vivos, quando a alma e o corpo são um e permanecem unidos, podemos falar em seres vivos; mas, quando essa unidade se desagrega devido à decomposição, é claro que esse ser morre e deixa de ser um ser vivo. Acontece o mesmo com o corpo: enquanto ele preserva o mesmo aspecto graças à união entre as partes que o constituem, vêmo-lo como uma pessoa humana, mas, se as partes do corpo se dividem, dividem e destroem sua unidade, e o corpo desaparece e deixa de ser o que era. Da mesma forma, se examinarmos todas as outras áreas, veremos claramente que, enquanto uma coisa é una, subsiste, mas, assim que deixa de sê-lo, perece.” Eu disse: “À medida que vou acompanhando teus raciocínios, minhas idéias vão ficando cada vez mais

claras.” E ela: “Existirá um único ser que, enquanto se comporta conforme à sua natureza, não queira mais continuar a viver e deseje sua própria morte e destruição?” “Se considero o conjunto dos seres vivos que possuem a faculdade natural de querer ou não querer, não posso encontrar um único ser que, excetuando-se circunstâncias excepcionais, renunciasse espontaneamente à sua vida e buscasse por si próprio a destruição. Pois todo ser vivo se esforça por manter sua vida e faz tudo para evitar a morte e a destruição. Mas com relação às plantas, às árvores e aos seres completamente inanimados, eu hesito bastante em compartilhar o teu ponto de vista.” E ela replicou: “No entanto, não há nada a duvidar com relação a esse assunto, uma vez que podes observar que as plantas e as árvores esforçam-se por buscar para si os lugares mais convenientes conforme a natureza o permita e onde não corram o risco de secar rapidamente e morrer. Assim, algumas buscam a planície, outras a montanha; há as que buscam os pântanos, algumas se prendem aos rochedos, enquanto outras preferem o árido deserto, e, se tentássemos transplantá-las, morreriam. A natureza dá a cada um aquilo que lhe convém e faz tudo para evitar que um ser vivo morra, durante o espaço de tempo que lhe cabe. E como explicar que todas as plantas absorvam seu alimento das raízes, como se estas fossem uma boca mergulhada no solo e que, graças à seiva deste, desenvolvem sua madeira e sua casca? Como explicar que as partes mais frágeis, como a seiva, estejam cobertas e protegidas do exterior pela resistência da madeira, enquanto a casca defende a planta toda das tempestades, para protegê-la de toda a sorte de agressão? E como a natureza não seria solícita uma vez que, multiplicando as sementes, ajuda todas as espécies a se propagarem? E quem pode ignorar que todas essas espécies são como mecanismos vivos concebidos não apenas para subsistir por certo tempo, mas também para adquirir cada qual uma espécie de eternidade? Quanto aos seres que se acredita serem inanimados, também eles, segundo a mesma lógica, não procuram o que lhes é próprio? Por que o fogo sobe verticalmente levado por sua leveza, e a terra, devido a seu peso, segue o caminho oposto, senão pelo fato de esses movimentos estarem conformes à sua natureza? Prossigamos nosso raciocínio: tudo o que está de acordo com uma outra coisa a preserva e, no sentido oposto, tudo o que lhe é hostil a destrói. E os corpos sólidos, como as pedras, mantêm suas partes firmes e não se deixam degradar facilmente. Quanto aos líquidos, bem como ao ar e à água, é verdade que se deixam dividir facilmente, mas, uma vez divididos, logo se reconstituem; quanto ao fogo, este é impossível de ser dividido. E não estamos falando aqui dos movimentos voluntários de uma alma lúcida, mas do instinto natural, tal como digerimos sem pensar os alimentos que tínhamos comido ou como respiramos sem nos dar conta enquanto dormimos. Portanto, mesmo entre os seres vivos o desejo de

preservar a vida não parte de uma atividade intencional da alma, mas dos impulsos naturais. É certo que em certos casos, devido a motivos excepcionais, a vontade se entrega a uma morte que contraria a natureza, enquanto o ato de procriação, a única coisa que permite aos seres mortais se perpetuarem e que agrada sempre à Natureza, tem muitas vezes de ser refreado pela mesma vontade. E tanto isso é verdade que a vontade de autopreservação não parte de um movimento da alma, mas de um instinto natural. E tal se dá porque a Providência atribuiu às suas próprias criaturas o que é talvez a principal razão por que elas subsistem: o desejo natural de permanecer o quanto for possível. Eis por que tu não tens razão alguma para duvidar de que tudo o que existe busca naturalmente sua perenidade e evita sua destruição a todo custo." "Reconheço agora não ter a menor dúvida a respeito daquilo que há poucos momentos parecia discutível", respondi.

"Portanto", replicou ela, "aquilo que procura subsistir e se perpetuar deseja ser uno, pois, se a unidade é desfeita, não há nada que possa subsistir." "É verdade", disse eu. "Portanto, todos os seres desejam formar uma unidade." Eu concordei. "Mas havíamos demonstrado que o que é uno é precisamente o bem." "Com toda certeza", respondi. "Portanto", continuou ela, "todas as coisas procuram o bem, isto é, o bem é precisamente aquilo que todas as coisas buscam." Eu respondi: "Com efeito, não se pode conceber nada de mais verdadeiro, pois ou todas as coisas não se ligam a uma única e mesma coisa e, privadas de um princípio diretor, seguem a esmo seu caminho, ou existe algo para o qual todas as coisas se remetem, e isso é o supremo bem." E ela exclamou: "Oh, meu discípulo, como estou contente! Pois acabas de desvendar aquilo que constitui o centro da verdade! Acabas de dizer precisamente aquilo que julgavas ignorar." "O quê?", perguntei. "Qual é o fim de todas as coisas?" "Aquilo que sem sombra de dúvida todas as coisas procuram, e, como havíamos concluído que é o bem, temos de reconhecer que o fim de todas as coisas é o bem.

III. 22

Se procuramos seriamente a verdade
E não desejamos ser enganados,
Devemos deixar brilhar em nós nossa luz interior,
Concentrar os amplos movimentos do pensamento

E aprender da alma aquilo que ela colheu do exterior.
Ela já possui a verdade, guardada secretamente nela.
Aquilo que antes recobria a negra nuvem do erro
Brilhará mais claramente que o próprio Febo.
Pois a alma não pode resplandecer com todo o seu brilho
Porque o corpo, com sua matéria, deixou-a cair no esquecimento.
Sem dúvida alguma uma semente da verdade permaneceu na alma,
E ela vem reanimar um ensino esclarecedor.
Como terias tu respondido espontaneamente e de maneira correta
Se algo não te iluminasse no fundo de teu coração?
Se a Musa de Platão proclama a verdade,
Ao ouvi-la lembramo-nos de algo sem nos darmos conta."

III. 23

Então eu disse: "Partilho inteiramente o ponto de vista de Platão, pois já é a segunda vez que tu me dizes essa verdade: na primeira vez perdi a memória devido à contaminação do corpo e, na segunda, quando fui torturado." Ela respondeu: "Se refletires sobre o assunto no qual entramos antes de acordo, não demorarás, não demorarás a recordar também aquilo que acabaste de dizer que ignoras." "E o que é?", perguntei. "Pois bem", disse ela, "como é governado este universo?" "Lembro-me de ter admitido minha ignorância, mas posso prever o que vais me dizer; no entanto, desejo ouvir a verdade de teus lábios", respondi. "Este universo é dirigido por Deus, e há pouco admitias isso como certo", disse ela. E eu: "Nem agora nem nunca eu pensaria em duvidar disso, mas vou te explicar rapidamente as razões pelas quais pensei aquilo. Este universo, composto de partes tão díspares e opostas entre si, não poderia ser constituído numa forma única sem a existência de um ser único, capaz de reunir elementos tão diferentes. Por outro lado, essa reunião se desfaria e desapareceria devido à disparidade de seus elementos a menos que houvesse um ser único capaz de manter a coesão entre os elementos ligados entre si. A ordem da Natureza não poderia agir de maneira tão segura nem traçaria movimentos tão regulares em lugares e tempos determinados com eficácia, quantitativa e qualitativa, sem a existência de um ser único, capaz de atribuir uma regularidade a esses diversos movimentos, permanecendo ele mesmo imutável. Aquilo que subsiste e move os seres criados chamarei pelo nome que todos lhe dão: Deus." "E, como já pensas

dessa forma, creio que há poucas coisas a fazer para que tenhas a posse da felicidade e reconquistes são e salvo tua pátria. Mas examinemos primeiro nossas proposições precedentes. Não havíamos incluído na felicidade a independência com relação às coisas externas e também concordado em afirmar que Deus constitui a felicidade?" "Certamente", respondi. "Por conseguinte, para dirigir o universo, ele não terá necessidade de nenhuma ajuda externa, pois se não fosse assim ele não seria independente." "Está perfeitamente certo", disse eu. "Portanto, ele dispõe sozinho todas as coisas." "É impossível negá-lo", respondi. "Ora, foi demonstrado que Deus nada mais é que o bem." "Lembro-me disso", repliquei. "Portanto, é em vista do bem que ele dispõe todas as coisas, se de fato dirige tudo sozinho. Então, é para o bem que ele dispõe todas as coisas, pois havíamos reconhecido que Deus é o bem, e o bem é, de uma certa forma, o piloto e o governante que garantem a estabilidade do universo." "Estou inteiramente de acordo", disse eu, "e agora mesmo, apenas com uma pequena dúvida, eu previa que era isso que haverias de me dizer." E ela disse: "Eu tinha certeza, pois creio que a partir de agora tua vista está melhor preparada para discernir a verdade. Mas o que vou te dizer agora não é muito fácil de compreender." "E o que é?", perguntei. E ela: "Uma vez que temos razão em crer que Deus governa todas as coisas segundo o bem, que tudo dirige, e que todas essas coisas, como aprendeste de mim, são levadas pelo seu instinto natural para o bem, poderíamos acaso duvidar de que todas as coisas se deixam dirigir voluntariamente e se dobram espontaneamente à vontade daquilo que as dirige e daquilo a que obedecem?" "Creio que acontece necessariamente assim; e o governo do universo não traria a felicidade se se tratasse de um jugo imposto por um poder superior àqueles que não consentissem livremente em estar sob suas leis", respondi. E ela: "Portanto, não há nada que possa, sem subtrair-se às leis da natureza, ir contra Deus?" "Nada", respondi. "No entanto, se alguma criatura tentasse isso, crês que tiraria algum proveito daquele a quem consentimos ter a plena posse da felicidade?" "De forma alguma, seria uma PERDA DE TEMPO!", respondi. "Portanto, não há nada que queira ou que possa fazer obstáculo ao bem supremo." "Que eu saiba, não", respondi. "Portanto", disse ela, "é o bem supremo que dirige com o seu poder todas as coisas e as dispõe com harmonia." E eu: "Ah, como tuas conclusões me arrebatam e, mais ainda, as palavras que tu sabes tão bem definir, a ponto de minha ignorância, que me faz sofrer tanto, acabar por envergonhar-se de si mesma." E ela: "Ouviste falar da história dos gigantes que desafiaram o Céu; mas mesmo eles – tal é a justiça divina – foram colocados nos seus lugares por um poder benevolente. Queres tu também confrontar nossos argumentos? Pode ser que de tal confronto brilhe uma centelha de verdade." "Faze o que achares

melhor”, disse eu. “Ninguém pode duvidar de que Deus tem poder sobre todas as coisas”, disse ela. “Ninguém que tenha um pouco de bom senso poderia negá-lo”, respondi. “Por outro lado”, disse ela, “não há nada que não possa ser feito por aquele que tem a onipotência.” “Realmente”, respondi. “Poderia acaso Deus fazer o mal?” “De forma alguma.” “Portanto, o mal não existe, pois mesmo o que pode tudo não pode fazer o mal”, disse ela, provocando-me. E eu: “Acaso estás brincando comigo amarrando-me com teus argumentos num labirinto inextrincável? Ora entras pela saída, ora sais pela entrada. Por que semeias a confusão se vínhamos numa série de raciocínios admirável e de uma simplicidade divina? Agora mesmo tu dizias que a felicidade é o soberano bem e que ela residia no Deus soberano. Tu me explicavas mesmo que o próprio Deus era o soberano bem e a felicidade completa e, a partir dessas premissas, ensinavas-me que só nos tornamos felizes como partícipes da felicidade divina. A isso acrescentavas que a forma mesma do bem era a substância de Deus e da felicidade, e me ensinavas ainda que aquilo que é uno nada mais era que o bem que todo o universo procura. Tu sustentavas ainda que Deus dirigia o todo sob o comando do bem, que todos os seres lhe obedeciam por sua própria vontade, sendo que o mal não tinha natureza própria. E desenvolveste essas afirmações sem te prenderes a argumentos exteriores, mas recorrendo apenas a provas inerentes ao assunto, que se deduziam umas das outras.” E ela: “De forma alguma estou a caçoar de ti, e examinamos há pouco a questão mais fundamental de todas com a ajuda de Deus, que invocamos há pouco. De fato, a forma e a substância divina são tais que não se dispersam no que lhes é exterior, tampouco deixam que algo do exterior penetre nelas, e, como diz Parmênides, são ‘semelhantes ao volume de uma esfera ideal’[8], que faz girar o círculo móvel do universo permanecendo ela mesma completamente imóvel. E se raciocinamos com argumentos que não foram extraídos de fora, mas deduzidos do interior do assunto em questão, tu não deves te espantar, pois aprendeste da autoridade de Platão que o discurso deve ter relação com o assunto tratado.”

III. 24

Feliz daquele que pôde contemplar
A fonte luminosa do bem,
Feliz de quem pôde desembaraçar-se
De suas pesadas cadeias terrestres.

Outrora um poeta da Trácia
Chorava a morte de sua companheira;
Com suas tristes melodias comoveu
Todos os bosques, consternados com sua tristeza.
Ele chegou a deter o curso das águas;
A corça se postou sem medo
Ao lado de ferozes leões. A lebre contemplou sem medo
O cão amansado pelo canto.
Uma vez que um fogo ardente
Abrasava-lhe o coração
E que seus cantos, que conquistaram todo o universo,
Não haviam tocado o Supremo,
Ele deplorou a insensibilidade do céu
E dirigiu-se às regiões infernais.
Ali acompanhou com sua lira
Seus cânticos sedutores;
E as lágrimas vertidas nos mais importantes lugares
Por sua mãe, que era uma deusa,
Corriam, mostrando uma tristeza impotente
Pela perda da pessoa amada,
E isso redobrava o sofrimento.
Ele espalhou seu canto e, tendo comovido Tártaro,
Com uma humilde súplica,
Pede uma graça aos senhores das trevas.
Com esse canto inaudito, o guardião
De três cabeças se imobiliza;
Terror dos culpados,
As deusas vingadoras
Derretem-se em lágrimas.
A veloz roda de Íxion
Não gira mais sobre sua cabeça,
E, apesar da sede, Tântalo
Desvia seus olhares da água.
O abutre, satisfeito com suas melodias,
Não abocanha mais o fígado de Tício.
Enfim: “Estamos vencidos”,
Diz o juiz das sombras, apiedado;
“Nós concordamos que este homem leve sua esposa,
Este é o prêmio por seu canto.

Mas nossa concessão tem limites:
Até a travessia do Tártaro,
Ele estará proibido de olhá-la.”
Mas quem poderia impor suas leis aos amantes?
O amor só conhece sua própria lei.
Que infortúnio! A dois passos da porta das trevas
Orfeu contemplou sua Eurídice
E perdeu-a para sempre.
Essa história concerne a vós que, para a luz celeste,
Tentais conduzir a vossa alma.
Pois se deixamos os olhos voltarem-se para o Tártaro,
Aquilo que trazemos de precioso
Perde-se por estar sendo visto abaixo de nós.

---

6. Eurípedes, *Andrômaca*.
7. “Corolário”.
8. Verso de Parmênides citado por Platão.

Livro IV

IV. 1

Quando a Filosofia terminou de cantar esses versos com voz doce e harmoniosa, sem contudo perder a majestade e a solenidade de seu porte e de seu olhar, eu, que nunca esquecia minha profunda desgraça, interrompi seu canto e disse: “Tu, que conduzes à verdadeira luz, sabes que todas as afirmações que me fizeste até agora pareceramme não só divinas mas também irrefutáveis pela lógica de teus argumentos, e, mesmo se as dores que me foram infligidas fizeram-me esquecer várias argumentações, essas verdades não foram no entanto completamente esquecidas. Mas talvez a principal razão de minhas angústias seja que, apesar da existência de um ser bom que comanda o universo, o mal possa existir e até ficar impune. Isso apenas já é bastante surpreendente, e certamente deves concordar. Mas a situação é pior ainda: enquanto o vício reina e prospera, a virtude não apenas não recebe recompensa alguma, mas também é calcada pelos pés dos celerados e levada ao suplício em lugar do crime. Que tais coisas aconteçam no reino de um Deus onisciente, onipotente e que quer apenas o bem faz com que as pessoas fiquem admiradas e lamentem o fato.” E ela: “Seria infinitamente espantoso e inaudito se, como crês, na casa tão bem ordenada de um tal senhor, se é que posso me exprimir assim, a louça ordinária merecesse grande consideração, enquanto a louça preciosa fosse abandonada ao acaso; mas não é isso o que ocorre. Se de fato nos apegarmos sem nada mudar às conclusões às quais acabamos de chegar, guiados justamente por aquele cujo reino é precisamente o objeto de nosso diálogo, ficarás sabendo, com certeza, que o poder está sempre do lado dos bons, enquanto os maus são sempre

rejeitados e fracos, e também que jamais se vêem crimes impunes ou qualidades sem recompensas, e que a sorte sorri aos bons enquanto as reviravoltas da Fortuna se abatem sempre sobre os maus, e muitas outras coisas desse gênero, capazes de abafar tuas recriminações e de te dar uma certeza durável. E uma vez que viste, quando te mostrava agora há pouco, a forma da verdadeira felicidade e o lugar onde reside, resumirei brevemente o que julgo ser preciso evocar primeiro, para daí poder te mostrar o caminho que poderá te levar de volta a ti mesmo. Darei asas à tua alma para que ela possa elevar-se e para que, ao abrigo de toda perturbação, tu retornes são e salvo à tua pátria dirigido por mim através de um atalho e usando o meu carro.

IV. 2

Possuo eu rápidas asas
Para escalar as alturas celestes;
Quando minha ágil alma delas se reveste
Ela detesta e despreza toda a Terra.
Ela se volta para as nuvens,
Sobe e ultrapassa a fornalha
Sustentada pelo éter sutil
Para finalmente surgir entre as estrelas
E tomar a rota de Febo,
Ou acompanhar o Velho congelado*;
Ela escoltará Marte
Ou se colocará na órbita do astro
Que ilumina a noite cintilante.
E, satisfeita de ter chegado ao seu termo,
Deixará a extremidade do céu
E, desdobrando-se sobre o ágil éter,
Seus olhos poderão contemplar
O espetáculo do divino esplendor.
Ali, o mestre dos reis toma o seu cetro
E comanda as rédeas do universo,
E dirige sem hesitar o seu rápido carro,
Ele, o árbitro supremo do universo.
Se regressares ao caminho de que te afastaste

E que agora buscas, dirás:
‘É aqui! Agora me lembro!
Foi aqui que eu nasci, é para cá que levam os meus passos.’
E se tiveres o desejo de olhar
A noite terrestre que terás deixado,
Os amedrontadores tiranos,
Opressores dos infelizes povos,
Eles te parecerão uns exilados.”

IV. 3

“Espantoso!”, exclamei. “Que promessas! E eu não duvido nem por um instante sequer de que tu possas cumpri-las; mas agora, já que me puseste a água na boca, pelo menos não me faças desvanecer.” E ela disse: “Pois bem. Para começar irás aprender que o poder está sempre do lado dos bons enquanto os malfeitores são completamente impotentes, e essas duas asserções se demonstram uma pela outra. Dado que o bem e o mal são contrários, se foi estabelecido que o bem é poderoso, torna-se clara a fraqueza do mal; se, por outro lado, a fragilidade do mal se torna evidente, reconhecemos nisso a solidez do bem. Mas, para que nosso raciocínio tenha uma adesão mais firme, tomarei um ou outro desses caminhos conforme as necessidades de minha demonstração. Há duas condições necessárias para a realização das coisas humanas: a vontade e a capacidade; se falta uma delas, a ação não se realiza de forma alguma. Com efeito, se falta a vontade, não se faz nada porque não se quer nada; no entanto, não havendo também a capacidade, de nada serve a vontade. Portanto, quando vês um homem desejar algo que não consegue obter, podes ter certeza de que lhe faltou a capacidade de satisfazer sua vontade.” Eu respondi: “Isso é evidente, e não se pode contrariar tal argumento.” E ela: “Mas se, pelo contrário, vês que alguém realizou seu projeto, não é possível duvidar de que ele tinha a capacidade para tanto.” “É claro que não!”, respondi. “E é em virtude de sua capacidade que alguém é tido como forte, e fraco o incapaz.” “Sim”, disse eu. “E então”, perguntou ela, “tu te lembras de que nós havíamos concluído de nossos raciocínios anteriores que todo esforço da vontade humana, seja o que for que a motive, volta-se pressurosamente para a felicidade?” “Sim, lembro-me de que isso também foi demonstrado.” “E lembras-te também de que a felicidade é o próprio bem e que, portanto, quando os homens buscam a felicidade, estão na

realidade buscando o bem que todos desejam?” “Não é preciso que eu evoque tal verdade, uma vez que ela está sempre presente em meu espírito.” “Portanto todos, bons ou maus, procuram com a mesma diligência o bem.” “Sim, esse raciocínio é lógico”, respondi. “Mas é igualmente certo que nos tornamos bons pela obtenção do bem.” “Pareceme que sim.” “Por outro lado, se os maus obtivessem o bem que procuram, já não poderiam ser maus.” “É verdade.” “Por conseguinte, dado que tanto uns quanto outros buscam o bem, enquanto uns o obtêm e outros não, podemos duvidar do poder dos bons e da fraqueza dos maus?” “Se eu duvidasse disso, é porque eu seria incapaz de ver a realidade das coisas e seguir um raciocínio”, afirmei. E ela continuou: “Suponhamos que o mesmo objetivo fosse dado a dois homens, de acordo com a sua natureza. Suponhamos ainda que um deles realize seu objetivo pelo exercício de sua função natural e que o outro, ao contrário, totalmente incapaz de exercer sua função natural, recorra a um meio não natural, mesmo que seja para não realizar seu objetivo, mas apenas para parecer que o realizou. Qual deles consideras o mais forte?” “Já posso adivinhar onde queres chegar, mas desejo aprender mais claramente de ti”, respondi. “Andar é um movimento natural do homem, não é mesmo?” “Claro que é”, respondi. “Trata-se da função natural dos pés, não é isso?” “Concordo plenamente”, respondi. “Conseqüentemente, se um homem anda é porque é capaz de avançar com seus pés, e se um outro, cujos pés não pudessem exercer sua função natural, tentasse andar com as mãos, qual deles seria com toda certeza o mais forte?” Eu respondi: “Continua, peço-te, teu raciocínio, pois quem contestaria a superioridade daquele que pode exercer sua função natural sobre aquele que não pode?” “Ora, o bem supremo, que é o objetivo tanto dos maus quanto dos bons, estes o buscam pelo exercício natural de seus méritos, enquanto os maus esforçam-se por obter o mesmo bem por meio de seu desejo flutuante, que não é o meio natural de obtê-lo. Tu não concordas?” Eu respondi: “Sim, pois a conseqüência é também evidente. Daí resulta o que eu aceitei como sendo necessariamente verdadeiro, ou seja, que os bons são capazes e os maus fracos.” “Muito bem!”, exclamou ela, “tu já ultrapassas os meus raciocínios, e isso, a crermos nos médicos, é o sinal de uma natureza que encontrou sua confiança e a segurança de si. Mas, uma vez que te vejo tão impaciente por compreender toda a verdade, intensificarei meu raciocínio. Vê com efeito com que clareza se revela a natureza dos homens corrompidos, que não podem sequer dirigir-se para onde sua tendência natural os leva – e eu diria até os impele. E o que lhes aconteceria se perdessem a ajuda tão preciosa e decisiva de sua natureza, que não cessa de mostrar-lhes o caminho? Fica portanto certo da fraqueza dos celerados. E não são recompensas de pouco valor, como as que são conferidas nos jogos públicos; é o bem mais precioso e mais

elevado de todos que lhes é impossível alcançar. E esses desgraçados jamais conseguem obter aquilo por que trabalham de dia e de noite; e por aí pode-se ver a superioridade dos bons. Com efeito, se um homem caminhasse até o limite das terras transitáveis, julgarias sem dúvida ser ele o mais apto para a marcha; do mesmo modo julgarás necessariamente mais forte aquele que atingiu o fim último de todas as coisas desejáveis, além das quais não há mais nada. E, de outro lado, resulta daí que os celerados assemelham-se àqueles aos quais abandonaram todas as forças. Por que abandonaram eles o mérito para consagrarem-se ao mal? Será por ignorância do que é o bem? Acaso há fraqueza maior do que a cegueira da ignorância? No entanto, as suas paixões desviam-nos de seu reto caminho, e ainda aí eles demonstram sua fraqueza pela intemperança, que os torna incapazes de resistir ao vício. Ou então é com pleno conhecimento que eles se desviam do bem e se abandonam ao lucro do mal? Mas, nesse caso, não apenas cessam de ser fortes, como simplesmente deixam de ser. Pois aqueles que renunciam àquilo a que tendem todas as coisas cessam ao mesmo tempo de ser. Certamente parecerá estranho dizer eu que os maus, que são a maioria, não existem; no entanto é exatamente o que ocorre. De fato, não afirmo apenas que são maus, mas, sem hesitar, que eles simplesmente não são. Com efeito, tu poderias dizer-me que um cadáver é um homem morto, mas não que é simplesmente um homem; do mesmo modo eu poderia admitir que os malfeitores são homens maus, mas não que eles participam do ser e da essência, no sentido absoluto do termo. Pois para ser é preciso conservar a boa ordenação da alma e preservar a própria natureza; ora, aquele que se afasta de sua natureza renuncia também a ser aquilo de que sua natureza depende. Poder-me-ias dizer que os maus são capazes de fazer grande número de coisas. Não o nego; no entanto, essa capacidade que eles têm não provém de sua força, mas de sua fraqueza. Com efeito, se podem fazer o mal é apenas porque conservam a capacidade de fazer também o bem. E é justamente a capacidade de fazer o mal que prova com toda a clareza sua fraqueza.” “É evidente”, disse eu. “E, para que possas compreender qual a natureza de sua capacidade, lembra-te de que havíamos estabelecido há pouco que nada é mais poderoso que o bem supremo.” “Assim é”, respondi. “Mas o bem supremo não pode fazer o mal”, disse ela. “É claro que não!” “Existe alguém”, perguntou ela, “que julgue que os homens são capazes de tudo?” “Ninguém diria isso, a menos que fosse louco.” “Ora, os homens são capazes de fazer o mal.” “Ah!”, exclamei eu, “pudessem eles não ser capazes de fazê-lo!” “Por conseguinte, dado que aquele que faz apenas o bem é onipotente, e os que podem fazer também o mal não o são, é evidente que os que podem fazer o mal são menos poderosos que os outros. Acrescente-se a isso que havíamos demonstrado que toda potência deve ser contada no número das coisas

desejáveis e que todas as coisas desejáveis se remetem ao bem, considerando-o a perfeição de sua natureza. No entanto, a capacidade de cometer uma má ação não pode se remeter ao bem, portanto ela não é desejável. Ora, uma vez que todo poder é desejável, fica claro que a possibilidade de fazer o mal não consiste num poder. De tudo o que foi dito, o poder dos bons e a fraqueza dos maus não podem ser postos em dúvida. Por isso Platão tem razão em pensar que apenas os sábios têm o poder de realizar seus desejos, enquanto os desonestos fazem o que lhes causa prazer, mas não têm o poder de satisfazer seus desejos. Na realidade, fazem tudo o que lhes agrada pensando obter o bem que desejam graças ao que o prazer proporciona; no entanto, não obtêm absolutamente nada, pois as más ações não conduzem à felicidade.

IV. 4

Estes reis que vês orgulhosamente instalados em seus tronos,
Envoltos em brilhante púrpura e protegidos por guardiães sinistros,
Cujo olhar, duro e ameaçador, espuma de raiva e orgulho,
Quando perdem a proteção de sua frágil majestade
Mostram os estreitos liames que os acorrentam:
Os venenos devastadores das paixões atormentam-lhes o coração,
A cólera os sacode como o vento as águas do mar,
A experiência da tristeza os abate, e a incerteza das esperanças os tortura:
Tu podes bem ver que um só desses reis é escravo de tantos tiranos:
Longe de fazer o que quer, ele está submetido a seus carrascos.

IV. 5

Vês agora o mar de lodo onde se chafurda a infâmia, e o brilho no qual resplandece a integridade? Por isso, vê-se claramente que jamais as boas ações são deixadas sem recompensa nem as más sem seu castigo. De fato, cada vez que uma ação é realizada, aquilo para o que ela se realiza pode sempre, e não sem razão, parecer uma recompensa dessa mesma ação. Da mesma forma, numa competição de corrida, a coroa de louros que se disputa constitui a recompensa. Mas havíamos demonstrado que a felicidade é o próprio bem, o objeto de cada

um de nossos atos. Portanto, é simplesmente o bem que é proposto como recompensa a todas as ações humanas. Ora, o bem não pode ser separado das pessoas boas, e não se poderia chamar de bom aquele a quem falta o bem; é dessa forma que as recompensas não negligenciam um bom comportamento. Por conseguinte, os maus podem procurar obstinadamente o bem quanto quiserem, não será por isso que a coroa tombará da cabeça do sábio nem este se desviará de seu caminho. Com efeito, a maldade alheia não pode roubar dos homens íntegros a glória que apropriadamente lhes pertence. Mas se alguém pudesse usufruir da recompensa de outrem, poderia passar por outra pessoa ou por aquele mesmo que a conferiu mas, dado que a recompensa só é merecida pela integridade, deixaria de ter a recompensa, uma vez que não é íntegro. Enfim, uma vez que a recompensa é sempre procurada porque se pensa que ela é um bem, quem poderia considerar privado de recompensa um homem que tem a posse do bem? Esta, por sua vez, constitui a mais bela e a maior recompensa que há. Lembra-te agora do corolário que te mostrei agora há pouco, que é sumamente importante e que foi concluído da seguinte maneira: uma vez que o bem em si é a felicidade, fica claro que todas as pessoas de bem tornam-se felizes precisamente porque são boas. No entanto, é evidente que os que são felizes são deuses. Eis, portanto, a recompensa dos bons, que nenhum jugo pode alterar e que maldade alguma pode tocar: em verdade, eles se tornam deuses como partícipes da divindade. Dessa forma, o sábio não duvidaria de que os maus não possam escapar a seu castigo. Com efeito, dado que o bem e o mal, da mesma forma como o castigo e a recompensa, são opostos um ao outro, o que vemos ocorrer no caso da recompensa do bom tem necessariamente sua contrapartida no castigo do mau. Ora, da mesma forma que para as pessoas íntegras é precisamente sua integridade que se torna sua recompensa, assim, para os maus, é sua vileza que é seu castigo. E mais ainda: quando sofremos uma dor, não duvidamos de que fomos afligidos por um mal. Por conseguinte, se as pessoas más quisessem avaliar sua situação, poderiam considerar-se livres do castigo, elas a quem a vileza, o pior dos males, abate fortemente? Vê, por outro lado, contrariamente ao que se passa com os bons, qual é a punição que se abate sobre as pessoas más. Acabaste de aprender que tudo o que é é uno, e essa unidade é o bem, donde resulta que tudo o que é parece também ser o bem. Dessa forma, tudo o que se afasta do bem deixa de existir; os maus deixam de ser, mas o fato de conservarem a aparência física de um ser humano mostra que eles já foram verdadeiros homens. E é assim que, afundando na maldade, eles perdem ao mesmo tempo sua natureza humana. Mas, como somente a bondade pode elevar um homem acima da natureza humana, é necessário concluirmos que a maldade rebaixa os que a ela se aplicam para aquém do nível humano. Portanto, podes

concluir que não se pode considerar um ser humano aquele que foi metamorfoseado por muitos vícios. Acaso enrubesce por sua cobiça aquele que recorre à força para espoliar os bens dos outros? É como falar de um lobo! Acaso ele emprega sua energia e seu tempo para gastar a saliva com ardis? Podes então compará-lo a um cão. Mas fica este tramando armadilhas veladas e se alegra de ter despojado alguém fraudulentamente? Compara-o então a uma raposa. Acaso ela ruge de cólera e perde o autocontrole? Poderíamos dizer que ele tem o coração de um leão. Mas acaso treme ele de pavor e está sempre pronto a se esconder diante daquilo que não amedronta nem uma mosca? Esse mau-caráter, que tem medo de sua própria sombra, é mais parecido com um cervo. Este, preguiçoso, pesado e sempre inclinado ao sono, leva uma vida digna de um asno; seus caprichos, fantásticos e móveis, não diferem em nada dos de um pássaro. Mete-se ele em infâmias e imundas paixões? Ei-lo prisioneiro de desejos dignos de um porco repugnante! Dessa forma, sucede que, se ele deixa de ser homem por ter dissimulado o verdadeiro caráter do bem, incapaz de ascender à condição divina, transforma-se em besta.

IV. 6

A nau do rei de Nérito*
E suas embarcações perdidas no mar,
O Euro fê-las levar a uma ilha
Habitada por uma bela deusa
Nascida de uma semente do Sol;
Ela fez com que seus hóspedes
Bebessem todos de sua poção mágica,
E sua mão, mestra das plantas,
Fê-los tomar mil formas diferentes:
Um transforma-se num javali;
Outro, transformado no leão de Marmárica,
Vê seus dentes e unhas crescerem;
Um, recém-transformado na raça dos lobos,
Quer chorar, mas põe-se a uivar,
Outro, transformado num tigre do Indo,
Considera-se afortunado, e ronda calmamente o palácio.
Mas o deus alado da Arcádia

Teve compaixão do rei,
Bem como de seu povo, que já tanto havia sofrido:
Quis portanto evitar os malefícios de sua anfitriã.
Mas era já muito tarde; os remadores
Haviam caído na dependência da deusa
E, transformados em porcos, preferiam
As bolotas ao alimento de Ceres.
Do que eram, nada subsiste:
Sua voz, seus corpos, tudo desapareceu.
Somente suas almas sobreviveram
E deploravam os prodígios ocorridos.
Ó mão ineficaz!
Ó impotentes plantas!
Elas podem transformar os corpos
Mas seguramente não mudam os corações.
No interior do homem está sua natureza
Encravada numa cidadela secreta.
Há venenos dos mais poderosos
Que fazem o homem sair de si mesmo,
Mas eles o atingem profundamente,
Pois, sem lhe prejudicar o corpo,
Ferem-lhe a alma.”

IV. 7

Então eu disse: “Agora reconheço e vejo que temos razão em dizer que as pessoas corruptas, embora conservem a aparência externa de seres humanos, transformamse na realidade em bestas devido ao seu estado interior. Mas eu preferiria que não mais lhes fosse permitido que sua crueldade e sua infâmia se exercessem livremente, flagelando as pessoas de bem.” “Mas isso não é permitido!”, exclamou ela, “conforme te demonstrarei na ocasião propícia. Pelo contrário, se isso mesmo que julgas ser-lhes permitido lhes fosse retirado, o castigo desses celerados seria em grande parte atenuado. E de fato – coisa que pode parecer inacreditável – os maus tornam-se necessariamente mais infelizes quando têm sucesso em realizar aquilo que desejam do que quando são incapazes de satisfazer seus desejos. De fato, se é uma infelicidade querer fazer

o mal, ser capaz de fazê-lo é uma infelicidade maior ainda, pois sem essa capacidade o efeito da má vontade seria quase inexistente. Portanto, dado que o querer, o poder e a realização de uma má ação são, individualmente, uma infelicidade, um triplo infortúnio se abate necessariamente sobre aqueles nos quais vês reunirem-se essas três condições.” “Rendo-me aos teus argumentos”, disse eu, “mas meu mais caro desejo é que eles fiquem liberados de um tal infortúnio, tornando-se incapazes de cometer qualquer ação má.” “Eles estarão livres disso, talvez mais cedo do que possas querer e do que eles próprios acreditam. Pois no curso tão rápido de uma vida nada acontece tão tardiamente para que a espera possa ser longa, sobretudo a uma alma imortal. Suas esperanças imensas e suas jogadas ambiciosas levam freqüentemente a um fim brutal e inesperado, o que evidentemente limita sua maldade. Se, com efeito, sua vileza os torna infelizes, o homem médio é necessariamente cada vez mais infeliz enquanto sua vida vai se prolongando, e eu consideraria esses pobres indivíduos os mais infelizes dos homens se a morte não pusesse um fim à sua maldade. E, de fato, se nossas conclusões sobre o desafortunado e a maldade são verdadeiras, fica claro que a infelicidade é infinita quando a maldade é eterna.” Então eu disse: “Eis uma conclusão surpreendente e difícil de ser apreendida, mas sei que resulta inteiramente daquilo que já foi estabelecido como verdadeiro.” “Tens razão”, disse ela, “e, se encontramos dificuldade em aderir a uma conclusão, é preciso demonstrar que alguma das proposições anteriores é falsa ou então provar que o encadeamento dos raciocínios não conduz necessariamente a essa conclusão; caso contrário, tendo sido aceitas as proposições anteriores, não se pode negar a conclusão. O que vou acrescentar, portanto, pode parecer mais surpreendente ainda, mas é uma conclusão que é o resultado necessário daquilo que foi admitido como verdadeiro.” “E de que se trata?”, perguntei eu. “Pois bem, afirmei há pouco que as pessoas desonestas estão em melhor situação se elas são castigadas do que se ficam impunes perante a justiça. E, no momento, não penso naquilo que pode vir à mente de alguém, segundo o que um comportamento indigno é corrigido pela pena e reconduzido ao caminho justo devido ao medo do castigo, como um exemplo que servisse aos outros para que ninguém mais cometesse tal crime; é porque me coloco num outro plano que considero mais infelizes os desonestos que ficam impunes, embora eu não deixe de levar em consideração uma eventual correção ou um tal exemplo.” “E qual seria esse plano diferente onde te situas?”, perguntei. “Nós havíamos admitido que os bons são felizes e os maus infelizes, não é mesmo?” “Sim!”, respondi. “Por conseguinte”, disse ela, “se algum bem vem se acrescentar à infelicidade de um homem, este não ficaria mais feliz do que aquele cuja infelicidade permanece intacta, sem mistura e desprovida da menor

parcela de bem. Não pensas assim?” “Sim, esse é o meu ponto de vista”, declarei. “Tomemos agora esse mesmo infeliz a quem faltam todos os bens; supõe que se lhe acrescente um outro mal àqueles que já constituem sua infelicidade. Não o consideraríamos muito mais infeliz que aquele cujo infortúnio é atenuado por sua participação no bem?” “Como poderia ser de outra forma?”, respondi. “No entanto, é manifesto que seria justo os desonestos serem punidos, mas, pelo contrário, eles escapam à punição.” “Quem poderia contradizê-lo?” “Mas ninguém também dirá que tudo o que é justo não seja bom, e o injusto, mau.” “É evidente”, respondi. “Portanto, os desonestos se beneficiam quando são punidos, pois uma parte do bem lhes é acrescentada – trata-se precisamente de sua punição, que é boa porque é justa –, e essas mesmas pessoas, quando escapam do castigo, adquirem um mal suplementar – trata-se da impunidade que reconheceste ser um mal devido à sua iniqüidade.” “Não posso discordar”, disse eu. “Portanto, os desonestos são muito mais infelizes se gozam de uma injusta impunidade do que quando recebem a punição merecida.” Então eu disse: “Isso resulta necessariamente das conclusões às quais acabamos de chegar. Mas, dize-me, supões tu que as almas não recebem nenhum tipo de castigo após a morte do corpo?” E ela: “Mas com toda a certeza! E ainda por cima castigos graves; uns, a meu ver, com toda a severidade que o crime merece, outros, pelo contrário, com uma clemência purificadora. Mas no momento não é minha intenção discutir esse assunto. Até agora, pudemos demonstrar-te que o poder dos maus, que tu achavas tão escandaloso, é inexistente, e que aqueles a quem deploravas a impunidade não escapam jamais dos castigos devidos à sua má conduta e que sua liberdade de agir, a qual desejavas que tivesse rapidamente um fim, não dura muito tempo; e, além disso, a maldade somente cresceria se ela fosse exercida por mais tempo, e, no caso extremo, a infelicidade seria infinita se a maldade se prolongasse; finalmente, que os desonestos são mais infelizes se ficam impunes do que se sofrem seu castigo.”

Então eu tomei a palavra: “Quando examino teus argumentos, fico persuadido de que não se pode dizer nada de mais verdadeiro. Mas, se consideramos o juízo dos homens, quem não acharia tuas idéias, já não digo críveis, mas nem sequer audíveis?” E ela disse: “É verdade o que dizes, pois as pessoas em geral são incapazes de elevar seus olhos acostumados às trevas em direção à luz da verdade, onde a evidência se impõe, e acabam por ser semelhantes aos pássaros, cujas faculdades visuais se intensificam à noite e desaparecem com a luz do dia. Dessa forma, têm o olhar fixado não sobre a ordem do universo, mas sobre seus próprios sentimentos, e crêem ser felizes por poder cometer todo o tipo de má ação livre e impunemente. Mas vê o que prescreve a lei eterna. Toma por modelo aquilo que há de melhor, e não terás

mais necessidade de um juiz que te traga uma recompensa: estarás tu mesmo participando do melhor. Por outro lado, consagra-te ao que há de pior sem encontrar ninguém que te possa punir: serás tu que te precipitarás sozinho no abismo. Assim, se olhas um de cada vez, a sórdida terra e o céu excluindo qualquer outro objeto, acreditarás estar, segundo o ponto de vista, quer no lodo, quer em meio aos astros. Mas a maioria dos mortais nem sequer olha para as estrelas. Mas quê? Colocar-nos-emos ao lado de pessoas que demonstramos serem parecidas a bestas? Supõe agora que alguém tenha perdido a vista, e até mesmo a lembrança de ter possuído tal faculdade, e que pensa que nada lhe falta para adquirir a perfeição humana: acaso seríamos nós a partilhar a opinião de tal cego? E as pessoas comuns tampouco partilharão nossa opinião, que se sustenta sobre uma argumentação tão sólida, de que os que cometem uma injustiça sejam mais infelizes do que os que a sofrem". "Gostaria de ouvir essa argumentação", disse eu. "Acaso ousarias dizer que um malfeitor não merece sempre ser castigado?" "Claro que não!" "Por outro lado, também é claro que os maus são infelizes de diversas maneiras." "Sim", respondi. "Portanto, duvidas de que os que merecem ser castigados sejam infelizes?" "De modo algum", respondi.

"Se, por conseguinte, estivesses encarregado de um caso, a quem pensas que deveria ser infligida a pena? Àquele que cometeu a injustiça ou àquele que a sofre?" "Não posso hesitar um instante sequer: eu daria razão à vítima e reprimiria o criminoso." "No entanto, o autor da injustiça não te parece mais digno de lástima do que a própria vítima?" "Sim", respondi. E ela retrucou: "Portanto, pelas razões nas quais se apóia o princípio que diz que uma conduta vergonhosa, por sua própria natureza, torna a pessoa que a pratica infeliz, parece-nos que a infelicidade recai não sobre a vítima, mas sobre o autor da má ação." E ela acrescentou: "Ora, em nossos dias os advogados agem de maneira inversa. Com efeito, é em favor daqueles que sofreram um dano grave e severo que tentam convencer o juiz, enquanto essa piedade deveria manifestar-se principalmente com relação aos culpados; estes deveriam ser chamados à justiça não por acusadores encolerizados, mas benevolentes e cheios de consideração, assim como os doentes que são levados ao médico, de forma que o castigo os curasse completamente do mal ligado aos seus crimes. Nessas condições, a presteza da defesa seria menos grave ou, então, se ela preferisse tornar-se útil, endossaria o procedimento da acusação. E os malfeitores mesmos seriam os primeiros a não considerar seu castigo como sofrimento, ou a juntar-se à solicitude dos defensores e a se entregarem sem hesitação aos seus acusadores e ao juiz se lhes fosse permitido entrever por uma fresta a virtude que abandonaram e vissem a possibilidade de se livrar do fardo de seus vícios. É dessa forma que os sábios não experimentam a menor parcela de ódio. Pois

quem poderia odiar os bons, senão os maus e viciados? Quanto a odiar os malfeitores, isso seria um contra-senso. Se, com efeito, a astenia é uma doença do corpo, a maldade é uma espécie de doença da alma, dado que, a nosso ver, os que sofrem das doenças do corpo não são odiados; pelo contrário, são dignos de lástima. Por isso, são causa de maior lástima, e não de ódio, aqueles cuja alma está atacada por um mal mais impiedoso do que qualquer forma de astenia: a maldade.

IV. 8

De que vale suscitar tais sentimentos
E provocar vós mesmos o Destino?
Se procurais a morte, não vos preocupeis:
Ela se aproxima por si mesma e não retém seu rápido curso.
Nem a serpente, o leão, o tigre, o urso, o javali,
Deixam-se dissuadir por pessoas que trazem armas.
Será por causa de suas diferenças e desacordos
Que eles travam batalhas injustas e guerras cruéis,
Querendo uns nos outros desferir o golpe fatal?
Nada justificaria tal selvageria.
Queres revidar ao outro o que ele merece?
Ama os bons e tem piedade dos malfeitores.

IV. 9

Então retomei da palavra: “Agora posso ver qual é, segundo o caso, o tratamento merecido pelas pessoas honestas e pelas desonestas. Mas, refletindo bem, penso também que a Fortuna, tão cara aos profanos, não deixa de comportar uma parte de bem e uma parte de mal. E, de fato, não se encontraria mesmo dentre os sábios um só homem que preferisse o exílio, a pobreza e a infâmia a viver em prosperidade em sua vila, coberto de riquezas e do respeito dos outros e detentor do poder. Desse modo, com efeito, a sabedoria preenche sua função de uma maneira mais brilhante e manifesta quando a felicidade dos governantes repercute de uma maneira ou de outra sobre os povos que

governam, uma vez que é evidente que a prisão e a execução de todos os castigos previstos por lei são reservadas principalmente aos malfeitores, em vista dos quais tais dispositivos foram criados. Mas agora que vejo ocorrer o contrário, e os castigos reservados aos criminosos se abaterem sobre as pessoas de bem, enquanto os malfeitores se apoderam das recompensas devidas ao mérito, minha surpresa é grande, e gostaria que me explicasses qual é a razão de um tal caos. Pois eu estaria menos surpreso se atribuísse essas desordens aos efeitos do acaso. Mas o que me leva ao extremo do espanto é o fato de que um Deus bom governa o universo! No entanto, ora ele concede seus benefícios aos bons e maltrata os malfeitores; ora, pelo contrário, ele dá uma vida de sofrimentos ao bom e consente em satisfazer os desejos dos malfeitores. Dessa forma, até que me proves o contrário, em que Deus diferiria do acaso?" "De fato", disse ela, "não é surpreendente que consideremos acidental e caótica uma situação quando ignoramos as leis que a regem. Mas, quanto a ti, mesmo se tu ignoras a causa de uma organização tão complexa, dado que o Deus que governa o mundo é bom, não deves duvidar de que tudo se realiza corretamente.

IV. 10

Para aquele que não sabe que a constelação de Arcturo
Toca a extremidade do pólo celeste
Ou por que Bootos ladeia lentamente o Carro
E mergulha no Oceano as flamas tardias
Enquanto se desdobra tão rapidamente no seu levantar-se,
As leis dos cimos etéreos parecerão assombrosas.
Que os crescentes de uma lua cheia
Sejam ofuscados pelo cone de uma noite espessa
E que, irreconhecível, Febe desvele as estrelas
Até então ofuscadas por sua fase brilhante,
À ignorância do povo isso provoca loucura,
E não cansam de fazer soar os címbalos.
Ninguém se espanta quando as rajadas do Coro
Batem violentamente de lado na massa das vagas,
E quando a camada de neve endurecida pelo gelo
Se desagrega sob os raios abrasantes de Febo.
Aqui, as coisas são fáceis de distinguir;

Na terra, ao contrário, a dissimulação traz a dificuldade;
Os fenômenos celestes são muito espaçados no tempo,
E sua novidade perturba uma multidão emotiva.
Pudesse deslocar-se a nuvem do erro,
E também se desfaria seu ignaro espanto.

IV. 11

“Aceito o que afirmas”, disse eu, “mas, como a ti foi dado desvendar as causas dos fenômenos obscuros e explicar qual o seu mistério, peço-te que desvendes completamente a questão e me esclareças quanto a um assunto que me aflige muito.” Então ela esboçou um ligeiro sorriso: “Tu me pedes”, disse ela, “para abordar uma questão cujo estudo se reveste da mais alta importância e que é quase impossível discernir na sua totalidade. E, de fato, a questão é de tal ordem que, se tocamos num só dos problemas que comporta, vão surgindo outros ao infinito, como as cabeças da Hidra, e não se poderia deter seu ritmo senão graças a um recurso especial da inteligência. Com efeito, ao abordar essa questão, habitualmente caímos em outras mais complicadas, que são as da indivisibilidade da Providência, do curso do Destino, dos acontecimentos imprevisíveis, do conhecimento e da predestinação divinas e do livre-arbítrio, questões essas cuja dificuldade bem podes avaliar. Mas já que uma parte do teu tratamento consiste em examinar igualmente todos os assuntos, embora o nosso tempo seja limitado, tentaremos abordar rapidamente esses temas. Mas, se a poesia e a música igualmente te atraem, é preciso que adies tais prazeres para mais tarde. É preciso, em vez disso, que eu construa, numa ordem rigorosa, uma série de argumentos.” “Como queiras”, disse eu. Então, passando a um outro assunto, ela discorreu nestes termos: “Tudo o que vem ao mundo, todos os seres sujeitos à mudança e à evolução, tudo o que se move de uma certa maneira, encontram sua causa, sua ordem e sua forma na estabilidade da inteligência divina. Esta, firme na cidadela de sua indivisibilidade, fixa uma regra multiforme ao governo do universo. Quando se considera essa regra do ponto de vista da pureza da inteligência divina, chamamo-la Providência; mas quando se a considera com relação àquilo que ela põe em movimento e ordena, é o que os antigos chamavam Destino. Ver-se-á facilmente que se trata de duas coisas diversas, se examinarmos a natureza de cada uma delas. Com efeito, a Providência é precisamente a razão divina que reside no princípio supremo de

todas as coisas e que ordena o universo; quanto ao Destino, trata-se da disposição inerente a tudo o que pode mover-se, e pela qual a Providência reúne todas as coisas, cada uma no seu devido lugar. E, com efeito, a Providência abarca todas as coisas de uma só vez, apesar da sua diversidade e do seu número infinito; quanto ao Destino, ele reparte cada coisa individualmente situando-a no espaço e no tempo, atribuindo-lhe uma forma em vista de seu movimento, embora esse desenvolvimento da ordem temporal que mostra sua unidade na perspectiva da inteligência divina seja a própria Providência, enquanto essa mesma unidade, uma vez distribuída e alocada no tempo, chamase Destino. Embora se trate de duas coisas diferentes, elas dependem uma da outra: o desenvolvimento do Destino procede da indivisibilidade da Providência. Com efeito, do mesmo modo que um artista começa por representar mentalmente a forma de sua criação antes de passar para a realização, e além disso cumpre por etapas sucessivas aquilo que estava representado em suas linhas gerais, assim também Deus fixa pela Providência o que deve ser feito, uma só vez e definitivamente, enquanto o Destino organiza na multiplicidade e na temporalidade exatamente aquilo que foi fixado. Por conseguinte, que o Destino seja movido por espíritos divinos ao serviço da Providência, ou que a trama do Destino seja urdida pela alma, pela natureza, que lhe é totalmente servil, pelo movimento dos astros no céu, pelo poder dos anjos ou pela habilidade multiforme dos demônios – que um só ou mesmo todos esses fatores venham a intervir –, o que é absolutamente evidente é que a forma imutável e simples do que se deve realizar é a Providência, enquanto o Destino é o entrelaçamento cambiante e o decorrer temporal daquilo que a simplicidade divina fixou para ser realizado. Segue-se que tudo o que é subordinado ao Destino o é também à Providência, à qual está submetido o próprio Destino, mas que certas coisas que estão colocadas sob o controle da Providência não estão subordinadas ao encadeamento do Destino. Estas são coisas tais que, fixadas de maneira imutável na proximidade da divindade suprema, escapam ao Destino e às suas combinações cambiantes. Suponhamos os círculos concêntricos. O que está mais próximo do centro aproxima-se mais de sua indivisibilidade e constitui, para todos os outros círculos situados no exterior, uma espécie de pivô em torno do qual giram os outros, enquanto o círculo mais externo, que descreve a maior circunferência, se desdobra de maneira tão mais extensa que se afasta da indivisibilidade do centro; por outro lado, se um círculo coincide em todos os seus pontos com o centro e cessa de se desdobrar e estender, segundo o mesmo raciocínio, quanto mais alguma coisa se distancia da inteligência suprema, mais e mais os liames do Destino a envolvem, enquanto alguma coisa é tanto menos dependente do destino quanto mais se aproxima desse pivô do universo. E, se ela

adere firmemente à inteligência suprema, desprovida de todo movimento, torna-se também imóvel e escapa à dominação do Destino. Dessa forma, aquilo que o raciocínio é com relação à inteligência, e o ser criado ao ser absoluto, o tempo à eternidade, a circunferência ao centro, eis aí precisamente o que é a ordem variável do Destino comparada à unidade imutável da Providência. E é essa ordem do Destino que faz mover o céu e os outros astros, que mantém a harmonia entre os elementos e estabelece entre eles uma mudança alternada de formas e qualidades; ela renova todos os seres que nascem e morrem sem qualquer modificação, permitindo aos seres pequenos e a suas sementes crescerem segundo sua natureza. É essa mesma ordem do Destino que tece os liames das ações dos seres humanos às suas diferentes fortunas segundo um encadeamento imutável de causas, dado que têm sua origem na Providência. Assim sendo, o universo é regido da melhor maneira dado que a indivisibilidade, que é a sede da inteligência divina, produz um encadeamento inevitável de causas, e, por outro lado, esse encadeamento domina por sua imutabilidade os seres sujeitos à transformação, que, sem ele, estariam abandonados ao acaso. E é dessa forma que, mesmo se tua incapacidade de apreender o encadeamento das coisas leva-te a ver somente confusão e desordem em todas as coisas, tudo é regido por uma lei que orienta todas as coisas para o bem. Com efeito, não há nada que ocorra tendo em vista o mal, mesmo no caso dos malfeitores; eles, como foi amplamente demonstrado, procuram o bem, mas se desviam do caminho devido a uma deplorável ignorância, e evidentemente não seria um encadeamento de fatos que tivesse sua origem no bem supremo que poderia afastá-los de seu próprio princípio. ‘No entanto’, dirias tu, ‘pode-se imaginar confusão maior que aquela na qual os bons experimentam tanto a adversidade quanto a prosperidade e na qual os malfeitores vêem realizar-se tanto o que desejam quanto o que não desejam?’ Ah! Acaso os homens seriam suficientemente inteligentes para ter sempre razão quando julgam alguém bom ou mau? A esse respeito, os juízos dos homens são discordantes, e os homens que a alguns parecem merecer a recompensa e a outros o castigo são os mesmos. No entanto, admitamos que haja um homem capaz de distinguir os bons dos malfeitores: seria ele também realmente capaz de observar o temperamento íntimo das almas? Na realidade, surpreendendo-te assim em nada diferes daquele que não sabe por que, quando se não goza de boa saúde, os alimentos doces são mais apropriados a uns e os alimentos ácidos a outros, e também por que a medicina suave tem sucesso em certos doentes enquanto outros necessitam de medicina mais violenta. Isso, no entanto, não é nada surpreendente para o médico que distingue, segundo os casos, graus e diferenças na doença e mesmo na saúde. E, por outro lado, o que te parece ser a saúde das almas senão a

bondade? E a sua doença, a maldade? E quem é que preserva as coisas boas e afasta as más senão Deus, mestre e médico das almas? Pois é ele quem, ao volver o olhar de seu posto de observação que é a Providência, reconhece o que convém a cada um e lhe aplica o tratamento que sabe ser o mais adequado. É então que intervém o fato surpreendente que é a realização do Destino, quando Deus realiza conscientemente algo que causa espanto aos ignorantes. Com efeito, se eu quisesse limitar-me a lembrar alguns exemplos acessíveis à razão humana para ilustrar a profundidade de Deus, quando vês em alguém a encarnação da justiça e uma perfeita eqüidade, a Providência, que tudo sabe, tem um juízo inverso a respeito dele; nosso amigo Lucano nos faz notar que ‘se a causa do vencedor deve aos deuses o seu favor, a do vencido tem o de Catão por si?’ Por conseguinte, tudo o que vês acontecer aqui de contrário a tuas expectativas é na verdade a expressão da ordem que mais convém ao universo, mesmo se, a teus olhos, pareça ser uma desordem onde reina a confusão. Suponhamos a existência de alguém cujos costumes fossem suficientemente bons para que a seu respeito o julgamento divino e o humano coincidissem; mas, se lhe falta força de espírito e se alguma contrariedade o assalta, corre o risco de cessar de cultivar uma virtude que não lhe permitirá manter a Fortuna a seu favor. É essa a razão por que uma sábia repartição arranja as coisas para ele, a quem a virtude poderia ser diminuída pela adversidade, a fim de que se evite sofrer algo para o que não está preparado. Suponhamos a existência de outro homem, virtuoso em todos os pontos, santo e próximo a Deus; a idéia de que tal homem possa ser atingido por não importa que tipo de mal parece tão sacrílega à Providência que ela nem sequer permite que a menor doença corporal venha acometê-lo. Como de fato diz um que é mais eminente que eu: ‘O corpo do homem amado pelos deuses está pleno de força.’[9] Além disso, freqüentemente a direção dos negócios humanos é confiada aos bons para que se coloque um freio nas extravagâncias da maldade. A alguns, a Providência, segundo o seu temperamento, envia uma mistura de bens e males: ela atiça uns para evitar que uma felicidade muito prolongada os corrompa; permite a outros que sejam duramente golpeados, a fim de que suas virtudes se reforcem pela prática e pelo hábito da paciência. Uns temem mais do que deveriam os males que podem suportar; outros desprezam temerariamente penas que excedem suas forças; é para fazer com que uns e outros se conheçam melhor que Deus lhes envia essas provas. Uns adquirem ao preço de uma morte gloriosa o respeito dos homens por seu nome; outros, não se dobrando à tortura, dão exemplo a todos mostrando que os males não podem prevalecer sobre o mérito. Ora, que essas provas aconteçam como convém, de maneira ordenada e no interesse daqueles sobre os quais elas

se abatem, não se pode duvidar. Pois o fato de os malfeitores receberem um tratamento ora desagradável, ora conforme aos seus desejos segue a mesma razão; e, quanto ao mau tratamento que os malfeitores recebem, ninguém evidentemente se espanta, pois todos consideram que bem o merecem. E, na verdade, seus castigos dissuadem os outros de fazerem o mesmo, corrigindo dessa forma todos a quem são expostos; mas, quando lhes acontecem coisas agradáveis, trata-se de uma grande lição para os homens de bem, que aprendem assim como devem considerar essa forma de prosperidade, que freqüentemente está a serviço dos malfeitores. Quanto a esse assunto, creio também que uma tal repartição se deve ao fato de haver homens de uma natureza tão impulsiva e brutal que a miséria poderia levá-los a cometer os piores crimes; assegurando-lhes conforto material a Providência cuida de sua doença. Este, sentindo sua consciência manchada pela desonra e comparando-se a si mesmo com a sua Fortuna, teme mais que os outros perder os bens que constituem sua alegria. E, por medo de perder seu tesouro, modificará seu comportamento e corrigirá seus vícios. Outros sofrem um desastre merecido por terem abusado de sua prosperidade. Alguns receberam o direito de punir a fim de que as pessoas honestas fossem postas à prova, e os malfeitores, castigados. De fato, assim como não há nenhuma aliança possível entre os honestos e os malfeitores, estes últimos também não se entendem entre si. E como poderiam, visto que estão em desacordo consigo mesmos, cuja consciência é torturada pelas suas más ações, e que cometem atos dos quais logo se arrependem? É dessa forma que a Providência nos revela algo surpreendente: o fato de os malfeitores tornarem bons outros malfeitores. Alguns, com efeito, pelo fato de terem sido maltratados pelas piores pessoas que existem, passam a odiá-las e a odiar os que fazem o mal, e reencontram sua virtude moral procurando não mais se assemelhar àqueles que agora detestam. Somente a Divindade possui esse poder de transformar o mal em bem, servir-se dele e daí fazer desabrochar efeitos salutares. Pois há uma ordem geral que abarca todas as coisas; o que escapa de um lado aparece sempre de outro, a fim de que, no reino da Providência, nada seja deixado ao acaso, ‘pois só um Deus poderia explicar esses mistérios?’” “Mas acho difícil falar dessas coisas como se eu fosse um deus.[10]” “Não há homem algum que possa compreender apenas com seus recursos nem explicar com palavras todo o mecanismo da obra divina. Que baste, portanto, ter compreendido apenas isto: é o mesmo Deus, criador de todos os seres, que dispõe todas as coisas orientando-as para o bem e que, do mesmo modo, assimila e mantém próximos a si todos os seres por ele criados, servindo-se do Destino para eliminar o mal de onde se exerce a atividade divina. E é dessa forma que, se

observas a repartição que efetua a Providência daquilo que se acredita ocorrer ao acaso sobre a Terra, poderás ver que não há aí nenhum mal. Mas percebo que teu espírito, fatigado pela dificuldade dos raciocínios e esgotado pela gravidade do assunto, anseia impacientemente pelas doçuras da poesia. Bebe então desse doce sumo e encontrarás forças para ir mais longe.

IV. 12

Se queres discernir as leis Daquele que troa
No céu, graças a um espírito puro e perspicaz,
Contempla os mais altos cimos celestes.
Ali, em virtude do justo pacto do universo,
Os astros preservam uma antiga paz.
Não, o sol avivado por suas flamas avermelhadas
Não bloqueia o eixo enregelado de Febe;
Não, a Ursa, que dobra seu rápido curso
No pólo extremo do universo,
Nunca, quando os astros se banham nas águas
Do poente onde ela os vê se purificarem,
Deseja submergir suas flamas no Oceano.
Vésper anuncia as sombras da noite,
E o benfazejo dia retorna com Lúcifer.
O curso dos astros é eternamente reconduzido
Por uma harmonia recíproca; e banidas estão
As discórdias e as guerras das regiões estreladas.
A concórdia harmoniza os elementos
De maneira equilibrada: a umidade
Agressiva deixa passagem à secura;
O frio conclui um pacto com as flamas,
O ligeiro fogo se alça às alturas
E a terra se abaixa devido ao seu próprio peso.
É por essas razões que, na morna primavera,
A estação coberta de flores exala mil perfumes,
O tórrido verão deixa sedenta a Ceres,
Mas logo vem o outono, carregado de frutas,
E a chuva cai e impregna o inverno.

Tudo o que respira e tem vida sobre esta terra
Esse equilíbrio nutre e produz.
Mas ele também traz tudo o que nasce
Para ser precipitado a um fim inelutável.
Entrementes, assenta-se sobre seu trono supremo o Criador:
É ele quem traz as rédeas do comando do mundo;
Rei e Senhor, fonte e origem,
Lei e sapiência daquilo que é justo
E daquilo a que foi dado forma e movimento,
Ele tudo reúne e canaliza os erros.
Pois, se ele não restabelecesse as boas trajetórias,
E não forçasse os astros a manterem sua órbita,
Tudo o que agora obedece a uma ordem estável,
Separando-se de sua fonte, fatalmente se desintegraria.
Ele é a harmonia da qual participam todas as coisas
Que aspiram a ser levadas ao seu fim: o bem.
Pois elas não poderiam subsistir de outra forma
Senão dando em troca amor por amor
E volvendo à causa primeira que lhes deu o ser.

IV. 13

Vês agora qual é a conseqüência de tudo o que havíamos dito?" "Que conseqüência?", perguntei. E ela respondeu: "Que não há Fortuna que não seja boa." "E como pode ser isso?", perguntei. "Escuta-me", disse ela. "Uma vez que a Fortuna, quer se mostre favorável, quer temível, tem por objetivo ora recompensar e pôr à prova os bons, ora corrigir os malfeitores, ela é invariavelmente boa uma vez que é ou justa ou útil." Eu disse: "Eis com certeza o que se chama raciocinar bem, e, se levo em consideração a Providência, tal qual me ensinaste, bem como seus mecanismos, ou o Destino, tua opinião me parece estar muito bem sustentada. Mas, peço-te, contemo-la dentre aquelas as quais tu admitiste como inconcebíveis." "E por que razão?", perguntou ela. "Porque se costuma dizer na linguagem comum, e mesmo com grande freqüência, que algumas pessoas nascem com uma má Fortuna." "Queres então", perguntou ela, "que por algum tempo eu me aproxime da linguagem comum? Pois eu não gostaria de dar a impressão de me colocar, por assim dizer, muito

distante do pensamento dos homens.” “Como queiras”, respondi eu. “Vejamos. Tu consideras que o que é útil é bom, não é isso?” “Sim”, disse eu. “Por outro lado, a Fortuna que põe à prova ou corrige é útil, não é mesmo?” “Como poderia ser de outra forma?” respondi. “Portanto ela é boa?” “Como poderia deixar de sê-lo?”, disse eu. “Mas estamos a falar da Fortuna das pessoas que, instaladas na virtude, batem-se contra a adversidade, ou daquelas que, renunciando à prática do mal, lançam-se ao caminho da virtude.” “Não posso negá-lo”, respondi. “E o que dizer da Fortuna quando ela sorri e recompensa as pessoas de bem? Parece ela má ao comum dos mortais?” “De forma alguma!”, respondi, “eles a julgam como ela é, isto é, excelente.” “E quanto à outra Fortuna, aquela que, por mais cruel que seja, reprime os malfeitores com um justo castigo? O povo a consideraria boa?” “Não, pelo contrário!”, respondi. “Não se acredita haver mal maior.” “Vê então se, seguindo a opinião comum, não chegamos a uma conclusão totalmente inconcebível.” “O quê?”, perguntei. “Do que foi admitido resulta, com efeito, que a Fortuna dos que estão na posse da virtude ou em seu caminho é sempre boa; enquanto a Fortuna dos que persistem no mal é sempre ruim.” “Sim”, afirmei, “isso é verdade, mesmo que ninguém tenha a coragem de admiti-lo.” “Eis por que”, disse ela, “o sábio não deve recalcitrar cada vez que é mandado a bater-se contra a Fortuna, do mesmo modo que não seria digno de um homem corajoso revoltar-se cada vez que ouve o retinir das armas. Pois nos dois casos a dificuldade é precisamente a ocasião para que um aumente sua glória e outro aperfeiçoe sua sabedoria. É dessa forma igualmente que a virtude deve seu nome ao fato de que não cede à adversidade, confiando em suas próprias forças. Com efeito, vós que estais no caminho da virtude não estais aí para abandonar-vos à luxúria ou buscar o prazer. Vós combateis numa batalha – e quão árdua é a batalha! – contra toda forma de Fortuna para impedi-la de vos desmoralizar, se ela vos for adversa, ou de vos querer corromper, se vos sorrir. Mantende-vos no meio! Para além ou para aquém dessa linha média encontra-se o desprezo da felicidade e não a recompensa do esforço. Depende apenas de vós dar à Fortuna a forma que desejais. Com efeito, cada vez que a Fortuna parece adversa, se ela não põe à prova ou não emenda, é porque pune.”

IV. 14

Após duas vezes cinco anos de guerra,
O Atrida justiceiro destruiu a Frígia,

E de seu irmão apagou os traços de uma união abandonada;
Desejando aparelhar a frota grega
E comprando os ventos a preço de sangue,
Ele renega seu papel de pai e sacrifica,
Sacerdote impiedoso, a sua própria filha.
O rei de Ítaca chorou seus companheiros perdidos:
Estendido em sua gruta, o cruel
Polifemo devorava-os com seu cruel apetite.
Em seguida, louco de raiva por não mais poder ver com seu único olho,
Ele paga com amargas lágrimas os prazeres passados.
Hércules deve seu renome a seus árduos trabalhos.
Ele domou os orgulhosos Centauros,
Arrancou do leão sua cruel pele,
Trespassou com suas setas os pássaros funestos,
Roubou os pomos sob os olhos do Dragão
E trancafiou Cérbero com uma tripla corrente.
Vencedor, ele abandonou, segundo se diz, como pastagem
O senhor cruel que criava cavalos monstruosos.
A Hidra pereceu, transformada em fumaça com seu veneno;
O rio Aqueló, com a face desonrada,
Escondeu seu semblante vergonhoso nas margens.
Ele derrubou Anteu nas areias líbias;
Caco apaziguou o furor de Evandro,
E seus ombros, que iam sustentar a abóbada celeste,
O javali os molhou, com sua espuma.
O último de seus trabalhos foi o de sustentar o Céu
Sem curvar a nuca; e em recompensa
Por esse último trabalho, ele mereceu o Céu.
Portanto, coragem! Segui os nobres
Traços desse grande modelo!
Por que tanta falta de energia?
Por que virais as costas?
Elevar-se acima da terra é merecer as estrelas!

---

* Saturno. (N. do T.)

* Ulisses (N. do T.)

9. Verso de origem desconhecida, atribuído pela tradição a um padre da Igreja.

10. Homero, *Ilíada*.

Livro V

V. 1

Mal havia ela acabado de falar, começou a examinar outro assunto. Então eu lhe disse: “Teus conselhos são sem dúvida certos e dignos de tua autoridade, mas o que acabas de dizer a respeito da Providência, isto é, que essa questão não pode ser tratada independentemente de muitas outras questões, pude eu próprio experimentar. Peço-te portanto que agora me digas se achas que o acaso existe realmente e, caso exista, em que ele consiste.” E ela: “Apresso-me a cumprir minha promessa e abrir-te o caminho que leva diretamente à tua pátria. Ora, essas questões, embora seu entendimento seja útil, nos desviarão um pouco do nosso caminho, e temo que tais desvios te fatiguem e talvez até te impeçam de percorreres até o fim o caminho reto.” “Não”, disse eu, “não tens nada a temer, pois essa será para mim uma ocasião de refrear minha inquietude e de me instruir sobre temas que tanto me interessam. Cada ponto de tua argumentação me parecerá irrefutável, e nenhuma das conclusões será posta em dúvida.” E ela: “Vou então satisfazer o teu desejo”, e logo começou da seguinte maneira: “Se definirmos o acaso como um acontecimento produzido acidentalmente e não por uma seqüência de qualquer tipo de causa, longe de consentir na definição, considero essa palavra absolutamente desprovida de sentido, salvo a significação da realidade a que ela se refere. Com efeito, se Deus obriga todas as coisas a se dobrarem às suas leis, onde haveria lugar para o acaso? Nada pode ser feito a partir do nada: esse é um axioma cuja verdade jamais foi contestada, embora os antigos o fizessem princípio, não do princípio criador, mas da matéria criada, isto é, da natureza sob todas as suas formas. Ora, se um fato se produzisse sem

causa, poderíamos dizer que ele surgiu do nada. E, se isso não pode ocorrer, também o acaso, tal como o acabamos de definir, não pode se produzir." "Mas quê!", disse eu, "não há nada que possa ser chamado de 'acaso' ou 'acidente'? Ou existirá uma outra realidade, que escapa à compreensão dos homens, à qual possam corresponder essas palavras?" Ela respondeu: "Aristóteles, a quem eu tanto amo, nos fornece na sua *Física* uma definição ao mesmo tempo breve e próxima da verdade." "E qual é?", perguntei. "Ele diz que toda vez que uma ação é realizada com um determinado fim, mas algo além do que estava sendo procurado acontece por uma razão ou outra, isto se chama acaso, como por exemplo quando alguém cava o solo para fazer um plantio e encontra ali um tesouro que estava escondido. Pode-se crer com certeza que isso aconteceu fortuitamente e, no entanto, o que ocorre não provém do nada; o acontecimento tem causas próprias, cujo conteúdo imprevisto e inesperado parece ter sido produzido pelo acaso. Pois, se o agricultor não tivesse sulcado o solo e o homem que colocou ali seu dinheiro não o tivesse escondido no local, o ouro nunca teria sido descoberto. Tais são portanto as causas desse ganho fortuito que resulta de uma série de circunstâncias e não de uma ação intencional. Com efeito, nem aquele que enterrou o ouro nem aquele que revolveu seu campo agiram com a finalidade de que esse ouro fosse descoberto; mas, como eu já disse, acontece, por uma soma de circunstâncias, que um revolveu a terra justamente onde o outro havia escondido o ouro. Podemos portanto definir o acaso como um acontecimento inesperado, resultado de uma somatória de circunstâncias, que aparece no meio de ações realizadas com uma finalidade precisa; ora, o que provoca um tal conjunto de circunstâncias é justamente a ordem que procede de um encadeamento inevitável e tem como fonte a Providência, que dispõe todas as coisas em seus lugares e tempo.

V. 2

Num desfiladeiro rochoso da Aquemênia, onde vem se fincar
No peito dos que o perseguem a rápida flecha guerreira,
O Tigre e o Eufrates se ajuntam numa única fonte,
E logo suas águas se separam e se desunem.
Se eles se reencontrassem e formassem novamente um único leito,
Tudo o que cada um transporta se reuniria lado a lado,
Os navios se chocariam como troncos levados pela corrente,

E suas águas ajuntadas traçariam um curso desastroso.
No entanto, são o relevo do terreno e as leis do fluxo
Que regem os seus cursos.
Dessa forma, embora pareça correr livremente,
O acaso é regrado e seu curso obedece a leis.

V. 3

"Agora concordo e vejo que tudo se passa como dizes", disse eu. "Mas, nesse encadeamento de causas solidárias umas às outras, resta-nos ainda um pouco de livre arbítrio ou o encadeamento do destino abrange também os movimentos da alma humana?" "Sim", respondeu ela, "o livre-arbítrio existe, e nenhum ser dotado de razão poderia existir se não possuísse a liberdade e a faculdade de julgar. Com efeito, todo ser naturalmente capaz de usar a razão possui a faculdade do juízo, que lhe permite distinguir cada coisa. Portanto, é ele que julga o que deve ser evitado e o que deve ser procurado. E, assim, procura-se tudo aquilo que se julga ser desejável, enquanto se faz de tudo para evitar o que se julga deva ser evitado. E é dessa forma que os seres providos de razão são igualmente providos da faculdade de dizer sim ou não. Mas atenta para o fato de que nem todos os seres a possuem na mesma proporção. De fato, as substâncias celestes e divinas possuem um juízo profundo, uma vontade sem mácula e a capacidade de realizar seus desejos. Quanto às almas humanas, são necessariamente mais livres quando se mantêm na contemplação da inteligência divina, e menos livres quando descem para juntar-se às coisas corporais, e menos livres ainda quando se ligam à carne. E elas alcançam o fundo da servidão quando, levadas pelos vícios, deixam de ter a posse de sua própria razão. Pois quando seus olhos deixam de ver a luz da verdade suprema para baixarem sobre o mundo inferior e as trevas, sua visão logo se distorce sob o véu da ignorância, e essas almas são perturbadas por uma servidão da qual elas mesmas são responsáveis, sendo, de uma certa forma, prisioneiras de sua própria liberdade. E no entanto a compreensão da Providência, que prevê todas as coisas desde a eternidade, vê tais coisas e dispõe tudo o que está predestinado a cada uma, segundo seu mérito.

V. 4

‘Ele tudo vê e tudo ouve.[11]’
Assim é Febo, que ilumina com uma límpida luz:
Tal o canta Homero, de cuja boca corre o mel;
E no entanto ele é incapaz de sondar
As secretas profundezas da terra ou do oceano,
Pois para isso seus raios são muito fracos.
Mas assim não é o Criador do vasto mundo:
Nada faz obstáculo ao seu olhar
Que pousa sobre todas as coisas;
Nem a terra opaca nem o negrume de uma noite nebulosa.
Tudo o que é, foi e será,
Ele o vê de uma só vez;
É a ele, pois somente ele vê tudo,
Que podemos chamar de verdadeiro sol.”

V. 5

E então eu disse: “Pois bem, eis-me novamente confuso devido a um problema mais difícil ainda de ser resolvido.” “E de que se trata?”, perguntou ela. “Já posso até adivinhar o que se passa na tua cabeça.” E eu: “Na minha opinião, o fato de Deus conhecer todas as coisas previamente e ao mesmo tempo existir o livre-arbítrio são duas afirmações completamente contraditórias e incompatíveis. Pois, se Deus prevê tudo e não se pode enganar de forma alguma, tudo se produz conforme a Providência previu. Deste modo, se ela conhece tudo previamente desde toda a eternidade, e não apenas as ações dos homens mas também suas intenções e suas vontades, não seria possível haver qualquer livre-arbítrio. Com efeito, não se produzirá nenhuma ação ou vontade, seja qual for, que não tenha sido prevista anteriormente pela Providência divina, que é incapaz de se enganar. De fato, se esses acontecimentos podem tomar outro rumo que aquele que ela previu, não falaríamos mais numa firme presciência do futuro, mas na realidade de uma opinião incerta, o que seria, no meu ponto de vista, um sacrilégio. E é fato que eu não partilho a opinião e os raciocínios de alguns filósofos pelos quais eles acreditam poder desatar o nó do problema. Segundo eles, se algo acontece não é porque a Providência tenha previsto que devia acontecer; pelo contrário, é porque algo deve acontecer que a Providência divina é instruída de tal fato; portanto, a proposição fica invertida, pois desse modo não

é necessário que os acontecimentos ocorram porque foram previstos, mas é necessário que eles sejam previstos porque vão acontecer. Como se o problema fosse saber quem é causa de quem: é a previsão dos acontecimentos futuros que causa a sua necessidade? Ou a necessidade dos acontecimentos futuros é que é a causa da Providência? Quanto a mim, pretendo demonstrar que, seja qual for o encadeamento das coisas, um acontecimento, uma vez previsto, deve necessariamente se realizar, mesmo se a previsão divina pareça não atribuir aos acontecimentos futuros a necessidade de se realizarem. Suponhamos alguém que esteja sentado. Se isso ocorre, é necessariamente verdadeira a opinião segundo a qual se supõe que ele esteja sentado; e, inversamente, se a opinião de que alguém esteja sentado é verdadeira: então a pessoa realmente está sentada. Portanto, há necessidade nos dois casos: no primeiro, o fato de alguém estar realmente sentado e, no segundo, que a opinião seja verdadeira. Mas se alguém está sentado não é porque a opinião que se tem dele assim diga; pelo contrário, a opinião é verdadeira justamente porque alguém está sentado. Dessa forma, mesmo se aquilo que faça uma opinião ser verdadeira se explique de uma só maneira há, no entanto, de ambas as partes uma necessidade comum. E é evidente que podemos raciocinar de igual modo com relação à Providência e aos acontecimentos futuros. Com efeito, mesmo se os acontecimentos são previstos porque vão se produzir, não é pelo fato de terem sido previstos que ocorrem; porém, é necessário que os acontecimentos futuros sejam previstos por Deus e que ocorram, o que elimina totalmente o livre-arbítrio. E, além disso, é um absurdo pensar que os acontecimentos que se desenrolam no tempo sejam obra da Providência divina! Por conseguinte, que diferença há entre pensar que Deus prevê o futuro porque ele vai se realizar e considerar os acontecimentos passados como causados por sua suprema Providência? Em outras palavras: assim como digo que uma coisa é, ela o é necessariamente, assim também como sei que algo será, ele o será necessariamente. Daí resulta que, quando uma coisa é prevista, ela se produz inevitavelmente. Enfim, se alguém faz um juízo a respeito de algo que não se conforma a ele, isso será não somente ausência de saber mas uma opinião equivocada muito afastada da verdade do saber.

Desse modo, se algo vai ocorrer sem que se saiba se é certo ou necessário que se produza, como poderíamos saber de antemão que ocorrerá? Pois, da mesma forma que o saber propriamente dito não se imiscui no erro, assim também o que é concebido por esse saber não pode ser de outra forma senão como foi concebido. E, com efeito, a razão por que o saber é isento de erro é porque é necessário que tudo seja como ele concebe. E então? Como Deus poderia conhecer previamente um futuro incerto? Pois, se ele pensa que os acontecimentos que podem até não ocorrer irão produzir-se inevitavelmente,

então ele se engana – e seria um sacrilégio não apenas conceber essa hipótese como declará-la em alta voz. E se, por outro lado, ele vê esses acontecimentos futuros como eles são, mas delimitando seu saber pelo fato de eles poderem acontecer ou não, o que seria então essa Providência que não abrange nada de certo e estável? Ou será que isso tem algo a ver com o ridículo oráculo de Tirésias: “Tudo o que direi acontecerá ou não.”

E da mesma forma: em que a divina Providência poderia manter sua superioridade sobre a opinião humana se, a exemplo dos homens, ela julga incerto aquilo cuja realização é incerta? Mas, se do ponto de vista de Deus, a mais segura fonte de todas as coisas, não pode haver nada de incerto, os acontecimentos que ele previu devem acontecer com toda a certeza. E também não pode haver nenhuma liberdade nas decisões e nos atos dos seres humanos, que a inteligência divina, prevendo todas as coisas sem risco de erro, liga e encadeia a um desenrolar único. Se admitirmos tal raciocínio, veremos claramente a nulidade dos valores humanos que daí resulta. Com efeito, seria vão proporcionar aos bons e aos malfeitores recompensas ou punições, pois seus feitos não se devem a nenhum movimento livre e voluntário da alma. E ainda pareceria ser o cúmulo da injustiça o que se considera uma justiça perfeita – falo da punição dos malfeitores e da recompensa dos bons –, já que eles não são levados a praticar o bem ou o mal por sua própria vontade, mas pelo fato de serem obrigados a uma necessidade certa de que assim será. Portanto, não haveria nem méritos nem más ações, mas em vez disso um conjunto confuso de comportamentos embaraçados e indiferenciados. E isso é a coisa mais escandalosa que se pode imaginar, pois, já que a ordem do universo procede da Providência e que nada é deixado à iniciativa dos homens, daí resulta que nossas más ações provêm também do Autor de tudo o que constitui o bem. Para que, nessas condições, esperar ou implorar? O que se poderia esperar ou tentar evitar com preces se um encadeamento inevitável liga todas as coisas? O único relacionamento que existe entre os homens e Deus, que é a esperança e a prece, seria dessa forma suprimido. E se, por outro lado, ao preço de uma justa humildade, merecêssemos o inestimável prêmio da graça divina, que é o único modo que parece ser permitido aos homens de se comunicarem com Deus e de se unirem pela súplica a essa luz inacessível antes mesmo de poder gozá-la; e se, uma vez admitida a necessidade de tudo o que será, negássemos à esperança e às preces a menor eficácia, como poderíamos nos reatar e unir-nos a esse Princípio supremo de todas as coisas? Se as coisas ocorrem assim, é necessário, como tu cantavas há pouco, que o gênero humano esteja ‘separado de seu princípio, desintegrado’.

V. 6

Que causa discordante quebra as regras do universo?
Que deus poderia decidir da melhor maneira
Entre duas verdades cujos conflitos são tamanhos
Que, mesmo existindo isoladamente,
Se recusariam a coexistir?
Ou talvez não haja nenhuma divergência entre essas verdades
E elas são sempre estreitamente solidárias?
E a alma, por estar aprisionada em um corpo cego,
Com a chama de sua luz reprimida,
Não pode mais distinguir os liames traçados do universo?
Mas por que ela arde de tal desejo
De conhecer os sinais ocultos da verdade?
Sabe ela o que procura impacientemente conhecer?
Se ela não sabe, para que procurar no escuro?
Quem, de fato, desejaria uma coisa desconhecida
Ou iria em busca daquilo que não sabe o que é?
Onde o encontraria? Quem poderia reconhecer,
Sem tê-la conhecido antes, uma forma que descobriu?
Ou então, percebendo a Inteligência suprema,
Seria ela capaz de conhecer ao mesmo tempo o essencial e os detalhes?
Atualmente escondida sob a obscuridade do corpo,
Ela no entanto não se esqueceu completamente de sua natureza
E conserva o essencial, mesmo tendo perdido os detalhes.
Por isso, um homem que procura a verdade
Vive numa situação intermediária: ele não sabe
E no entanto não ignora de todo;
Ele conserva e evoca o essencial,
Ele reflete e lembra-se do que viu lá no alto
De forma que pode ajuntar as partes esquecidas
Àquelas que ele conserva.

V. 7

E ela então respondeu: “Não é de hoje que tais queixas são feitas à

Providência; Marco Túlio (Cícero), quando abordou as diferentes formas de divinação, discutiu com veemência sobre essa questão, e tu mesmo por longo tempo e detalhadamente também a estudaste, mas nenhum de vós pôde até agora expô-la com suficiente cuidado e rigor. Se o problema continua obscuro é que o encadeamento do raciocínio humano não se pode aplicar à simplicidade da presciência divina, e, se ela pudesse ser pensada pelos homens de alguma maneira, não restaria mais a menor dificuldade. Tentarei expor claramente o problema, mas somente quando eu compreender o que te aborrece tanto. Com efeito, eu me pergunto por que não concedes nenhuma pertinência ao raciocínio daqueles que procuram explicar o problema e cuja opinião é que, dado que a presciência não é causa dos acontecimentos futuros, ela não impede de modo algum a existência do livre-arbítrio. Podes encontrar uma prova da necessidade das coisas futuras a não ser no fato de que as coisas conhecidas de antemão não podem deixar de se produzir? Conseqüentemente, se o fato de se conhecerem tais coisas antes não confere nenhuma necessidade às coisas futuras, caso que reconheceste há pouco, qual seria a razão pela qual a realização das coisas que dependem da vontade fosse dirigida forçosamente a um termo fixado anteriormente? Pela necessidade do raciocínio e a fim de que vejas a conseqüência que daí resulta, suponhamos que não haja a presciência. Supondo-se isso, os acontecimentos determinados por uma vontade livre estariam sujeitos à necessidade?” “De forma alguma.” “Suponhamos agora que haja a presciência, mas que ela não imponha nenhuma necessidade às coisas; segundo julgo, a vontade manterá sua inteira e absoluta liberdade. Mas tu me dirás que, mesmo que a presciência não cause necessariamente os acontecimentos futuros, ela não deixa de ser o sinal de que estes acontecimentos ocorrerão necessariamente. Por conseguinte, mesmo que não tenha havido presciência, a realização dos acontecimentos futuros seria claramente estabelecida como necessária: pois um sinal, seja qual for, indica apenas o que é, mas não pode criar o que ele indica. Deve-se portanto começar por estabelecer que tudo acontece como efeito de uma necessidade absoluta, se queremos demonstrar que a presciência é a marca dessa necessidade, pois, se essa necessidade não existe, também a presciência por sua vez não pode existir como sinal de algo que não existe. Portanto, quando queremos provar solidamente a existência de uma coisa, não é por sinais ou por argumentos extrínsecos que a demonstraremos, mas pelas razões que lhe são próprias e necessárias. Mas como pode ocorrer que acontecimentos previstos não se produzam? A objeção teria cabimento se eu pretendesse que os acontecimentos previstos pela Providência pudessem não ocorrer; mas o que eu afirmo é que esses acontecimentos, se se realizaram, tinham neles mesmos, por sua natureza, alguma necessidade que os obrigou a se produzir – creio que

poderás compreender isso facilmente. Com efeito, quando vemos uma infinidade de acontecimentos desenrolar-se sob nossos olhares enquanto se estão realizando – como por exemplo os exercícios que os condutores de carros fazem diante de nós, e todos os acontecimentos desse gênero –, acaso algum desses atos é determinado pela necessidade? De forma nenhuma! Não distinguiríamos aí mais um ato de destreza se todos esses movimentos fossem forçados. Ora, os atos que não são necessários no momento em que se realizam também não o eram anteriormente, mesmo se eles devessem acontecer mais tarde. Eis por que há acontecimentos que se irão produzir e cuja realização não é minimamente necessária. Não posso crer que alguém diga que o que acontece agora não tenha sido um acontecimento futuro no passado, antes que se realizasse. Eis, portanto, o gênero de acontecimentos que, embora já antes conhecidos, se realizam livremente, pois, assim como o conhecimento do presente não torna necessários os fatos que se realizam, da mesma forma a presciência do que vai acontecer não impõe nenhuma necessidade aos acontecimentos futuros. Mas tu dizes que o principal ponto de controvérsia é precisamente saber se é possível conhecer de antemão os acontecimentos cuja realização não é necessária. Isso parece a ti implicar uma contradição, pois, segundo pensas, se os acontecimentos são previstos, eles têm de ser necessários: se negamos a sua necessidade negamos também a presciência, já que a certeza não pode se aplicar senão a uma verdade certa. Com efeito, tu pensas que emitir um juízo que não se conforma à realidade significa afastar-se do caráter absoluto da verdade. Pois o fato de que acontecimentos dúbios tenham sido previstos como que para acontecer necessariamente é para ti um erro de juízo, não mais a certeza infalível, já que do teu ponto de vista considerar as coisas de forma diferente do que são significa afastar-se da rigorosa precisão da certeza absoluta. E a causa desse erro é que todos pensam que conhecem algo a partir das propriedades e da natureza do que é conhecido, enquanto o que ocorre é justamente o contrário. De fato, tudo o que é conhecido não é compreendido segundo suas características, mas sim segundo a capacidade daqueles que procuram conhecer. Usarei de um breve exemplo para maior compreensão do que digo. De fato, a circularidade de um corpo esférico não é constatada do mesmo modo pela vista e pelo tato. O olho, estando distante, percebe-o de uma só vez, graças aos raios que emite; por outro lado o tato, envolvendo a forma esférica e se deslocando pela superfície do corpo, percebe seu caráter esférico por etapas. Também o homem é percebido de maneira diversa conforme é considerado segundo os sentidos, a imaginação, a razão ou a inteligência. Os sentidos percebem-no do ponto de vista da matéria que lhe serve de suporte, enquanto a imaginação avalia apenas a forma, abstraindo a matéria. A razão, por sua vez, ultrapassa a forma e, tendo em vista as características

gerais de todos os indivíduos, concebe segundo a idéia de espécie. Mas o olhar da inteligência eleva-se ainda mais. Ultrapassando a esfera das idéias gerais, apreende a idéia da forma absoluta pelo simples poder do pensamento. O principal fato a ser considerado é que as faculdades superiores podem compreender as subalternas, enquanto estas não podem jamais elevar-se ao nível das que lhes são superiores. Com efeito, os sentidos não podem perceber nada além da matéria; a imaginação não é capaz de apreender a idéia geral da espécie; e a razão não pode conceber a forma absoluta. A inteligência, no entanto, como que pairando acima de todas as coisas, não apenas vê a forma absoluta como distingue também a matéria contida na forma, e da mesma maneira distingue o absoluto, coisa que as outras faculdades são incapazes de fazer. Assim, a inteligência, como a razão, conhece as idéias gerais; a imaginação, a forma abstrata; os sentidos, a matéria. No entanto, ela não tem necessidade nem da razão, nem da imaginação, nem dos sentidos: se é permitido expressar-me desta forma, ela apreende tudo de maneira absoluta e por uma única visão do espírito. Da mesma forma a razão, quando concebe uma idéia geral, não tem necessidade nem da imaginação nem da sensação para compreender os fatos que são do âmbito dessas duas faculdades. Pois é ela que, de acordo com a idéia que faz do gênero, nos deu esta definição: ‘o homem é um animal bípede racional’. Ora, essa idéia, precisamente pelo fato de ser uma idéia geral, implica, como todos concordam, noções que são do âmbito da imaginação e dos sentidos; e no entanto não foi nem pelos sentidos nem pela imaginação que a razão as adquiriu, mas por uma concepção que lhe é própria. E finalmente a imaginação, embora tenha no princípio se utilizado dos sentidos para aprender a ver e a conceber as formas pode, sem o concurso dos sentidos, representar todos os objetos sensíveis, e é capaz de fazê-lo não pelos sentidos, mas por suas próprias qualidades. *Vês agora como todo o conhecimento humano depende de suas faculdades e não da natureza própria das coisas que lhe são alheias?* E isso não acontece sem razão, pois, dado que todo juízo é um ato daquele que o pronuncia, é preciso que cada um aja de acordo com suas próprias faculdades, e não pela influência de uma causa externa.

V. 8

Outrora o Pórtico nos deu
Quão obscuros e sábios anciãos!

Eles eram capazes de crer que as imagens sensíveis,
Exalando-se da superfície dos corpos,
Gravavam-se em nossas almas
Assim como o estilete
Traça a cera na tabuinha,
Ainda sem nenhuma inscrição,
Recobrindo-a de símbolos.
Mas se a alma, com seus movimentos próprios,
Não projeta nenhuma energia,
Se se contenta em ficar passiva
E de se livrar do assalto do corpo
E reflete, tal como um espelho,
As vãs imagens das coisas,
Donde vem aos espíritos o vigor
De seu saber, capaz de tudo discernir?
Que força percebe as coisas separadamente?
Qual decompõe o que é conhecido?
Que força recompõe o que foi dividido
Indo de um caminho a outro,
Ora atingindo os píncaros,
Ora descendo ao mais baixo,
E em seguida, desdobrando-se nela mesma,
Com a ajuda da verdade, denuncia o falso?
Trata-se de uma causa bastante eficiente,
Muito mais poderosa que aquela
Que consiste em simples impressões
Gravadas na matéria.
E no entanto ela vem primeiro, despertando
E pondo em movimento as forças da alma
E, nos corpos vivos, a sensação.
Quando a luz bate nos olhos
Ou um grito ressoa nos ouvidos,
Então o vigor da alma se reanima,
Incita as imagens que possui em seu interior
Semelhantes a tais movimentos,
Adapta-as aos sinais vindos do exterior
E associa essas imagens às formas
Dissimuladas no interior.

V. 9

“Se nas sensações físicas – muito embora o contato com as propriedades exteriores da matéria afete os órgãos dos sentidos e as sensações experimentadas pelos corpos precedam o exercício das faculdades ativas da alma, uma vez que elas provocam uma reação e evocam ao mesmo tempo idéias que estavam no fundo do entendimento – se, portanto, nas impressões físicas a alma, longe de receber passivamente o choque da matéria, pode julgar, em virtude de sua própria energia, a sensação experimentada pelo corpo, com mais forte razão os seres que são completamente independentes da matéria podem julgar e conhecer, sem a interferência dos corpos exteriores, mas por um livre movimento do espírito. Essa é a razão por que múltiplas variedades de conhecimentos correspondem às diferentes variedades de substâncias. Com efeito, apenas a percepção dos sentidos, excluindo-se todos os outros tipos de conhecimento, é como as conchas e outros animais que se alimentam grudados nos rochedos; a imaginação, por seu lado, corresponde aos animais dotados de movimento, que parecem já possuir alguma disposição para evitar ou procurar um objeto; quanto à razão, pertence exclusivamente ao gênero humano, tal como a inteligência ao Divino. É dessa forma que o modo de conhecimento que ultrapassa todos os outros é aquele que, por sua própria natureza, não conhece apenas o que lhe é próprio, mas também aquilo que é objeto de todas as outras formas de conhecimento. O que aconteceria então se as percepções dos sentidos e da imaginação se opusessem à atividade da razão e se negassem toda a existência ao universal que a razão julga conceber? Com efeito, poderiam dizer que as noções que provêm dos sentidos ou da imaginação não podem ser gerais; portanto, ou as pretensões da razão são bem fundadas, e nesse caso a matéria não existe; ou então, se a razão reconhece que a maioria de suas noções depende dos sentidos e da imaginação, suas concepções nada mais são que quimeras, já que toma por gerais noções que são particulares. A essas objeções a razão poderia responder que na sua concepção geral não perde o que pertence aos sentidos e à imaginação, dado que essas faculdades são incapazes de atingir a idéia geral, já que suas noções não podem ultrapassar a esfera dos corpos sensíveis; e que, quanto ao conhecimento, é melhor confiar no juízo da faculdade mais certa e melhor partilhada?

Ora, num tal caso, nós que possuímos a faculdade do raciocínio, assim como as de imaginar e sentir, não consentiríamos em dar a primazia à razão? Acontece o mesmo com a razão humana quando crê que a inteligência divina vê o futuro como ela o concebe. Eis, com efeito, como tu raciocinas: se a realização de

certos eventos não parece certa e necessária, eles não podem ser conhecidos *a priori* com a certeza de que se realizarão. Por conseguinte, não há nenhuma presciência de tais acontecimentos e, se cremos que há presciência de tais acontecimentos, é preciso consentir que tudo acontecerá fatalmente. Se portanto nós temos a razão, que é partícipe da inteligência divina, devemos pensar que, do mesmo modo que a imaginação deve ceder à razão, é natural que a razão reconheça a superioridade da inteligência divina. Dessa forma, elevemo-nos, tanto quanto possível, ao nível dessa suprema inteligência; então, com efeito, a razão verá o que ela não pode ver em si mesma, o que concebe a presciência divina, com toda a precisão e certeza, mesmo que esses acontecimentos não se realizem, e apreenderá, não por uma simples conjectura, mas por uma intuição suprema, absoluta e sem limites.

V. 10

Quão grande é a variedade de formas e estruturas
Dos seres animados que povoam a natureza!
Com seus ventres alongados, alguns, com grande esforço,
Deslizam sobre a poeira onde arrastam seus corpos,
Outros, cortando o ar com rápidas asas,
Com seu vôo audacioso se lançam no vácuo.
Outros, fixados ao solo, com seus passos seguros
Povoam a sombra dos bosques ou a relva dos prados;
Diferem uns dos outros em figura e em aspectos;
No entanto, a face de todos eles se inclina para a terra
E curvam-se ao solo por seu instinto irracional.
Somente o homem eleva aos céus seu rosto audacioso
E, de pé, o corpo reto, em seu porte altivo
Do alto vê a terra com desprezo.
Mortal, não é tanto teu olhar e tua face,
Mas tua alma que deve elevar-se aos céus.
O homem, filho do céu, iguala-se ao animal
Quando deixa que seu corpo se apodere de sua alma.

V. 11

Uma vez que já foi demonstrado que tudo o que é conhecido não o é por sua própria natureza, mas a partir da natureza daqueles que buscam conhecer, vejamos agora, nos limites que nos são permitidos, qual é a natureza da substância divina a fim de que possamos também distinguir de que espécie é seu saber. Todas as pessoas que vivem de acordo com a razão partilham da certeza de que Deus é eterno. Procuremos portanto ver o que é a eternidade, pois é ela que nos esclarece sobre a natureza divina bem como sobre sua sabedoria. Pois bem, a eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal. Com efeito, todo ser que vive o presente no tempo vem do passado e caminha para o futuro, e não há nada relacionado ao tempo que possa abarcar toda a extensão de uma vida ao mesmo tempo. Esses seres não podem apreender novamente no dia seguinte o que já foi perdido no anterior, e numa vida vivida dia a dia só se pode viver o momento presente, transitório e fugaz. Portanto, aquele que está sujeito à lei do tempo, mesmo se, como pensava Aristóteles, sempre começa e jamais cessa de ser e cuja vida se desenrola segundo o ritmo de um tempo ilimitado, não pode no entanto ser concebido como um ser eterno. Pois, mesmo que a extensão de sua vida seja ilimitada, não pode apreender e abarcar totalmente e de uma só vez sua vida, já que não possui mais o passado e ainda não desfrutou o futuro. Por conseguinte, aquele que apreende e possui de uma só vez a totalidade da plenitude de uma vida sem limites, à qual não falta nada do futuro nem nada escapa do passado, esse sim pode ser considerado com razão como um ser eterno, e é necessário que ele esteja sempre presente e em plena posse de si mesmo, já que para ele o presente abarca todo o tempo ilimitado. Portanto, não têm razão aqueles que, ao ouvirem dizer que Platão acreditava que este mundo não teve começo e tampouco terá um fim no tempo, concluem que desse modo o mundo criado partilha da eternidade de seu criador. De fato, uma coisa é percorrer uma vida sem limites, coisa que Platão atribui ao mundo, e outra é abarcar de uma só vez toda a presença de uma vida sem limites, o que evidentemente é próprio da inteligência divina. E Deus tampouco deve ser concebido como anterior à criação quanto à quantidade de tempo que decorreu, mas sobretudo com relação à indivisibilidade que caracteriza sua natureza. Com efeito, é essa natureza presente de uma vida imóvel que imita o desenrolar ilimitado do tempo; e, como o tempo não pode reproduzi-lo nem se igualar a ele, degrada-se passando da imobilidade ao movimento e limita-se, passando da indivisibilidade desse presente a uma quantidade infinita de futuro e de passado. E, uma vez que ele não pode estar em plena posse da plenitude da vida, ao mesmo tempo devido ao fato de que não cessa de passar de uma forma a outra, dá a impressão de assemelhar-se até certo ponto àquilo que não pode realizar

nem imitar, pois está atado ao tipo de presente breve e fugidio que, por ter certa semelhança com o presente permanente, confere a tudo o que toca a impressão de que o ser é permanente. Mas, como ele não pôde ficar na permanência, o tempo se deixou levar pelo caminho do infinito, e dessa forma perdeu-se num caminho onde não pode abarcar a plenitude em sua permanência. Eis por que, se quisermos definir corretamente as coisas, diremos como Platão que Deus com certeza é eterno, mas o mundo apenas perpétuo. Portanto, uma vez que todo juízo abarca segundo sua própria natureza aquilo que lhe é submetido e que Deus tem uma natureza sempre eterna e presente, também seu saber, que ultrapassa todo o movimento do tempo, permanece imutável em seu presente e, abarcando os espaços infinitos do passado e do futuro, considera a todos os acontecimentos como se eles já estivessem se desenrolando. É dessa forma que, se queres ter uma idéia de sua presciência, pela qual ele distingue todas as coisas, estarás mais próximo da verdade se a considerares não como a presciência do futuro, mas como a ciência de uma eminência a qual não se pode ultrapassar; assim, preferimos chamá-la de previdência, e não previsão, pois ela se estabelece longe do que há mais abaixo, e é dessa forma que dos cimos do universo ela supervisiona todas as coisas. Portanto, por que queres tu que aquilo sobre o qual se espalha a luz divina se torne necessário, quando nem os próprios homens tornam necessário aquilo que querem? Acaso o teu olhar confere a menor necessidade àquilo que vês no presente?" "Não", respondi. "Ora, se é permitido comparar o presente divino ao presente humano, do mesmo modo que tu vês certas coisas neste presente temporal que é o teu, assim Deus discerne todas as coisas em seu presente eterno. Essa é a razão por que a presciência divina não modifica a natureza das coisas em suas propriedades e as vê presentes em seus lugares tais como elas se realizarão um dia no tempo. Ela não se engana com o juízo que faz das coisas e, de uma só visada de sua inteligência, distingue perfeitamente o que ocorrerá de maneira necessária; tal como vós homens vedes alguém andando sobre a terra e o sol se levantar sobre o céu: mesmo se percebeis as duas coisas ocorrerem ao mesmo tempo, distinguis também uma da outra e considerais a primeira como efeito do livre-arbítrio e a segunda como necessária. Da mesma maneira, vendo de cima todas as coisas, o olhar divino não modifica a qualidade das coisas que estão corretamente presentes em seus devidos lugares, mas que são futuras com relação ao tempo. E é por isso que não se trata de uma opinião, mas sim de um conhecimento embasado na verdade quando Deus sabe que uma coisa vai se produzir e em relação à qual ele não ignora que esteja livre da necessidade de se produzir. Mas, se tu me retrucas dizendo que um acontecimento que Deus prevê não pode deixar de ocorrer e mesmo assim ele não se produz, levado pelas amarras às quais chamas de

necessidade, concordarei que a necessidade existe realmente, mas não pode ser compreendida senão por um espírito habituado à meditação das coisas divinas. Eu diria até que esse mesmo acontecimento que está por vir é, em verdade, necessário se o remetemos ao conhecimento que Deus dele tem mas, considerado em sua própria natureza, ele é independente de toda obrigação. Com efeito, há duas espécies de necessidade: uma, absoluta, tal como aquela que sujeita os homens à morte; a outra, condicional, como por exemplo quando sabes que um homem está andando e ele realmente está. Pois o que todos sabem não pode diferir do conhecimento dessa coisa, mas essa condição não implica de forma alguma uma necessidade simples. Com efeito, essa necessidade não resulta da natureza própria de alguma coisa, mas do acréscimo de uma condição, pois nenhuma necessidade obriga alguém que caminha por sua própria vontade a seguir outra direção, mesmo se, enquanto ele anda, siga uma direção. Conseqüentemente, se a Providência vê algo como estando presente, esse algo necessariamente deve estar, embora ela não possa imprimir nenhuma necessidade que esteja ligada a uma natureza distinta. Ora, Deus vê como presentes os acontecimentos futuros que resultam do livre-arbítrio. Por conseguinte, esses acontecimentos, do ponto de vista do olhar divino, tornam-se necessários e submetidos a uma condição que é o conhecimento divino; mas, considerados em si mesmos, não perdem a absoluta liberdade de sua natureza. Daí resulta que todos os acontecimentos que Deus conhece de antemão e que vão se produzir produzir-se-ão com certeza; mas alguns deles provêm do livre-arbítrio e, embora se produzam, não perdem ao se realizarem sua natureza própria, segundo a qual, antes que ocorram, poderiam não acontecer. E que importa se eles não são necessários já que, devido à condição do saber divino, ocorrerão mesmo de certa forma, como se estivessem sujeitos à necessidade? É precisamente o que ocorre nos exemplos que acabei de mencionar: o sol que se levanta e o homem que caminha. No momento em que esses acontecimentos se produzem, não podem deixar de se realizar, e no entanto um deles, antes mesmo que ocorresse, deveria necessariamente ocorrer, e o outro não. E é dessa forma que Deus considera todas as coisas em seu presente eterno: elas se realizarão com certeza, mas algumas delas procedem forçosamente da necessidade das coisas, enquanto outras procedem do poder daquelas que se realizam. Portanto, não nos enganamos ao dizer que, se vemos as coisas da perspectiva divina, são necessárias; mas, consideradas nelas mesmas, estão livres de qualquer vínculo com a necessidade. Acontece o mesmo com tudo o que está relacionado aos sentidos: se os encaramos do ponto de vista da razão, são universais, mas, se os consideramos em si mesmos, são singulares; se estivesse em teu poder mudar os planos, tornarias vã a Providência, uma vez que talvez pudesses modificar o que

ela conhece previamente. Eu responderia que podes mesmo mudar o rumo de teus projetos mas, dado que a verdade da Providência vê em seu presente que podes realizar tudo conforme ela deseja ou tomar outro rumo que é o teu, não podes de forma alguma evitar a presciência divina, pois não podes escapar do olhar sempre presente, mesmo se tomas outro rumo, recorrendo a teu livre-arbítrio. Que dirias então? O saber divino poderia ser modificado por tuas disposições a ponto de, conforme quisesses tal ou tal coisa, não soubesse ele de tuas hesitações? De forma alguma! O olhar divino precede de longe todo o futuro, e ele o faz vir no presente segundo o modo de conhecimento que lhe é peculiar, sem passar, como tu crês, da presciência de uma coisa à outra, mas, de um só golpe de vista, ele prevê e abarca tuas mudanças sem se modificar. E Deus possui essa imediaticidade da compreensão e visão de todas as coisas, não da realização de acontecimentos futuros somente, mas de sua própria indivisibilidade. E é também dessa forma que podemos resolver a dificuldade que acabas de mencionar e que se baseia no sacrilégio de se dizer que nossas ações futuras fornecem a causalidade do saber de Deus. Na verdade, a natureza desse saber, que abarca todas as coisas num conhecimento imediato, fixa todas as coisas num limite sem depender em nada dos acontecimentos futuros. Sendo assim, os mortais conservam seu livre-arbítrio intacto, e não há nenhuma injustiça nas leis que propõem recompensas e punições às vontades que são absolutamente livres de toda necessidade. Aquele que nos observa do alto, que perdura eternamente, que tem a presciência de todas as coisas, é Deus, que, com a eternidade sempre presente de seu olhar, concorda com a qualidade futura de nossas ações distribuindo aos bons as recompensas e aos maus os castigos. E não é em vão que colocamos em Deus nossas esperanças e preces, as quais, sendo justas, não podem permanecer sem algum efeito. Afastai-vos portanto do mal, cultivai o bem, elevai vossas almas à altura de vossas justas esperanças e fazei chegar aos céus vossas humildes preces. A menos que queirais esconder a verdade, é grande a necessidade que tendes de viver segundo o bem, quando agis sob os olhos de um juiz que tudo vê.”

11. Homero, *Ilíada*.